

REVISTA

— DA —

SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA

— DO —

RIO DE JANEIRO

Tomo XXXIV

1929

(1.º Semestre)

COMMISSÃO DE REDACÇÃO

Lindolpho Xavier (Director da "Revista") — Delgado de
Carvalho — Alcides Bezerra — Vicente Licinio
Cardoso — Liberato Bittencourt.



PRAÇA 15 DE NOVEMBRO, 101 - 2.º

RIO DE JANEIRO — BRASIL

REVISTA

SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA

RIO DE JANEIRO

Tom II, 1919

1919

1.º Semestre

COMITÊ DE REDACÇÃO

Marcelo de Souza Dantas - Diretor - Rua 12 - 1 - Delgado de

Carvalho - Arthur de Azevedo - Vicente de Moraes

Carvalho - Manoel de Moraes



SPACA 15 DE NOVEMBRO, Nº 27

RIO DE JANEIRO - BRASIL

REVISTA

— DA —

SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA

— DO —

RIO DE JANEIRO

Tomo XXXIV

1929

(1.º Semestre)

COMMISSÃO DE REDACÇÃO

**Lindolpho Xavier (Director da "Revista") — Delgado de
Carvalho — Alcides Bezerra — Vicente Licinio
Cardoso — Liberato Bittencourt.**



PRAÇA 15 DE NOVEMBRO, 101 - 2.º

RIO DE JANEIRO — BRASIL

REVISTA

SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA

RIO DE JANEIRO

Tomo XXXIV

1929

(1.º Semestre)

COMISSÃO DE REDACÇÃO

Luiz de Albuquerque Lima — Director da "Revista" — Delegado de
 Cavalho — Aldeia Bezerra — Vicente Lúcio
 Cardoso — Liberato Pittencourt



PRAÇA 15 DE NOVEMBRO, 101 - 2.º

RIO DE JANEIRO — BRASIL

Revista da
Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro

T O M O X X X I V

(1º SEMESTRE DE 1929)

Anthropogeographia do Maranhão — S. Fróes Abreu.

Monographia de Maceió — Moreno Brandão.

O ideal dos nossos dias (conceitos de geographia humana) — José Magarinos.

O Brasil — Francis Parkinson Keyes. (Traducção do Dr. Antonio Amelio).

COMMUNICAÇÕES GEOGRAPHICAS

As nascentes dos rios — Alexandre E. Sommer.

“Gago Coutinho” — Paulo José Pires Brandão.

Areas geographicas do dinheiro — Isaura Sydney Gasparini.

Relatorio de 1928, do Presidente General Moreira Guimarães.

Directoria para 1929 - 1930.

Revista da
Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro

T O M O X X I V

(1º SEMESTRE DE 1929)

Antropogeographia do Maranhão — S. Fróes Alves.

Monographia de Macaé — Moreno Brandão.

O ideal das nossas dias (conceitos de geographia humana) — José

Machado.

O Brasil — Paulo Farkinson Keyes. (Tradução de Dr. Antonio

Amello).

COMMUNICAÇÕES GEOGRAPHICAS

As margens dos rios — Alexandre F. Sommer.

"Cabo Gostinho" — Paulo José Pires Brandão.

Áreas geographicas do diâmetro — James Sydney Gasparini.

Relatório de 1928 do Presidente General Moreira Guimarães.

Directoria para 1929 - 1930.

Contribuições para a anthropogeographia do Maranhão (*)

S. FRÓES ABREU

O tempo que me foi destinado a entreter-vos não dá margem a falar pormenorizadamente sobre todos os pontos curiosos que o assumpto encerra. Tratarei então, de *alguns* pontos que caracterizam o Maranhão e servem bem para pôr em evidencia as relações mutuas entre o homem daquellas paragens e o meio em que elle vive.

Consoante essa orientação abordarei apenas alguns themas que representando grande interesse no ponto de vista geographico não deixam tambem de representar uma curiosidade para os que vivem nas cidades, alheios á vida dos sertões.



O solo maranhense, em sua quasi totalidade, é formada de rochas modernas. A baixada que comprehende quasi a metade do Estado, tem uma constituição geologica semelhante á da Amazonia — terreno de idade terciaria e formações quaternarias; o planalto central é constituído por camadas de grês, cortadas nalguns pontos pelas rochas intrusivas; a idade desse planalto é objecto de controversia — triassica para Arrojado Lisbôa, cretacea para Moraes Rego, terciaria para Antonio Dias.

No Maranhão são muito raras as rochas primitivas ou archeanas.

Um pedaço de granito é a cousa mais rara no interior do Estado, só em Rosario, no baixo Itapecurú e no rio Monim ha pedreiras de rochas archeanas.

Isso prova que durante seculos incontaveis, emquanto já estava fóra das aguas grande parte do massiço brasileiro, o que hoje constitue o Maranhão era apenas fundo de lagos e mares rasos. Dos animaes e plantas que viveram nesses tempos recuados, têm-se informações pelos fosseis conservados nas rochas.

As da chamada *série do Parnahyba* contêm fétos silificados, do genero *Psaronius*, os calcareos do centro do Estado contêm moldes de peixes que

(*) (Conferencia realizada na Associação Brasileira de Educação, serie de Ensino Technico Superior).

viveram nos lugares onde hoje é terra firme; perto da capital, já têm sido encontradas ossadas de mamíferos do género *Mastodon*.

A terra lá livrou-se de grandes commoções, de modo que as camadas depositadas na mais perfeita horizontalidade, até hoje quasi conservam essa posição. Só no centro e sul do Estado, em certo periodo da época secundaria, ocorreram manifestações eruptivas; um magma basico injectou-se através dos sedimentos arenosos, causando os derrames de diabases que se observam em Grajahú, e noutros pontos, mais ao sul.

Formada, quasi na totalidade, pelos terrenos sedimentares, a região já nasceu com feições muito suaves.

Com o evoluer da terra, as acções que sobre ella se têm exercido vão tendendo cada vez mais a desmanchar as pequenas rugas que appareceram após a formação dos terrenos.

Sobre os lençóis de argillas as aguas das chuvas foram cavando as calhas dos rios, formando os valles e baixões, dando á terra fórma semelhante á que hoje se vê. As grandes massas arenosas desaggregadas pelas aguas foram se desfazendo em areia que as torrentes carregaram para os niveis mais baixos enchendo depressões, no trabalho constante de tudo nivellar.

Já devia estar a terra muito proxima da fórma actual, quando o homem, vindo doutras paragens á procura de melhor *habitat*, fixou-se naquelle recanto de que nos occupamos nesta palestra.

O achado de sambaquis na ilha de S. Luiz e os restos das habitações lacustres na zona do Pindaré — obra do prof. Raimundo Lopes, indicam a occupação da terra pelo homem desde tempos immemoriaes. A ceramica encontrada denota um gráo de cultura superior ao das tribus do interior maranhense.

Quando navegantes hespanhóes e portuguezes tocaram a terra americana, já ha muito os indigenas povoavam aquella região.

Havia gente, alli fixada ha muito tempo; o litoral depois foi conquistado por outros povos que para lá emigraram. Estes do litoral foram os Tupinambás.

“Da tribu pujante

Que agora anda errante,

Por fado inconstante...” — como disse o poeta.

Occupava numerosas aldeias na costa e na ilha Javiré — depois ilha do Maranhão, hoje quasi sempre chamada São Luiz. Suppõe-se que chegaram lá no meiado do seculo XVI, a julgar pelas noticias colhidas pelos padres da missão La Ravardiére, — os primeiros a estudar a ethnographia maranhense.

Viviam de caça, pesca e agricultura.

Plantavam mandioca para fazer farinha e o celebre *cavi*; cultivavam algodão com que teciam suas rêdes, cordas e varios adornos.

Não viviam tranquillos.

De par com a imminencia de guerras com as tribus visinhas, (tapuias) sonhavam com um viver de mais conforto, numa terra onde não fosse preciso trabalhar arduamente para satisfazer ás necessidades mais prementes da vida.

Foi esse desejo ardente de melhorar de sorte que fez com que um grupo numeroso de Tupis em 1549 chegasse até o Perú, numa longa e penosa jornada, para o oeste, em busca da terra *sem males*, de suas crenças.

O litoral, junto ás bocas do actual rio Parnahyba, outróra Paraguassú, era occupado pelos Taramambézes, (*) indios valentes e guerreiros, que

(*) ou Tremembéses.



*Vista de São Luiz. No primeiro plano o grande edificio do palacio do Governo
(Phot. Fróes Abreu)*



Typos de habitação. A' direita um estabelecimento commercial, á esquerda uma casa de moradia. Note-se a occorrença de palmeiras (babassú) e o sólo arenoso. Photographia tomada na zona marginal á Estrada de Ferro entre Itapicurú Mirim e Caxias — (Phot. Fróes Abreu)



os portuguezes em cruas guerras, destruíram completamente. Conta-se que esses índios eram habéis nadadores; passavam horas inteiras no mar, e mergulhavam admiravelmente. Diz-se mesmo que entravam nagua com paus aguçados e os metiam pela guela dos tubarões, quando se viam perseguidos por aquelles terríveis peixes, tão communs no Maranhão. A abundancia de tubarões na Bahia de S. Marcos, e de poetas na terra, dev' origem ao dictado:

“No Maranhão,
pesca-se um poeta ou um tubarão”.

O interior era o territorio dos Tapuias.

As hordas eram numerosas e inimigas entre si.

Por todas as ribeiras ellas se espalhavam devastando outras aldeias, conquistando as terras boas de caça e apoderando-se das roças feitas por outrem.

Os Gamellas, que occuparam nalgum tempo o Itapecurú, eram conhecidos pelos grandes botoques que usavam no labio, á semelhança dos Botucudos do Rio Doce.

Esse grupo foi completamente extinto.

Os Tymbiras, cantados pelo poeta Gonçalves Dias, num poema, dedicado ao Imperador, occupavam o centro do Maranhão e a ribeira do Itapecurú. Hoje ainda restam alguns Tymbiras, numa aldeia situada entre o alto Grajahú e o Tocantins.

Ainda representantes do grupo Gê no Maranhão são os Canellas e e Caraôs; (**) aquelles á borda da chapada do Alpercatas, entre os rios Itapecurú e Corda; esses outros na zona do rio Manoel Alves Grande, affluente do Tocantins.

Os Tupinambás da costa desapareceram todos deixando, sem duvida, uma parte de seu sangue diluida com o do negro e do portuguez. Restam, entretanto, alguns tupis; os Guajajáras senhores do alto Mearim e Pindaré e os Tembés, (***) senhores do Gurupy e possivelmente os Urubús, que ainda constituem uma incognita na ethnographia brasileira.

Vivia essa gente em luta constante contra a rudesa do meio e contra os visinhos inimigos.

Exactamente como disse o poeta, na canção do Tamoyo.

— ... a vida

E' lucta renhida;

Viver é luctar

À vida é combate

Que os fracos abate,

Que os fortes, os bravos,

Só póde exaltar.

Certo dia apparecem no mar grandes embarcações que naufragam junto á terra. Eram os portuguezes, sob as ordens de Ayres da Cunha, que iam povoar a Capitania doada por D. João III a elle João de Barros.

(**) ou Craôs.

(***) ou Teimbés.

Parte da tripulação dos 10 navios (10 navios, 900 homens, 113 cavallos — a maior frota então armada por particulares) — salvou-se e regressou a Portugal pouco tempo depois num navio que andava pirateando; consta que ficou sómente um portuguez, de nome Pero, que fez amizade com os indios, dando-lhes as ferramentas dos destroços das embarcações, introduzindo, entre elles, o uso dos metaes, desconhecido no Maranhão pre-historico.

Diz-se que esse homem casou-se com a filha dum principal, e teve numerosa descendencia, dando origem á tribu dos Amanajós ou indios claros (Frei Francisco Nossa Senhora dos Prazeres, na Revista do Inst^o. Historico e Geographico Brasileiro, LIV parte I — 1891).

Annos depois surgiram novamente extranhos no Maranhão, homens de pele clara, nariz afilado e cabellos louros.

Eram os francezes que pretendiam compartilhar da terra desvendada por Cabral.

Jacques Riffault que andava pirateando pelas costas brasileiras, estabeleceu-se no Maranhão.

Captivou a amizade do gentio e ahi permaneceu durante algum tempo, depois, deixou parte de sua gente ao mando de Charles Des Vaux, voltou á França e lá morreu. Charles de Vaux, foi então á Europa e conseguiu interessar a corôa de França na conquista do Maranhão.

Veio La Ravardière fazer um reconhecimento, verificou a possibilidade da fundação dum estabelecimento francez e regressou á Europa afim de dar conta ao rei de sua missão.

Já não encontrou mais Henrique IV que havia sido assassinado pelo senhor Ravailiac; Maria de Medicis, não quiz fazer a conquista, mas concedeu favores a uma sociedade formada por Nicoláo Harley e Francisco de Rasilly, os quaes armaram uma esquadra de 3 navios e quasi 500 homens.

Vencidos grandes temporaes, chegaram esses francezes ao golfão maranhense e se estabeleceram na grande ilha, onde havia cerca de 23 aldeias de indios.

Não tardou muito que os portuguezes tivessem conhecimento da estadia dos francezes, e logo preparassem uma expedição com o fim de expellil-os.

No governo de Gaspar de Sousa (segunda decada do seculo XVII) travaram-se lutas entre os lusos e brasis ao mando de Jeronymo de Albuquerque e os francezes estabelecidos em 1614 na cidade que chamaram São Luiz.

Conseguiram expellir os invasores francezes graças ao reforço levado por Alexandre de Moura. Ficaram, então, montando guarda á terra, ciosos de seus direitos de descobridores.

Em 1641 os hollandezes desembarcam em São Luiz, e por falta de recursos e pela tibiesa do governador Bento Maciel, cae a cidade em poder dos invasores. Esses saqueiam as casas, quebram as imagens das igrejas e exigem contribuições em açúcar e alimentos. Occupam a terra cerca de dois annos, mas enfim são expellidos.

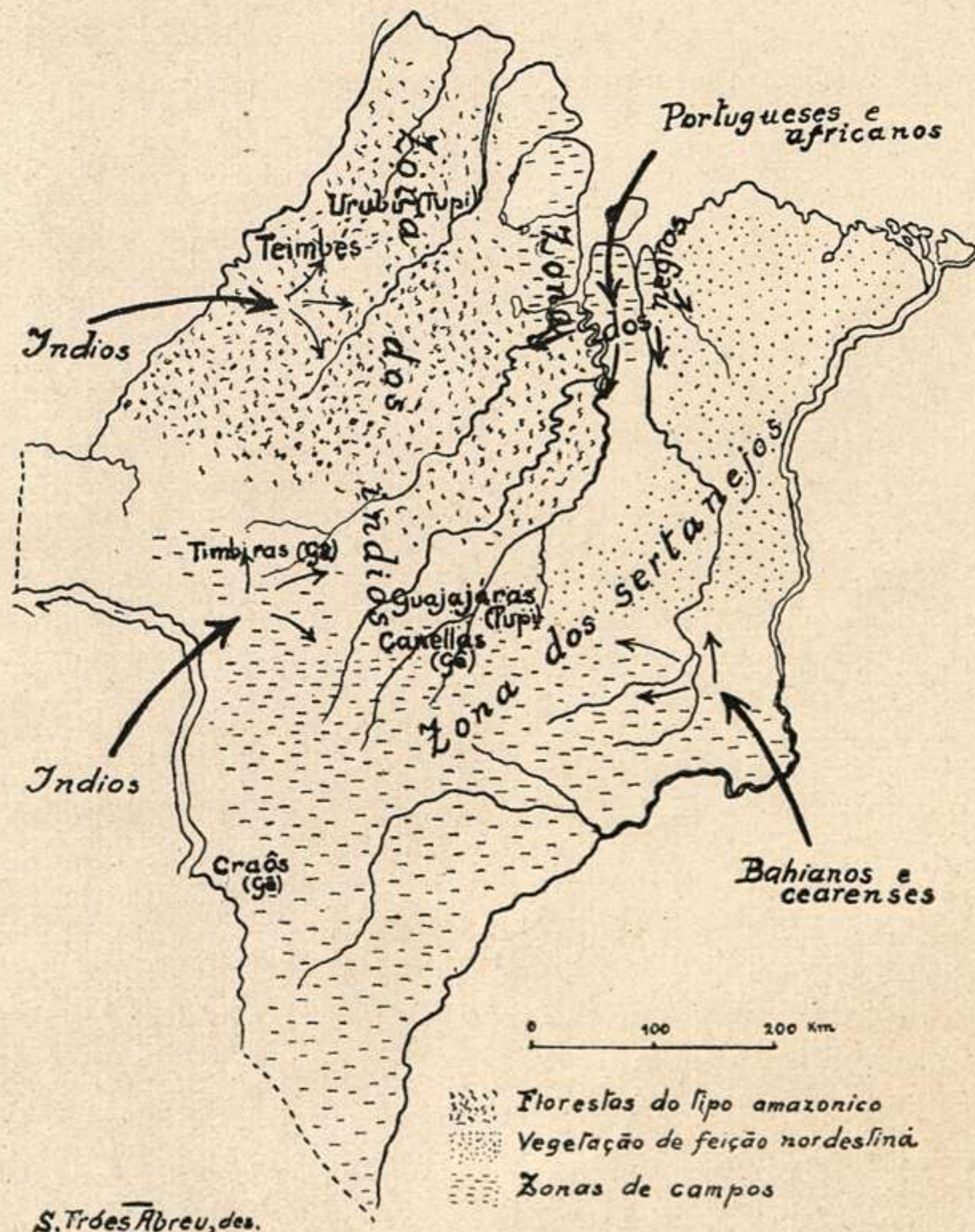
Ficam então os portuguezes com a posse definitiva do Maranhão até a independencia da colonia brasileira.

O povoamento da terra foi se fazendo aos poucos, aproveitando os rios para caminhos de penetração.

O Itapecurú, o Mearim e o Pindaré foram os primeiros occupados. A expansão para o interior foi se dando muito vagarosamente por causa das tribus indigenas.



Vista geral da cidade Barra do Corda á margem direita dos rios Mearim e Corda
(Phot. Fróes Abreu)



Zonas de povoamento e de vegetação.

No principio do seculo XVIII os sertanistas da casa da Torre, do nobre Garcia d'Avilla, da Bahia, levaram suas incursões até os sertões além do Parnahiba.

Partindo do sertão bahiano, fundaram curraes de gado no sul do Piauí; daí passaram para a outra banda do rio Parnahiba e descobriram terras proprias para pastagens, que chamaram de sertões dos "pastos bons". Ahi fundaram as fazendas que deram origem ao povoamento dessa região. Em 1751, informa Capistrano, a capitania contava 203 fazendas a criar gado, sendo 44 em Pastos Bons e 35 em Aldeias Altas. (*)

Os que descobriram o Maranhão pela costa notaram que a ilha era ondulada, coberta de mattos onde abundavam as palmeiras — babassú por toda parte, burití e assahí nos lugares mais humidos.

As terras do continente, junto ao mar eram planicies extensas, campinas completamente niveladas, cobertas de gramineas, inundadas em varios trechos e emmolduradas pela matta do mangue ciriba.

Alguns trechos continham bellos carnaúbaes.

Para as bandas do Pindaré essa feição se extendia mais que noutros lugares onde perto começava o dominio da floresta de babassú, do cócal, consoante a terminologia regional.

Ninguem se atrevia a penetrar fundo nas terras, receioso da flecha e dos golpes do tacápe.

Muita agua no solo, muito calor e muita humidade na atmosphaera, eram as características dessa região.

Já os sertanistas bahianos que chegaram á ribeira do Itapecurú, no curso alto, toparam com uma terra bem differente.

Pouca agua no solo, uma flóra de caracter xerophilo e pouca humidade atmospherica eram as feições ali dominantes.

Hoje, sabemos que no Maranhão se encontram tres regiões de tipo bem diverso — a baixada, o sertão e a matta do oeste.

Ha os indispensaveis intermediarios pois a *natureza não dá saltos*, mas os tipos referidos têm caracteres proprios, bem definidos.

A baixada, junto ao litoral do golfo, é constituída pelas campinas a que já me referi; mais para o interior as terras vão alteiando aos poucos, através duma superficie ondulada. E' a zona do babassú; quasi toda a extensão é coberta pelos palmares desse precioso vegetal que tanta attenção vem últimamente despertando.

Numa transição lenta, passa-se para o tipo do baixo sertão para chegar-se ao planalto maranhense, que se póde attingir em poucos degráos.

O planalto central do Estado é constituído pelas terras mais altas que se ligam ás de Goyaz; nelle se erguem algumas chapadas, das quaes, a mais alta attinge a cota de 700^m.

A região do planalto tem como características — um sólo geralmente arenoso, proveniente da decomposição dos chapadões de arenito; uma flora xerophila, do tipo conhecido da flora dos campos cerrados, e pouca humidade atmospherica.

As plantas dahi são outras, o babassú é substituído pelos buristisaes, que formam grandes agglomerações junto aos lugares humidos. Frequentemente o burití é acompanhado pela buritirana — burití que não é o verdadeiro, na linguagem do indio.

Nos lugares seccos, arenosos, resequidos pelo sol ardente, distendem-

(*) Hoje Caxias.

se as agglomerações de mangabeiras, o vegetal que além de saboroso fructo nos dá uma qualidade de borracha, inferior á da *Hevea*.

A flora desses campos cerrados produz muitos fructos saborosos, de que os indios se aproveitam; além da mangaba, já referida, lá se colhe o bacurí, o puçá, o pequi, o cajuhi e ainda outros.

As arvores dos campos cerrados têm um porte muito característico, são geralmente de tronco robusto, tortuoso, de casca grossa e fendilhada, muitas vezes recobertas de espesso tecido suberoso. Têm um conjuncto de caracteres que traduzem meios de defeza contra a seccura do ambiente em que vivem.

O terceiro tipo regional é o das grandes mattas que ficam no occidente do Maranhão e se ligam ás mattas do oriente paraense. São pujantes florestas do tipo amazonico.

Humidas, alagadas nalguns trechos (igapós), cortados de igarapés, segundo a descripção dos que as têm visitado.

Dão abrigo, na parte mais septentrional, aos indios Urubús, que têm atacado povoados do norte do Maranhão e trucidado empregados do telegrapho nacional que trafegam naquella zona.

E' a região menos conhecida do Maranhão, vae do Pindaré ao Gurupí.

O producto mais característico da baixada maranhense é o babassú. Nenhum dos presentes, de certo, desconhece as vantagens desse utilissimo côco, sendo até provavel que alguns, mal informados pelas noticias tendenciosas que frequentemente se publicam nos jornaes, attribuam a elle vantagens que não possui.

A palmeira conhecida por varios nomes — uanássú, babassú, aguaçú, etc., scientificamente classificada no genero *Orbignia* por Barboza Rodrigues tem grande disseminação no centro e norte do nosso paiz.

Cobre extensos tractos de terra, em Matto Grosso, Goyaz, Pará, Maranhão e Piauhy, e tambem ocorre em outros Estados.

O fructo dessa palmeira compõe-se dum epicarpo fibroso, dum mesocarpo, formado por um parenchyma com cellulas amylaceas, ao lado de hemi-celluloses, dum endocarpo rijo, lenhificado, de composição semelhante ás madeiras, e finalmente de sementes em numero variavel de 1 a 8.

O valor principal do côco está nas sementes ou amendoas, que contêm geralmente de 66 % a 68 % de materia graxa (oleo).

Ha cerca de 15 annos esse producto não tinha valor commercial, embora muitos já suspeitassem desde tempos remotos que haveria de ser, no futuro, uma das principaes fontes de riqueza do Maranhão.

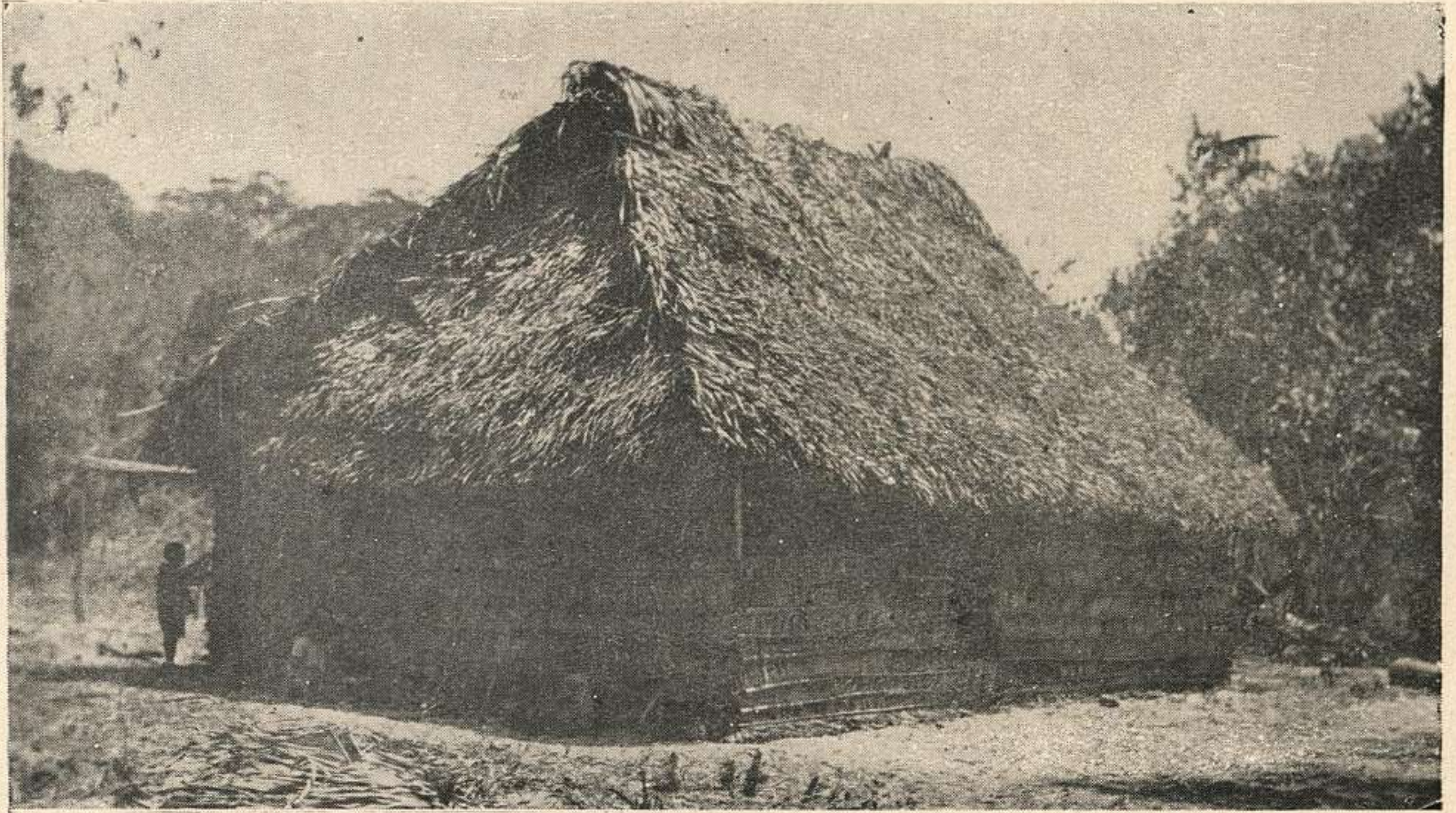
Para citar um desses, — lembro as palavras dum antigo presidente do Maranhão — o dr. Eduardo Olympio Machado. Num relatorio apresentado á Assembléa Provincial, em 1854 (ha 75 annos!) chamava a attenção para o côco *sylvestre* tão abundante nas mattas daquella Provincia.

Já se avaliava a difficuldade de extrair as sementes do rijo estojo que as proteje e o dr. Olympio Machado, com a mais alta visão economica, dizia:

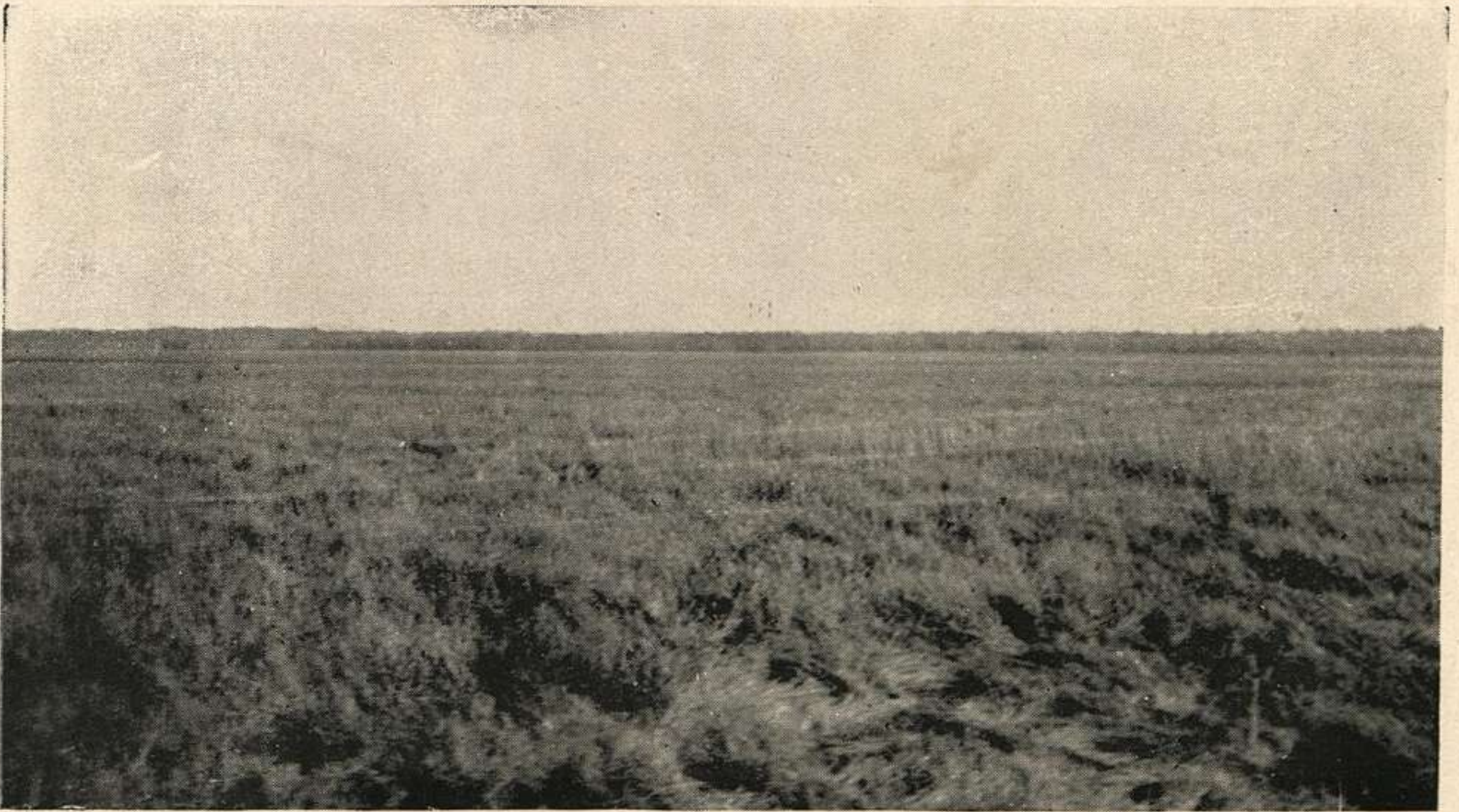
“Para que o fabrico deste genero se faça em grande escala resta apenas descobrir uma machina, que quebre com facilidade o ouriço do côco, que é mui rijo. O augmento deste ramo de industria valia a pena que se desse um premio a quem a inventasse”.

Ha 75 annos já se insistia na necessidade duma machina, e o pouco que se exporta actualmente — 26.000 ton. valendo 24 mil conos, no anno de 1927, póde-se dizer que é todo quebrado no “olho” do machado!

Isso mostra bem nossa capacidade de acção...



*Typo de casa no interior do Maranhão. O material utilizado é a palma do babassú.
(Phot. Fróes Abreu)*



*Campo de Rosario, proximo ao litoral, na região atravessada pela via ferrea
(Phot. Fróes Abreu)*

Os palmares de babassú representam uma possibilidade incalculavel porque constituem uma fonte inexgotavel de oleo vegetal, producto cujo consumo vae augmentando constantemente.

Na palavra inexgotavel não vae um traço de exagero, porque se trata duma producção vegetal, que se renovará emquanto houver luz na atmosphera e alimento no solo, necessarios ás operações de synthese no vegetal.

Uma jazida mineral tende a exgotar-se quando é explorada, mas um producto vegetal, mórmente como o babassú, tende a renovar-se por si mesmo, porque os côcos que caem no solo vão germinando e dando assim origem a florestas fechadas, onde muitos individuos são sacrificados á mingua de espaço e de luz.

Que nos póde dar o babassú? — Muita cousa. Oleo vegetal de qualidade superior susceptivel de uso proveitoso na alimentação humana.

Só isso é sufficiente para antepor-se ao babassú o qualificativo *utilissimo*. Aliás, é nisso que se funda o valor attribuido no estrangeiro ao babassú. De par com a maneira mais efficiente de aproveitar-se o oleo de babassú — que é utilizal-o na alimentação — elle tambem serve para o preparo de sabões da mais fina qualidade. O residuo da extracção do oleo, o bagaço do côco, na linguagem vulgar, ou a torta, na linguagem industrial, é um valioso alimento para o gado leiteiro, porque além duma certa proporção de materia graxa que ainda contém, encerra grande quantidade de substancias azotadas, de hydratos de carbono facilmente assimilaveis e de phosphatos.

Toda a torta fabricada pela Companhia Mecanica e Importadora de São Paulo, aqui na praia de São Christovam, é exportada para a Europa afim de servir de alimento ao gado.

Mas como o Maranhão não é a “terra sem males” da crença tupinambá, para se gosar das vantagens que o babassú nos póde proporcionar, é necessario trabalhar arduamente.

Hoje, quasi toda a producção de amendoas de babassú, no Maranhão, é conseguida quebrando-se o côco, um a um, de encontro ao gume do machado. E’ um trabalho muito penoso, praticado principalmente por mulheres e creanças, que dão assim um bello exemplo de vigor espiritual, ajudando os maridos e paes, que estão nas roças trabalhando... ou no povoado bebericando.

A colheita e quebramento do côco babassú podem ser tomados como paradigma da contribuição feminina na producção maranhense.

Com esse methodo de trabalho a capacidade de producção está limitada pelo numero de braços e não poderá ser muito superior á actual, sem detrimento das safras dos outros productos do Estado.

Uma condição primordial para o desenvolvimento da producção de babassú é a substituição do trabalho manual pelo trabalho mecanico.

Os palmeirae de babassú têm tal desenvolvimento no Maranhão que por si só justificam o cognome de “terra das palmeiras” firmado na literatura, pelos versos de Gonçalves Dias.

E’ ao babassú que se referem varias passagens do poeta:

“Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá
As aves que aqui gorgiejam
Não gorgiejam como lá”.

(Na Canção do Exílio).

“Cantor das selvas, entre bravas mattas
Aspero tronco da palmeira escolho.
Unido a elle, soltarei meu canto,
Emquanto o vento nos palmares zune
Rugindo os longos encontrados leques”.

(Intr. dos Tymbiras).

“Não tem doçura o deserto
Não têm harmonia os mares
Como o rugir dos palmares
No correr da viração”.

(Solidão).

Tal é a abundancia de palmeiras em certos lugares, que o homem se vê obrigado a abrir lucta com ellas defendendo alguns metros de terra para suas roças. E' muito commum verem-se roçados de algodão, arroz e milho ou mandioca entre troncos carbonizados de palmeiras e pindovas (*) que mal desponham da terra já mostram duas palmas erectas.

O crescimento da palmeira é relativamente lento; calcula-se em 10 annos o tempo necessario para fructificar, de modo que na lucta contra a invasão das palmeiras, sempre vence o agricultor. Vence, mas com trabalho e graças ao auxilio do fogo, o poderoso instrumento agricola que o indio usava contra a pujante vegetação tropical.

As sementes de babassú hoje constituem o principal producto da exportação maranhense; as possibilidades que lá se encontram permitem prognosticar uma enorme expansão dessa industria extractiva quando forem introduzidos os methodos de exploração adequados ao genero de trabalho.

A agricultura praticada na baixada, limita-se ao cultivo da mandioca, feijão, milho, arroz e algodão. Tudo mais ou menos em escala pequena, pela carencia de braço e pela falta de ambição dos plantadores.

O algodão produz melhor nas zonas de transição para o sertão; Caxias é um centro productor e consumidor, Coroatá e Pedreiras são *leaders* na producção.

No alto sertão a producção vegetal é pequena; gado e couros são os principaes productos exportadores.

A zona das mattas occidentaes produz sementes de cumarú, oleos de copahiba, andiroba e alguma castanha.

Parte desses productos é fructo do trabalho indigena e se exporta pelo Estado do Pará.

O cumarú é uma semente oleosa muito perfumada, conhecida na Europa por *fève Tonka*. Contém um oleo essencial que encerra uma substancia cristallizavel — a cumarina — já obtida por via synthetica.

O oleo de copahiba e as sementes de cumarú — são productos das florestas sul americanas. O primeiro é retirado do balsamo de copahiba que se colhe no tronco de certas arvores do genero *Copahifera*. — Os teores em oleo essencial, nos balsamos de copahiba do Maranhão variam de 35 a 55 %, o oleo é constituído principalmente por sesqui-terpenos e têm largo emprego em medicina pela acção cicatrisante. As mattas occidentaes contêm ainda *heveas* e castanhaes de *Bertholletia excelsa* (castanha do Pará) cuja producção ainda é limitada.

(*) Pindova é a palmeira nova que ainda não tem estipe; deriva certamente de *pinó* (tupi dos Guajajaras) que significa palma.



Buritisal no sertão maranhense. — (Phot. Fróes Abreu)



*Palmeiral de babassú á margem do rio Mearim, na baixada maranhense
(Phot. Fróes Abreu)*

Estão ahi, em linhas geraes, as principaes producções do reino vegetal do Maranhão.

No reino mineral nada se encontra de tal importancia que mereça attenções espeiciaes quando se fala das principaes producções, daquellas cujo interesse resalta aos olhos de qualquer observador.

Ha ouro nos rios Gurupi e Turi-Assú, ha gesso em grande quantidade no centro e sul do Estado, ha amostras de cobre nas eruptivas de Grajahú, outras occurrencias de interesse secundario para todos quanto sabem dar justo valor ás jazidas mineraes.

É possivel que ao N. e O. do Estado se verifique a occorrenca de jazidas de grande importancia porquanto são conhecidas amostras de productos de muito valor provenientes daquellas regiões.

Como já se disse, no ponto de vista phisiographico, o Maranhão compõe-se dum planalto que abrange o centro e o sul — e duma planicie do centro para o norte. Nas partes elevadas do planalto não ha concentração de população, todas as cidades têm cotas pequenas, quer estejam no litoral quer na parte meridional.

Assim Carolina está a 90^{ms.}, Barra do Corda a 80^{ms.}, Grajahú a 95^{ms.}, Turi-Assú a 15^{ms.}, São Bento a 11^{ms.}, Imperatriz a 92^{ms.}, Picos a 80^{ms.}, Mirador a 90^{ms.}.

A natureza do terreno deu ensejo á navegabilidade dos rios; dagua. Saivo no curso alto onde se succedem os rapidos ou corredeiras, conhecidos localmente por itaipadas ou *itai-ahãos*, geralmente todos os rios são de baixada e com alguns melhoramentos seriam boas vias de communicação.

Acompanhemos, por exemplo, o curso do Mearim, o mais trafegado dos rios maranhenses (excepção feita do Parnahyba que serve ao commercio de 2 Estados). O limite da navegação é Barra do Corda; na secção da embocadura até o porto de Pedreiras navegam os vapores do Lloyd Maranhense; de Pedreiras acima o rio dá acesso sómente a lanchas que rebocam batelões de madeira de 50 toneladas de carga maxima.

Desde a foz do rio Engeitado, no municipio de Grajahú, o Mearim tem numeros rapidos ou *itai-ahãos* que tornam difficil a navegação, mesmo para as canoas dos indios Guajajáras. Nas margens erguem-se frequentemente grandes paredões á pique, do arenito branco, com elevação de 15 a 20^{ms.} nobre o nivel dagua.

São os "talhados" de pedra, numerosos, ora numa margem ora noutra, até a confluencia com o Corda. Ainda algumas leguas abaixo de Barra do Corda, vêem-se bonitos talhados, sendo notavel um que fica proximo ao lugar Uchôa, onde se observa um affloramento calcareo, que contém numerosos moldes de peixes fossilizados.

Até ahi o rio corre numa calha funda, e a topographia em volta não permite espraiaimentos sinão nas grandes cheias.

Abaixo de Barra do Corda, quando terminam os talhados areniticos, o terreno é mais baixo, deparam-se varzeas muito ferteis, aproveitadas pelos ribeirinhos para cultura de cereaes e legumes. As arvores em volta são cobertas por plantas epiphitas dando a impressão dum pesado lençol verde distendido sobre a floresta marginal.

Sempre tortuoso, formando voltas extensas, o rio vae agora cortando a planicie, entre a matta que nasce logo junto á barranca.

De quando em vez, atravessa um denso palmeiral. Em certo trecho, notadamente abaixo de Pedreiras, toma a feição de rio amazonico em miniatura, com muitos furos que vão ter de novo á corrente principal. Ha um lugar chamado 3 boccas, antes de Pedreiras, cujo nome traduz a realidade; o rio ahi tem tres boccas. No tempo de estiagem, abaixo de Pedreiras a navegação ainda se faz com alguma difficuldade para os vapores, mas de Lapella até a foz o rio não offerece mais obstaculos. Só a poróróca, entre Arari e a barra póde inspirar cuidados aos navegantes.

A rede fluvial permite dar á região faceis meios de transporte; cada zona é servida por um curso d'agua que facilita o acesso muito no interior do Estado. Os rios já representam um papel muito importante no commercio maranhense e no futuro ainda será accentuada sua influencia sobre o desenvolvimento das regiões que atravessam. E' sabido que o transporte por agua é muito mais economico que por terra; por terra é mais barato que pelo ar. Uma das principaes causas do desenvolvimento industrial na região dos lagos, nos Estados Unidos, é a facilidade de transporte criada pelos lagos.

No Maranhão temos: — o rio Turi-Assú, já navegado por lanchas grandes, até Santa Helena; o rio Pindaré, navegando pelos vapores do Lloid Maranhense até Eugenio Central; o Mearim, por vapores até Pedreiras e por lanchas até Barra do Corda; o Itapecurú por vapores até Caxias, e por lanchas, no inverno, até Picos; o Parnahiba, por vapores até Floriano e por lanchas até muito além; o Balsas, navegavel por lanchas em grande parte, o Tocantins navegavel nos trechos entre as cachoeiras, (de Carolina a Porto Franco, e outros trechos abaixo de Imperatriz).

O Grajahú só é trafegado no inverno, pelas embarcações que vão á cidade do mesmo nome.

Não se povoou o valle do Grajahú; emquanto a população civilizada espalhou-se ao longo dos rios Itapecurú e Mearim, até mesmo nos trechos onde já é difficil a navegação, o Grajahú ficou despresado, á disposição do aborigene. E' menos apto á navegação — dizem os que o conhecem, comtudo, no curso baixo, será em breve muito trafegado, porque atravessa muitas terras cobertas de palmeiraes.

Os rios maranhenses são, portanto, um dos elementos que mais hão de contribuir para o desenvolvimento social e economico daquelle Estado.

Esboçado, em linhas geraes, o scenario em que vive o maranhense convém agora dizer algumas palavras sobre elle.

Para um ethnographo, o Maranhão é uma das regiões mais curiosas do Brasil porque ainda guarda, livre de deterioração adiantada, dois, dos tres ingredientes formadores do povo brasileiro.

Lá ainda se póde conhecer o indio e o preto.

No alto Pindaré, no Zutíua, no Manoel Alves Grande tribus gês e tupis conservam-se ainda isoladas do contacto intimo com os civilizados.

Na zona da baixada, ha familias inteiras de pretos livres de mescla sanguinea com brancos.

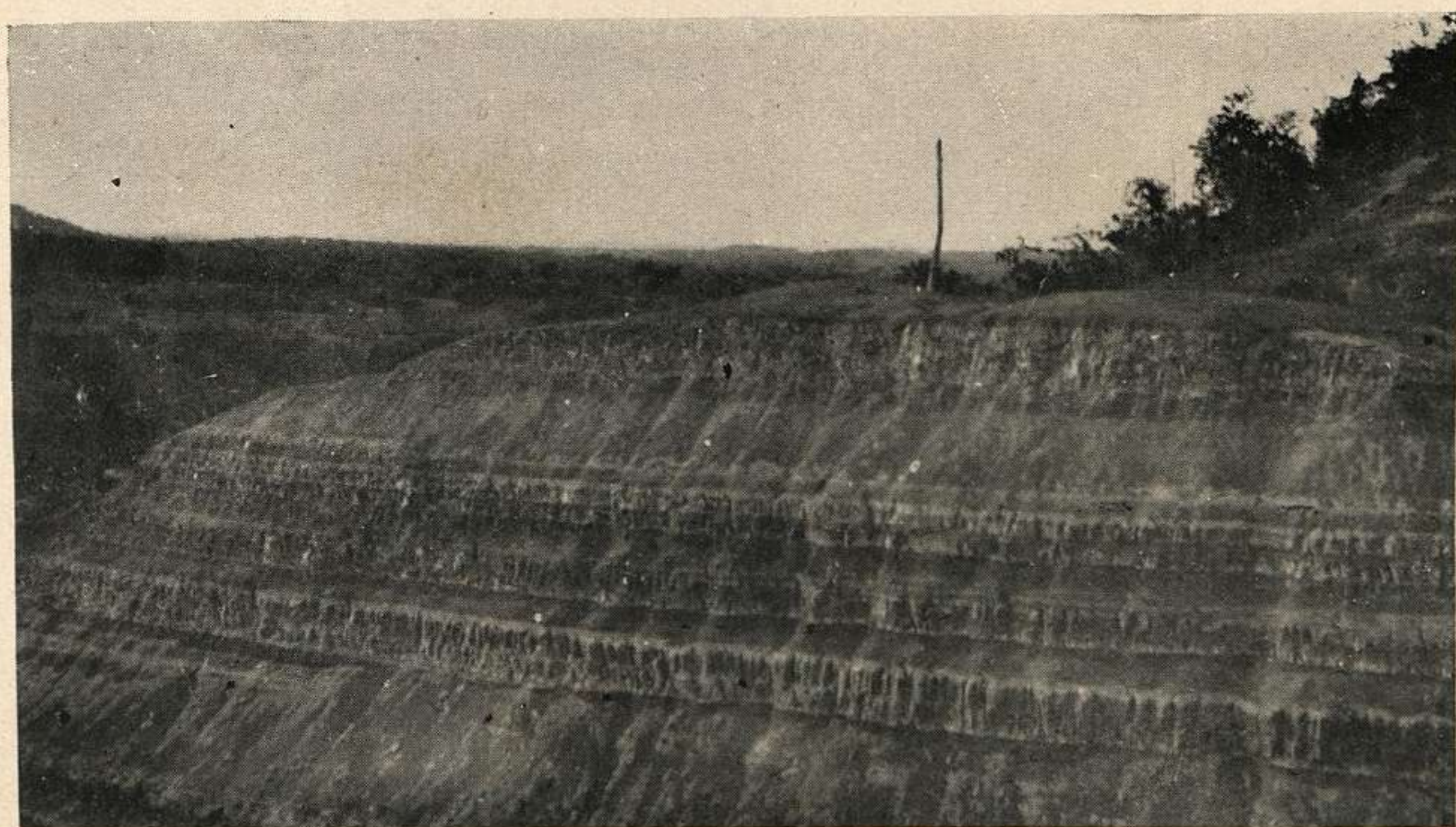
Se appellarmos para a classica figura do cadinho onde se fundem as raças, teriamos de dizer que no Maranhão a temperatura ainda não foi sufficiente para fundir completamente as raças, de modo que no seio do banho liquido ainda ha componentes que não entraram em fusão.

A população maranhense ainda não se homogenisou tanto como outras regiões do Brasil, como a do Nordeste, por exemplo.

Poderíamos representar, figuradamente, população maranhense, indicando nucleos fundamentaes no seio da massa mestiça.



Carnaúbal nos campos entre Codó e Caxias — (Phot. Fróes Abreu)



Camadas de arenito da formação do Sanharó, nos arredores de Caxias. Ao fundo, o aspecto geral do relevo da região — (Phot. Fróes Abreu)

Ora, onde se encontram esses tipos ethnicos fundamentaes ha quasi sempre — a falta de communicações, a carencia de conforto material, a mingua de cultura, faltam enfim, as characteristics do que se chama civilização.

Não andou muito mal, Huntington, quando no seu Mappa da Civilização enquadrou o norte e o centro do Brasil, na classe — *very low* — nivelando-o ao centro da Africa, á Arabia, ao Alaska e á Siberia.

Não vae impatriotismo algum dizer-se isso, que não é mais que a verdade, mórmente quando se tem base para crêr que os recursos naturaes permittem que o esforço humano remodele as condições actuaes e torne a terra proveitosa e confortavel.

E' difficil fazer-se uma idéa perfeita da composição quantitativa do povo maranhense; faltam estatísticas. O melhor trabalho, nesse assumpto, é a composição centesimal da população do Brasil Septentrional, segundo os estudos do prof. Roquette Pinto.

E' a seguinte:

Branços	36 %
Mulatos claros	11 %
" escuros	16 %
Caboclos	21 %
Negros	14 %

Esses algarismos se referem ao Norte, em geral. Se houvesse estudos abrangendo sómente o Maranhão notar-se-hia provavelmente uma alta porcentagem de negros. Segundo o censo de 1920, a população era de 874.337 hs. a superficie era de 346,217 kmq. a densidade era, pois, apenas 2,5 por kmq.

A população não está uniformemente distribuida; no oéste e no sul a densidade é minima, ao passo que os valles de Itapecurú, Mearim e a baixada entre Vianna e Cururupú são mais habitados. Na zona da baixada e na ilha a população negra é bem vultosa.

No Maranhão quem mais se preoccupa com o thema — negro — é o dr. Antonio Lopes da Cunha, secretario do Instituto Historico e Geographico, que tem recolhido curiosos dados sobre a raça negra no Maranhão, dados referentes aos costumes, ao folk-lore, á linguagem, etc.

Na séde do Instituto Historico em São Luiz ha uma curiosa collecção de objectos usados nas praticas fetichistas colhidos nas macumbas e candoblês dos arredores da capital.

Os indios do Maranhão representam ainda um valioso thema para estudos de ethnographia americana.

Tive a feliz oportunidade de permanecer entre elles algum tempo, no anno passado, e consegui elementos de grande valor para a ethnographia brasileira.

Como se sabe, os primeiros chronistas dividiram os selvagens do Brasil em dois grupos: tupís e tapuias.

A denominação tupí englobara muitas tribus que tinham certos caracteres communs. Falavam um idioma semelhante, tinham habitos semelhantes e mostravam-se possuidores duma cultura superior, á dos outros que falavam linguas muito diversas e pareciam mais embrutecidos.

Essa primitiva divisão, tão simples, foi se complicando á medida que foram sendo estudados os habitantes primitivos desta terra, chegando-se modernamente á divisão de Von den Steinen que considera 8 grupos:

Tupí
Gê
Caraiba
Nu-aruaik
Coitacaz.
Pano
Miranha
Guaicurú

Os índios que nós visitamos foram os Canellas e Guajájaras, os primeiros são representantes do grupo Gê; os últimos, são tupís.

A área de distribuição desses índios está indicada no mappa que organizamos.

A mais remota noticia que a Historia regista sobre índios Guajájaras, é o relato duma expedição de 45 soldados e 90 índios commandados por Bento Maciel, que subiu o rio Pindaré em 1616 a procura de riquezas mineraes.

Andaram pelas mattas e ao cabo de alguns mezes voltaram a São Luiz desilludidos — “Sem outro fructo de seu muito trabalho que o de fazer guerra ao barbaro Tapuya Guajajára com fatal estrago da sua nação”.

João Felipe Bettendorf (fim do seculo XVII) referiu-se por vezes aos descimentos dos Guajájaras. Para chegarem ás suas aldeias os portuguezes subiram em canoas o rio Pindaré, ou Pinaré como chamavam, e depois de certo ponto, dizem as chronicas que caminhavam “á pé, por terra, cinco dias de jornada, por chuvas e sóes, por espinhos e lagos, até chegarem finalmente á primeira aldeia de Capiytiba”.

“O padre José Maria os ensinou a tocarem a gaitinha, e assim affeioadissimos a esse genero de instrumento os fez, e estão tocando noites e dias estando desoccupados”...

Na zona sertaneja se observam accentuados caracteres nordestinos. O alto sertão marca o limite occidental de expansão do tipo nordestino, excepção feita da Amazonia, onde o nordestino é emigrado e não representa bem um tipo regional. Barra do Corda foi fundada por um cearense que aldeiou os Guajájaras dali e conseguiu manter sobre elles uma grande ascendencia. Foi um grande amigo dos índios, qualidade que herdaram seus descendentes; o deputado estadual Marcellino de Miranda, é neto desse homem, tem notavel prestigio entre os índios Guajájaras e Canellas e é hoje o maior defensor daquella gente miseravel.

As principaes familias de Barra do Corda descendem directamente de cearenses ou de sirios.

Quando uma quadra calamitosa destróe as culturas e mata a criação do cearense, elle corre em busca duma terra melhor; sabendo que não encontra uma terra sem males, já se contenta com uma terra sem secca, e muitos emigram para o Maranhão.

Lá encontram doce acolhida, e vão trabalhar até que possam regressar aos seus sertões adustos.

Os sertanejos maranhenses, que não têm proxima ascendencia cearense, descendem dos sertanistas bahianos, que no seculo XVIII e XIX mantinham relações estreitas com Carolina, Barra do Corda e Pastos Bons.

O conferencista tratou dos costumes dos índios Guajájaras e Canellas, assumpto que será reporduzido noutra escripto, a apparecer opportunamente.



O rio Itapecurú em Caxias. As barrancas são formadas de argilla plastica que ocorre no sub-sólo da zona da baixada — (Phot. Fróes Abreu)



Typo de vaqueiro sertanejo. Observe-se a roupa de couro, o typo do cavallo e o typo da cerca do curral á esquerda do quadro. Photographia tirada numa fazenda ao sul de Barra do Corda — (Phot. Fróes Abreu)

Dahi tambem os caracteres nordestinos observados no maranhense do sertão.

No sertanejo do Maranhão reconhe-se a alma nordestina, elles conservam as heranças psicologicas dos ascendentes dos sertões bahianos e cearenses. No folk-lore sente-se bem essas qualidades.

Pouca cousa que apprehendi, nesse thema, comprova o que me diziam conhecedores do sertanejo maranhense.

Nos versos populares vê-se bem a semelhança com esses que têm sido colleccionados e divulgados por varios literatos. (*)

E' bem accentuada a influencia do clima sobre o desenvolvimento dos povos. A intensidade dessa influencia é que tem sido muitas vezes mal comprehendida.

O clima do Brasil, é bom na opinião de uns, mau na de outros.

Ora, não se póde dar a um problema tão complexo como esse uma solução tão simples. Primeiro, não é licito falar em clima do Brasil porque dada a extensão e a diversidade do aspecto phisico, temos regiões de climas completamente differentes. Mas sobre uma mesma região — a Amazonia, por exemplo, ha conceitos diametralmente oppostos.

Dizem uns que é nefasto ao organismo humano, outros, como o grande naturalista Wallace, dizem que é dos mais amenos! Aqui mesmo no seio da Associação Brasileira de Educação o assumpto influencia do clima sobre a civilização já foi magistralmente tratado por um eminente professor (Alvaro Ozorio de Almeida).. Não quero, nem posso abordar esse problema em sua essencia, meu desejo aqui é sómente dizer algumas palavras sobre o papel do clima em relação ao grande problema do Maranhão de amanhã.

Para os que professam incondicionalmente as idéas de Buckle o Maranhão está fadado a um atraso eterno, a uma eterna selvageria! Huntington diz que um clima favoravel ao desenvolvimento da civilização deve ter verões quentes mas não torridos, invernos frios mas não frigidios. No tempo quente deve haver menos humidade na atmospheria, para uma temperatura de 18° 80 % é considerado bôa taxa. A variabilidade é um bom estimulante. O calor estimula o cerebro provocando manifestações intellectuaes, o frio contribue para a actividade material.

Ora, a civilização é fructo de trabalho intellectual e material, portanto a variabilidade é factor de importancia primacial.

O clima da baixada maranhense é essencialmente constante, é clima de tipo amazonico — constante, humido e quente.

Deixando-se levar unicamente pelas indicações climatologicas o Maranhão seria um exemplo tipico de terra impropria ao florescimento da Sciencia e do Trabalho.

No emtanto a Historia nos mostra que em determinado periodo aquelle torrão concentrou o que de mais evolvido havia em todo o Norte do Brasil. Nas letras occupou posição do mais elevado destaque.

Até o meiado do seculo XIX o Maranhão foi intenso fóco de trabalho. A numerosa escravatura proporcionava aos agricultores farta messe e a producção era caracterizada principalmente pelas safras do açúcar, do

(*) O assumpto referente ao homem no Maranhão fica reservado, para a publicação já referida ha pouco e que deverá apparecer em época opportuna com o titulo: *Terra das palmeiras*.

algodão e do arroz. Essa fartura reinante na terra foi um dos principaes factores que contribuíram para o destaque do Maranhão na literatura nacional. A abundância permittia a disseminação maior da instrucção geral bem como um apuramento maior daquelles que já traziam em si tendencia para as letras. Com a abolição, a vida maranhense passou por aquella terrivel phase de desorganização e a crise financeira agiu directamente sobre a vida intellectual do povo. A crise, impedindo que as familias pudessem mandar educar seus filhos nos bons collegios da Capital, noutros Estados do Sul e no estrangeiro, fez baixar consideravelmente o nivel cultural da população. Nos tempos prosperos, o commercio de livros no Maranhão era bastante intenso, havia até afamadas officinas de artes graphicas. A' de Bellarmino de Mattos eram enviadas as producções de outros Estados. Hoje, longe está o Maranhão de occupar a posição de destaque dos outros tempos. A intelligencia continúa a illuminar o cerebro dos maranhenses mas a crise material não permite que ella se manifeste aos olhos do brasileiros do sul. Poucos, pouquissimos, dispõem de recursos para estudar e se fazerem luminares nas sciencias e nas letras.

Duas illações defluem logicamente dos factos que acabamos de relatar: primeiro, que uma região de clima enervante póde ser o berço dum povo cuja taxa intellectual é bastante alta; segundo, que as condições economicas duma região têm uma influencia muito accentuada sobre as manifestações intellectuaes de seus habitantes.

No dia em que o homem aproveitar os recursos economicos de que dispõe no Maranhão, resurgirá a grandeza que nos conta a Historia e será novamente posta em evidencia a pujança intellectual do povo maranhense.

Monographia do Municipio de Maceió

MORENO BRANDÃO

Historia. Maceió é uma cidade moderna, edificada á beira-mar, como outras capitaes recentes do Brasil, e não á meia encosta *ad instar* das povoações mais antigas erigidas em pontos estrategicos, onde se ficasse, ao mesmo tempo, livre das singraduras dos piratas e corsarios e das aggressões dos selvicolas.

O seu territorio foi comprehendido na doação feita por Duarte Coelho a Miguel Gonçalves Vieira, provedor da fazenda de el-rei.

Mas este centro de população só começou a ter certo incremento depois do anno de 1674, quando D. Pedro II, de Portugal, então regente do reino, mandou ordem expressa a Affonso Furtado de Mendonça para fazer povoar o territorio de Alagôas, fortificando o porto de nossa actual metropole. Esta determinação foi a resultante do proposito em que se achavam as autoridades de reprimir o iterativo contrabando do páo-brasil, isentando tambem os escassos moradores do litoral das avarias infligidas por dardanarios estrangeiros.

Mesmo apesar dessa medida governativa e da facilidade com que, em paragens do Novo Mundo, crescem, com vertiginosa celeridade, os nucleos demographicos, Maceió se conservou estacionario, num periodo de longa e talvez inexplicavel incubação.

Aqui apenas, por muito tempo, junto ao porto, a cavalleiro do mar, erguia-se a casa de um engenho, situado na praça actual de Pedro II. Nesse ponto divisava-se tambem uma ermida, que tinha por orago Nossa Senhora dos Prazeres.

Ainda nos primeiros dias do seculo transacto era o villarejo muito insignificante e nada apresentava além do que foi apontado.

Porém, a 5 de Dezembro de 1815, recebia a graduação de villa por um alvará régio, marcando-se-lhe 32 kms. de costa, desmembrados da villa de Alagôas para formar o territorio respectivo.

A villa foi instaurada no anno climaterico de 1817, presidindo ao acto o severo e destemido ouvidor, Antonio Ferreira Batalha.

Nos dias procellosos da Regencia Maceió viveu entregue á incessante exaltação de animo, sendo a *Sociedade Federal*, installada nesta localidade, um viveiro de demagogos terrivelmente super-agitados contra os portuguezes, aos quaes insultavam, prendiam, expulsavam das terras brasileiras e afastavam dos cargos publicos. Maceió foi cidade capital pela resolução nº. 11 de 9 de Dezembro de 1839, votada pela assembléa da Provincia.

A lei apenas a confirmou na investidura de metropole, visto como o unico governador da antiga Capitania de Alagôas e outras autoridades sempre deram preferencia á actual cidade sobre a séde legal de governo da região.

A cidade de Alagôas reagiu, entretanto, de armas em punho, numa revolta ephemera, contra o descenso a que foi condemnada e que assignalou a phase inicial de seu completo declinio.

A vida de Maceió, sempre tranquilla e laboriosa, foi agitada rudemente com a lucta occorrida em 1844 entre os partidos dos *Lisos* e dos *Cabelludos*, facções que se degladiaram dentro da cidade por duas vezes e lhe ensanguentaram as ruas em pelejas porfiadas.

Exceptuando esse acontecimento verdadeiramente tragico, ao qual se deve a fuga do presidente Dr. Bernardo de Souza Franco para bordo do hiate de guerra *Caçador*, e, exceptuando tambem alguns embates e contumelias mais violentas da politica, tem sido notoria a placabilidade da metropole de Alagôas, que vae se expandindo com relativa celeridade, intensificando sempre e cada vez mais o seu labor honesto.

Limites. Maceió limita-se: ao N. e ao N. W. com o municipio de S. Luiz do Quitunde; a E. com o de S. Luzia do Norte é marcada pelo riacho Alagôas. A extremadura com S. Luzia do Norte é marcada pelo riacho Fernão Velho e a lagôa Mundahú ou do Norte; com S. Luiz do Quitunde pelo rio Sanassahy; com Alagôas pelo canal e barra da lagôa Mangaba.

Pontos extremos. Ao N. Ipioca; a L. Ponta Verde; a N. W. Ponta das Caieiras; a W. Pontal da Barra; a S. W. o riacho Fernão Velho.

Posição. Esta circunscripção territorial fica situada aos 9° 39' e 18" de latitude austral e 35° 41' e 24" de longitude occidental de Greenwich.

Superficie. 360^{km²},27.

Altitude. Maceió fica a 4,5 ms. acima do nivel, porém seu bairro de Jaraguá tem apenas 3,3 ms. de altitude.

Dimensões. Distancias. O municipio metropolitano de Alagôas tem as seguintes dimensões: de S. a N. — 30 kms.; de L. a W. — 18 kms.

Dista: do Recife — 120 kms.; do Rio de Janeiro — 1.245.

Da Serraria Modelo (Jaraguá), tomada como eixo da cidade, á barra do rio Coruripe tem 41 kms. e 310 metros.

Litoral. Maceió apresenta ao Oceano Atlantico uma zona paralia formada por extensos medãos de areia, sendo o seu litoral uma causa de enlevo para os que sabem contemplar as bellezas naturaes. Da barreta de Ipioca até a séde do municipio a configuração vertical litoranea se muda, tornando-se montuosa, para, depois da Ponta Verde, aplainar-se, exhibindo uma linha ondulada até o Porto do Francez. A costa do municipio conserva, como toda a que se dilata de Pernambuco á bahia de Todos os Santos, a direcção S. S. W.

Portos. Os melhores portos maceioenses são os de:

— Pajussára, que não dá mais abrigo a embarcações de grande calado;

— Jaraguá, que, devidamente melhorado por meio de obras de engenharia será dos mais importantes do Brasil. Pelo decreto n°. 904, de 18 de Outubro de 1890, o Governo Provisorio da Republica concedeu ao engenheiro Luiz Felipe Alves da Nobrega e ao Sr. Carlos Dias de Oliveira privilegio para uso e gozo das obras do porto de Jaraguá, sendo garantido aos concessionarios o juro annual de 6 % sobre as quantias despendidas nellas durante o praso de 30 annos. Essa concessão foi transferida, mediante pagamento de 640:000\$000 e mais 45:000\$000 garantidos pela escriptura publica sequente a essa transacção, á Companhia Industrial e de Construcções Hydraulicas.

Emprehendidos os estudos technicos, com os quaes esta Companhia despendeu a importancia aproximada de 150:000\$000, foram apenas apresen-

tados e approvados os planos para a obra portuaria, a qual foi computada em 17.415:310\$337, sendo posteriormente prorogado o praso para o inicio do anhelado melhoramento.

Mas, por seu turno, a Companhia Industrial e de Construcções Hydraulicas transferiu a concessão á *The National Brazilian Harbour Company Limited*, que, tambem, rescindiu o respectivo contracto, apesar de, sob a direcção do engenheiro Blondel, haverem tido começo os trabalhos preliminares (23 de Dezembro de 1897).

Esse contracto foi rescindido mediante uma indemnisação de 2.000:000\$000, pagos em inscrições do Banco da Republica.

Pouco depois houve o pensamento de construir administrativamente o porto em questão, estabelecendo-se o imposto de 2 % ouro, o que poz em revolta a população de Maceió, sendo apedrejada a Alfandega e praticando-se outros actos de amotinação, porque a somma arrecadada deveria ter primeiro applicação nas obras do porto do Recife.

Esse imposto já grangeou para o Thesouro Federal, de 1910 a 1921, a importancia de 1.222:523\$585.

O porto de Jaraguá, embora desabrigado dos ventos de E. e S. E., nos mezes de Junho e Agosto, é muito movimentado, e, si, de 1851 a 1852, nelle tiveram ingresso 106 navios, em 1923 ahi entraram 511, com tonelagem de 830.612, e, em 1924, 567, que tinham 821.362 toneladas.

O valor da exportação por Jaraguá regula 25.000:000\$000 annuaes.

Entre os portos lacustres de Maceió o da Levada é o de maior importancia, salientando-se tambem os do Trapiche da Barra e do Pontal da Barra.

Ilhas. Este municipio, como todo Estado de Alagôas, não tem ilhas maritimas. Tem, entretanto, ilhas lacustres de pequena importancia, inadequadas á existencia do homem e encerrando apenas pastagem para o gado. Dellas as mais dignas de referencia são as ilhas do Fogo e Campina. A importante ilha de Santa Rita já pertenceu a Maceió (lei nº. 19, de 18 de Março de 1837), mas hoje está sob o dominio do municipio de Alagôas.

Peninsulas. Ponta Verde e Pontal da Barra são as mais proeminentes peninsulas de Maceió.

Orographia. Esta unidade administrativa de Alagôas singulariza-se por ser muito plana, contando apenas collinas de altitude exigua, taes como Jacutinga, Jacarecica, etc.

HYDROGRAPHIA.

Pelagographia. Em Maceió, banhado pelo Oceano Atlantico, numa extensão aproximada de 30 kms. as marés se elevam a 2 metros e 31 centimetros, sendo de 5 horas o estabelecimento do porto. Bem perto da capital passa o *Gulf Stream*.

Potamographia. Os rios que banham Maceió, quasi todos notaveis pelo seu curso diminuto, são os seguintes:

Maceió. Nasce no Taboleiro do Pinto com a denominação de Reginaldo, tomando perto da foz o nome de Salgadinho. Secciona a cidade em dois bairros. Sobre elle foi construida a ponte dos Fonsecas no ponto que serve de ligação entre a *urbe* propriamente dita e o bairro de Jaraguá. E' insignificante e inadapado á navegação;

Bebedouro. Desagúa na lagôa do Norte;

Fernão Velho. Nasce no Taboleiro do Pinto, a S. E. da povoação de Fernão Velho e desagúa na lagôa do Norte;

Jacarecica. E' um rio de lindas aguas azues, procurado por numerosas pessoas que, aos domingos, nelle se vão banhar. Dista de Maceió 9 kms. Banha a povoação homonyma.

Garça Torta. Nasce no Taboleiro do Pinto e dista 10 kms. da cidade de Maceió;

Riacho Doce. Flúe do Taboleiro do Pinto e banha a povoação a que dá o nome. Tem um curso de 18 kms.;

Pratagy. Deriva da Baixa do Curralinho (município de Maceió). Dista da capital 17 kms., tendo 30 de curso;

Pioca ou Ipioca. Rega a povoação homonyma. Tem por affluente o Ipioqueinha;

S. Antonio Mirim. E' o maior curso d'agua do município, dilatando-se por 48 kms. Sua foz está na povoação de Ipioca;

Sauassahy. Nas vizinhanças deste rio tão celebrizado nas chronicas da invasão batava, se alastra a ruinaria de um forte erigido pelos hollandezes. O nome com que o baptisaram é tupy e significa — rio dos beija-flores.

Estes ultimos sete rios desagúam todos no Oceano Atlantico.

Linnegraphia. Neste município se excava a lagôa do Norte, com cerca de 2 milhas de largura por 5 de extensão. E' muito piscosa, rasa e communica, ao S. do Pontal da Barra, com o Oceano Atlantico. Era conhecida por Mundahú, nome hoje em desuso. Tambem se liga por diversos canaes com a lagôa Manguaba, que rega indirectamente a capital.

Aqui se abrem outras lagôas de notoria insignificancia, merecendo ligeira referencia entre essas a das Antas.

Aspecto physico. Quasi todo município de Maceió é baixo, exceptuando-se alguns pontos, onde ficam outeiros hypsometricamente pouco relevantes. A cidade, que é o centro desta sub-divisão administrativa, foi erigida em tres planos: o primeiro em que ficam os bairros de Pajussára, Jaraguá, Poço e Mangabeiras; o segundo em que se acham o centro da *urbe*, Mutange, Bom Parto e Bebedouro; o terceiro, que é o de maior preeminencia vertical, constituido pelo Jacutinga ou Pharol. No município de Maceió são encontrados muitos pantanos e lezirias.

Clima e salubridade. Quasi não ha observações meteorologicas, que, feitas assiduamente, dêem as caracteristicas do clima de Maceió.

Entretanto, a observação quotidiana mostra que nelle contrasta com excessiva humidade calor quasi inaturavel, sendo as seguintes as suas predominancias distinctivas:

Temperatura centigrada — Média	25.3
Maxima absoluta	32.2
Minima absoluta	17.5

Nebulosidade média	3.0
Pressão barometrica	764.0
Chuvas	611.0
Numero de dias	228
Ventos dominantes — E. — E. S. E.	

As molestias que insidiam endemicamente a vida dos maceioenses são as seguintes:

A) O impaludismo, que tem perdido muito terreno, em virtude do combate bem orientado offerecido pela Commissão Sanitaria Federal;

B) A filariose, que determina verdadeiras deformações em varios individuos, dando ensejo ao desenvolvimento da elephantiasis dos arabes;

C) A tuberculose, que occasiona todos os annos numero avultado de obitos, dizendo a respeito o Dr. Octavio de Freitas o seguinte num trabalho que apresentou ao 2º Congresso de Medicina reunido no Recife, em 1916: "Para cada 10.000 habitantes em diversas capitaes do Brasil a tuberculose mata: 6 em Therezina; 7 em Porto Alegre; 10 em S. Paulo; 12 em Curityba;

15 em Bello Horizonte; 23 em S. Luiz; 26 na Bahia, Natal e Belém; 27 em Manaus; 31 em Aracajú; 34 em Fortaleza; 38 na Capital Federal; 45 em Nictheroy, Parahyba e Florianopolis; 66 no Recife, e 42 em Maceió”.

Por esta fórma sómente Nictheroy, Parahyba, Florianopolis e Recife soffrem, mais que a nossa metropóle, as devastações das molestias pelas quaes é responsavel o bacillo de Koch;

D) As molestias intestinaes devidas, na maioria dos casos, á pessima alimentação que recebem os maceioenses;

Das epidemias aqui apparecidas produziam grandes devastações:

A) A cholera-morbus, que fez numerosas victimas nas incursões de 1855 e 1862, depois das quaes não se manifestou;

B) A variola, que em 1824-25, 1860-61, 1888 e de outras feitas tem determinado assombroso crescimento no obituario;

C) A febre amarella, cuja existencia foi contestada pelos nossos medicos até que o Instituto Oswaldo Cruz, em seguida a investigações conscienciosas, desfez uma opinião baseada simplesmente em estultos caprichos. A febre amarella se propagou mais damnosamente nos annos de 1850 e 1858;

D) A gripe, que, tendo tido diversas manifestações anteriores, em nenhuma dellas gerou maiores excidios do que em 1918, quando fez 1.015 victimas, abarrotando de tal modo o cemiterio publico que se tornou necessario construir outro;

E) A dysenteria, factor poderoso de mortandade, que age principalmente quando o nosso inverno brando vem succeder ao nosso verão asperrimo;

F) A meningite cerebro-spinal, que se denunciou pela primeira vez a 2 de Setembro de 1922 num soldado do 26º Batalhão de Caçadores, não se alastrando por causa das medidas prophylaticas tomadas pelas autoridades sanitarias.

Maceió tem gosado a rara fortuna de subtrahir-se aos assaltos da peste bubonica. Surgem casos esporadicos, mas, apesar das deficiencias de nosso aparelhamento sanitario, a molestia nunca se propagou.

Inquerito recente feito pela Commissão de Prophylaxia demonstrou que em Alagôas existem 23 leprosos, dos quaes 18 residentes em Maceió.

Geologia. A estrutura geologica de Maceió foi cuidadosamente estudada pelo illustre pintor Rosalvo Ribeiro, que, além de ser artista de merito comprovado, era tambem cientista de grande erudição colhida em varios cursos feitos em Paris, onde se formou em sciencias physicas e naturaes.

Dos trabalhos emprehendidos e pacientemente levados a termo pelo conhecido alagoano não ha noticia, sendo provavel que hajam desapparecido com os numerosos papeis de seu archivo.

E, como outros não trataram sinão perfunctoriamente do assumpto, pouco se sabe a respeito delle.

Entretanto é corrente a noção de que o municipio assenta em terreno mesozoico ou secundario, predominando nelle o systema cretaceo.

Muitas partes da cidade revelam haver sido cobertas pelo mar, que, retirando-se, deixou as duas lagôas, ou, melhor, lagunas ás quaes o Estado deve a sua denominação.

Em fins do seculo XVIII houve neste segmento de Alagôas ligeiro movimento sismico, não se tendo depois verificado nenhum outro.

Na faixa de terra em que esta parte da federação erigiu a respectiva séde não ha vestigio de vulcões.

Produções. O municipio de Maceió tem, relativamente á densidade de população e á area em que se expande, diminuta producção agricola.

Perto de 40 são os seus engenhos de fabricar assucar, sendo, portanto, o cultivo de çanna doce um dos maiores empenhos da classe agraria.

Dahi o facto de se abastecer a população desta unidade territorial alagoana em outras do interior, especialmente Alagôas, Viçosa, União, S. José da Lage, Anadia, Victoria e Penêdo. Dellas recebe feijão, milho, arroz, farinha de mandioca, tapioca, fructas, etc.

Ha, todavia, no municipio terrenos muito fertes (Frechal, Mangabeiras, Cruz das Almas, Jacarecica, Riacho Doce e Ipioca). Esses pontos teriam capacidade para produzir os generos especificados e muitos outros, como café, trigo, cacau, tabaco, etc.

Para isso seria capital um pouco mais de estimulos, que faltam aos moradores dessas terras. Em todas ellas e até mesmo na zona urbana encontram-se vastos coqueiraes, eminentemente productivos.

A fructicultura está se desenvolvendo com muita intensidade, mas os seus resultados ainda não correspondem aos labores a que dão origem. Em seu desproveito se levantam muitas pragas contra as quaes não se tomaram ainda medidas de especie alguma, sendo incalculaveis os prejuizos causados pelas saúvas, etc. Com inimigos taes não foi passivel que a horticultura e a jardinagem recebessem largo e apreciavel incremento.

Não obstante esses entraves, Maceió produz muitas mangas, sapotys, bananas, abacates, abacaxis, mamões, goiabas, cajús, etc., havendo-se tentado o cultivo de certas arvores europeas, como a macieira, que dá um fructo inferior. A vinha produz copiosamente, sendo excellentes as uvas do Reginaldo.

A producção de hortaliças é simplesmente irrisoria, pois se resume apenas em quiabos, maxixes, couves, alfaces, beringelas, pimentas, pimentões, aboboras, etc., não tendo sido possivel acclimar outras hortaliças como o repolho. Este nos vem de Garanhuns (Pernambuco) e é vendido, por unidade, a 3\$, 4\$ e 5\$.

São poucas as mattas de que dispõe o municipio, sendo imprudentemente devastadas para extracção de madeiras para cercas e casas, bem como para combustivel. Ainda se encontram nessas mattas bons especimens vegetaes como: peroba, coração de negro, tapinhoã, batinga, gonçalo-alves, maria preta, etc.

Em extensos taboleiros medram mangabeiras seivosas, rabos de bugio, camapú, capeba e quina. A primeira dessas plantas produz delicioso fructo e excellente borracha; as ultimas, têm larga applicação therapeutica.

A' margem dos alagadiços pompeiam virides manguezaes, e, dentro delles, varias plantas aquaticas, taes como as baronezas e a pimenta dagua de que a medicina se utiliza com excellente proveito no combate a certas febres.

A fauna regional, salvo no mar e nas lagôas, é reduzidissima.

Pullulam naquelles occidentes geographicos os peixes de que, entre os do mar, se contam principalmente charéos, corvinas, arraias, pescadas, xerretas, meros, etc. Nas lagôas encontram-se sururús e carapebas. E' grande a copia de tainhas, curimãs, ostras, camarões, caranguejos, polvos, lagostas, lagostins, tudo vendido por preços elevadissimos.

A tenacidade com que os caçadores dão combate ás pacas, cotias e a certas aves tem feito com que ellas desapareçam totalmente.

Com a devastação das mattas coincidiu, porém, o apparecimento de numero incontavel de insectos nocivos, que prejudicam não só a grangearia, como tambem a salubridade publica.

De riquezas mineraes não teria Maceió grandes motivos de desvanecimento, si não dispuzesse das jazidas petroliferas de Riacho Doce. Essas jazidas começaram a ser objecto de pesquisas em virtude de uma tradição popular, que falava de incendios espontaneamente occorridos na ribeira daquelle ponto e em lugares adjacentes. A exploral-as se atiraram algumas pessoas que nada conseguiram. Depois o Dr. José Bach se dedicou

a investigações mais bem orientadas, levantando *Syndicato das Minas Petrolíferas*, fazendo o mesmo mineralogista, acompanhado do Dr. Badesco Dutza e Desiderio Strauss, estudos que os levaram ás seguintes conclusões: 1^a. A profundidade dos veios petrolíferos varia entre 150 e 300 metros; 2^a. A zona petrolífera abrange uma area que se dilata desde as proximidades do rio S. Francisco até os Morros de Camaragibe, ramificando-se até ás margens da lagôa do Norte; 3^a. A exploração do schisto petrolífero é imensamente facil nas jazidas alagoanas, podendo o mesmo dar alguns sub-productos, taes como: benzina, gasolina, kerozene, parafina, stearina, vaselina, glicerina, alcatrão, pixe e coke.

A' empresa que se propoz a explorar essas jazidas foram concedidos diversos favores pelo decreto legislativo n.º 2.933, de 6 de Janeiro de 1915. Entretanto, ella se dissolveu, depois de uma grande sequencia de prejuizos, já afastado da mesma o Dr. José Bach, que morreu tragicamente, quando atravessava a lagôa do Norte.

O governo federal confiou a um mineralogista do Ministerio da Agricultura os estudos dos veios petrolíferos do Riacho Doce, parecendo attenuadas as exaggerações em torno dessas riquezas, sobre as quaes vae cahindo pesado silencio.

Afóra esse recurso, que faz Alagôas emular com a região mexicana de Tampico, possui Maceió algumas salinas de producção escassa e depositos de pedra calcarea, oca e tabatinga.

População. Maceió tem relativamente á população o 10º lugar entre as capitaes brasileiras, contando, pelo recenseamento de 1920, 74.166 habs. Si em numero de moradores a metropole de Alagôas fica superior a Teresina, Bello Horizonte, Parahyba, S. Luiz, Florianopolis, Aracajú, Cuyabá, Natal, Victoria, Goyaz, é mistér saber que essa população assim relativamente densa não é, de modo algum, elemento de progresso. Na sua maioria é composta de proletarios que abandonaram as estancias agricolas onde trabalhavam, ou porque taes propriedades se transformaram em fazendas de criação, ou porque os mesmos proletarios procuraram, fugindo, se subtrahir á tyrannia proverbial do senhor de engenho. Chegando a Maceió esses individuos vão augmentar a classe dos ganhadores, assentar praça na policia ou no exercito, ou se entregar ao ocio e, muitas vezes, ao crime. A Commissão de Saneamento e Prophylaxia Rural, tendo feito consciencioso inquerito, computa em 105.000 o numero de habitantes de Maceió. O crescimento médio da população metropolitana tem sido: de 1872-1890 — 0,0216; de 1890-1900 — 0,0242; de 1900-1920 — 0,0211. Em 1872 Maceió tinha 27.703 habs.; em 1890 — 31.498; em 1900 — 36.427. A população está assim dividida pelos diversos districtos: Maceió — 38.844; Jaraguá — 17.799; Bebedouro — 8.458; Meirim — 9.065. Em Maceió ha mais mulheres (40.596) do que homens (33.570), conforme a ultima operação censitaria. O numero de predios da capital é de cerca de 11.000 no perimetro urbano.

Religião. Depois de muitos annos de profunda indiferença, consequente a intensa propaganda materialista, os maceioenses que, em sua maioria, são catholicos, começaram a se dedicar seriamente a assumptos de ordem espirital, tendo grande surto as religiões cultuadas aqui.

Maceió, após haver sido séde de um bispado erecto a 2 de Julho de 1900, por força de um decreto consistorial, e installado em 3 de Agosto de 1901, foi feito arcebispado a 6 de Agosto de 1920.

A capital comprehende as seguintes freguezias: Maceió, criada a 8 de Janeiro de 1821, em virtude do alvará de 5 de Julho. Tem por orago N. S. dos Prazeres; a de Jaraguá, criada sob a invocação de N. S. Mãe do Povo, a 27 de Junho de 1865 (resolução provincial n.º 461); a do Poço, sob a invocação do Senhor do Bomfim; a de Bebedouro, sob a invocação

de S. Antonio; a da Levada, que tem o orago de N. S. das Graças. Estas tres ultimas freguezias são de fundação recente.

O municipio da capital encerra os seguintes templos catholicos: Igreja de N. S. dos Prazeres, antiga matriz actualmente servindo de sé; Igrejas do Rosario, do Bom Jesus dos Martyrios, de N. S. do Livramento, de S. Benedicto, do Senhor do Bomfim, de S. Antonio do Meirim, de N. S. das Graças, de N. S. Mãe do Povo, S. José (de Fernão Velho), Santa Cruz, N. S. do Bom Parto, N. S. da Guia, S. Gonçalo, S. Thereza, S. Sebastião (praça do Campo Santo), S. Francisco, S. Sebastião (Riacho Doce), S. Sebastião (Pontal da Barra), N. S. da Conceição (Bebedouro), N. S. da Conceição (Pajuassára).

Em Ipioca existe a igreja de N. S. do O', cuja construcção foi começada em 1713, em terreno doado por Antonio Gonçalves Picão. A mesma igreja foi séde de freguezia, tendo tido por primeiro parochio o padre Diogo da Costa.

No municipio da capital ha diversas irmandades entre as quaes a do S.S. Sacramento e a do Livramento têm existencia mais do que secular.

Entre as religiões acatholicas professadas em Maceió sobresae o protestantismo, que, embora não tenha ganho muitos adeptos, conta os seguintes templos: Igreja Baptista de Maceió; Igreja Baptista do Pharol; Igreja Baptista de Ipioca; Igreja Pentecostes.

O neo-espiritualismo tem feito assombrosos progressos, contando-se numerosas associações espiritas e theosophistas, estando as primeiras devidamente federadas.

O theosophismo é praticado na Loja Krishnamurti, sob cuja superintendencia fica o Centro dos Estudos Theosophicos Henry Olcott.

Embora seja grande o ardor de proselytismo entre as diversas crenças razoaveis, que mutuamente se guerreiam, é digno de nota exercer em Maceió o culto yorubano, com os seus *pegis, candomblés, sangôs, oguns*, etc., grau de ascendencia, mesmo entre a população mais culta, irradiando sua influencia por varios pontos do Estado, apesar da perseguição iniciada contra o mesmo culto em principios de 1912 e ainda hoje subsistente.

Divisão administrativa. O municipio de Maceió comprehende a cidade homonyma, que é a séde, e as povoações de Jaraguá, Bebedouro, Pontal da Barra, Cruz de Almas, Jacarecica, Riacho Doce, Meirim, Ipioca e Fernão Velho. O municipio conta 11 secções eleitoraes com 3.599 eleitores.

Governo e repartições publicas municipaes. O municipio tem não só um prefeito e um sub-prefeito, como tambem um conselho municipal composto de 12 membros.

Repartições e estabelecimentos estaduais. Maceió, residencia obrigatoria do governador do Estado, é a séde das duas secretarias do governo: a dos Negocios do Interior e a da Fazenda.

Sob a gestão da primeira ficam as: Directoria da Instrucção Publica, Inspectoria de Hygiene, Gabinete de Identificação, Batalhão Militar de Policia, Guarda Civil (criada a 3 de Julho de 1912), 2 Delegacias de Policia, 16 Sub-delegacias, Imprensa Official, além de outras repartições de que, opportunamente, se falará.

Sob a direcção da Secretaria da Fazenda ficam o: Thesouro Estadual, com o Montepio dos Servidores do Estado, a Recebedoria Central de Jaraguá, que tem annexo um armazem, e o Serviço de Algodão que apesar de seu nome restricto, trata de varios assumptos attinentes á agricultura.

Em Maceió se reune o Congresso Estadual composto de duas camaras: Senado (15 membros), Camara dos Deputados (30 membros).

Aqui tambem funciona o Superior Tribunal de Justiça, cuja installação se verificou a 1º de Julho de 1892.

Esta circunscrição alagoana fórma uma comarca com dois juizes de direito, dois juizes municipaes e dois promotores.

Repartições e estabelecimentos federaes. Dependentes do Ministerio da Fazenda existem em Maceió a: Alfandega, Delegacia Fiscal, Collectoria Federal, Collectoria Federal de Bebeouro e Maceió, Delegação do Tribunal de Contas.

São repartições subordinadas ao Ministerio da Agricultura: Inspectoria Agricola do 9º districto, criada a 11 de Janeiro de 1911, Delegacia da Industria Pastoril, Posto Meteorologico e Escola de Aprendizizes Artifices.

Dependem do Ministerio da Guerra: o 20º Batalhão de Caçadores, a Enfermaria-hospital militar, o Tiro de Guerra nº. 637, o Serviço de Recrutamento.

Estão subordinados ao Ministerio da Marinha a: Capitania do Porto, cuja criação data de 3 de Outubro de 1847, a Escola de Aprendizizes Marinheiros e o Pharol.

São dependentes do Ministerio da Viação: as estações telegraphicas de Maceió, a Administração dos Correios, e as agencias postaes de varios pontos.

A justiça federal, dependente do Ministerio do Interior, conta um juiz seccional, um juiz substituto, um procurador geral da Republica e um escrivão federal.

A séde do municipio. Si bem que Maceió não possa exhibir extraordinarios encantos de que outros lugares se ufanam, ou as criações artisticas de que se esmaltam varios pontos do universo, é, comtudo, uma cidade cheia de attractivos. Jacente á beira-mar, ostenta uma faixa litoranea verdadeiramente admiravel que figura um S, parecendo querer, por meio dessa letra, saudar o viajante que busca as nossas plagas. Em certo ponto as aguas turvas de um rio insignificante flanqueiam essas costas. Perto desse sector da *urbe* a praça Sinimbú adornada de vegetação seivosa, proporciona á contemplação do visitante a estatua do velho estadista, que dá o nome á mesma arteria urbana. Esse monumento é desgracioso e inesthetico dando a idéa de que, á similhaça de um pobretão amigo do luxo e destituído de bom gosto, nos comprazemos em possuir estatuas, que um verdadeiro esculptor, por motivo algum, desejára lhe fossem attribuidas. Depois dessa praça começa o dédalo das ruas construidas de modo irregular pela falta de uma planta topographica de que só agora se tratou seriamente. Nessas ruas se encontram, a par de uma ou outra construcção elegante, casas modernas de estylo pretencioso, inadequadas, em sua maioria, ao nosso clima, casas tristemente contrastadas, em seu aspecto de opulencia, por verdadeiros casebres em ruinas, em cuja frontaria se deparam janellas e portas amplissimas e rusticas, lembrando aberturas semelhantes de vivendas de engenhos.

Em regra geral, a má construcção de Maceió se explica pela falta de pedra, o que leva o constructor a appellar para outros materiaes, que, tornando as edificações mais baratas, lhes imprimem um cunho de accentuada feialdade. Tambem a falta de tendencias artisticas perceptivelmente entre as gerações do passado, e a generalizada pobreza da população, a qual ainda hoje se nota e lastima, contribuíram para dar de Maceió uma vista panoramica, onde predominam as mais flagrantes violações de regras elementares de esthetica e a côr amarella da desesperança ou a cinzenta da indecisão. Mesmo nas igrejas e nos monumentos publicos, feitos em sua generalidade sob a direcção de mestres de obras ou architectos improvisados, se nota a desconformidade entre a natureza ambiente e o modo de erigir predios, que são verdadeiros aleijões. Entre os templos só dois violam a regra geral, mostrando bellezas que os tornam attrahentes: as igrejas do Livramento e do Martyrio. As diversas remodelações por que tem passado a

cathedral não a tornaram magnificente. Entretanto, a reconstrucção da igreja de S. Benedicto promette dar áquelle templo um timbre primoroso de arte. Dos edificios publicos são dignos de menção especial: o Palacio do Governo, o Theatro Deodoro e o Thesouro Estadual. E' este, com suas linhas sobrias e correctas, o mais apreciavel, alliando á indestructivel solidez perfeita elegancia. O Theatro Deodoro tem visiveis defeitos architectonicos, mas é de aspecto agradavel, podendo-se formular os mesmos conceitos sobre o Palacio do Governo.

Tem Maceió, não obstante certas falhas e deficiencias, encantos especiaes em suas praças feitas com preterição de serviços mais urgentes inadiaveis. Quantos contemplam esses largos embellezados pela arte com aproveitamento dos dons naturaes ficam sob a mais agradavel e duradoura das impressões.

Em muitos desses logradouros publicos foi mistér, para adaptal-os convenientemente a seus fins, emprehender custosos trabalhos, consoante succedeu na praça hoje denominada Floriano Peixoto, antiga dos Martyrios. Ahi se erigem o Palacio do Governo, o Paço Municipal, a Igreja de N. S. dos Martyrios e a estatua de Floriano Peixoto, florescendo tambem grande cópia de mangueiras, oitizeiros e outras arvores. Esta praça foi construida na administração municipal do Dr. Antonio Guedes Nogueira.

Em frente á igreja de N. S. do Livramento fica a pracinha de D. Rosa da Fonseca na qual se vê o busto da preclara alagoana, mãe do primeiro presidente da Republica e de varios generaes.

Ao poente de Maceió fica a praça Deodoro, onde se encontra o Grupo Escolar D. Pedro II, antiga Escola Cincinato, o Forum, o Theatro Deodoro e a estatua equestre deste Marechal. A planta desse logradouro publico é devida ao inesquecivel pintor alagoano Rosalvo Ribeiro, que lhe dirigiu os serviços de construcção. A praça Deodoro é a mais encantadora de Maceió, encarada sob seus aspectos artisticos.

Ficou inacabada a praça Tavares Bastos, proxima ao Mercado Publico e á igreja de S. Benedicto.

O seu plano é tambem devido a Rosalvo Ribeiro, que para ali trasladou muito do que viu em sua permanencia em Paris.

Afóra essas praças tão divergentes do que Maceió apresenta communmente em suas vias urbanas a nossa metropole, no centro de sua vida commercial, politica e literaria, é destituída da attractivos.

Si vista á noite ostenta, por causa de sua illuminação, agradavel panorama, quando contemplada do Alto do Pharol, vista durante o dia, de bordo de um navio, apresenta um agglomerado quasi indistincto de casas que se alarga muito ao nascente e se estreita ao poente. Contribúe para isso o facto de ter a capital de Alagôas poucos metros acima do nivel do mar, parecendo emergir do seio do Oceano Atlantico e tendo partes que se confundem quasi com este (Jaraguá, Pajussára, Poço e Mangabeiras). Só um pouco para o interior é que se levanta até culminar nas altitudes pouco notaveis do Jacutinga (Alto do Pharol). Antes, porém, de chegar a esse outeiro espraia-se por aqui e por ali, transpondo lezirias, marginando lagôas, sendo atravessada por corregos e riachos, como o demonstra seu nome tupy Maceió = agua, que se alarga obstruindo, ou pantano obstruido. Nesta cidade para qualquer ponto por onde se estende o raio visual vêm-se palmas oscillantes de numerosos coqueiros. Tantos são elles que, á similhaça do Recife, chamado Veneza brasileira, ou da cidade do Salvador e de S. Luiz do Maranhão, cognominadas Athenas, Maceió poderia receber, como denominação carinhosa e verdadeiramente descriptiva, o nome de *cidade das palmas*.

A população de Maceió é fria e reconcentrada, vivendo entregue de todo ás fainas commerciaes, que atiram para a rua e para os vehiculos

em transito numerosas legiões suarentas. O povo, dominado em geral por grande apathia, não revela enthusiasmos pelos motivos mais fortes, embora seja capaz de se apaixonar até o sacrificio pelas grandes causas a que as classes inferiores se dedicam sinceramente.

Falta-lhes, entretanto, para marcar o diapasão, um escol menos preconceituoso e mais desvinculado de apeguilhos egoisticos e da idéa estolida de fingir irrisoria e parvoa respeitabilidade.

Dos seus caracteristicos moraes não teve ainda a cidade capital de Alagôas um julgamento synthetico e expressivo. Mas, encarada sob outros aspectos, tem merecido honrosos conceitos de alguns viajantes. A respeito da praça Deodoro, por exemplo, traçou o general Souza Aguiar vehemente elogio. E Julio Dantas, que nos visitou em Agosto de 1923, disse: "Achei linda esta cidade".

Jaraguá. E' o nosso bairro commercial e o nosso ante-porto. Nelle se levantam diversos edificios publicos e acham-se estabelecidas varias repartições.

A palavra Jaraguá significa, de conformidade com o que diz Theodoro Sampaio, valle ou baixo do senhor, angra ou enseada do senhor.

Além de ter uma ponte de embarque e outras annexas a trapiches, este bairro, que se estende á orla do Atlantico, é ligado a Maceió pela ponte dos FONSECAS. Esta ponte de cuja erecção se incumbiu o engenheiro José Côrtes Sigaud, substituiu outra destruida por uma tromba dagua a 18 de Abril de 1924.

Todo commercio de importação e de exportação da capital e de diversos municipios do interior se faz pelo porto de Jaraguá, onde reina, durante o dia, incessante azafama de vehiculos que trafegam de Maceió para este districto e vice-versa. Esses vehiculos são, além de carroças, auto-caminhões e automoveis, os bondes da Companhia Alagoana de Trilhos Urbanos, que, nesse local, tem uma estação e os carros da *Great Western*, que ahi tambem conta outra estação.

Jaraguá foi fundada pelo portuguez Antonio Maria de Aguiar, que levantou o primeiro dos numerosos trapiches existentes no bairro, bem como algumas casas.

A elle se deve tambem a primitiva igreja de Nossa Senhora Mãe do Povo onde, a despeito da estima que usufruia, morreu de medo, quando foi da perseguição promovida contra os reinões, alguns mezes depois de proclamada a independencia.

Entre jaraguaenses e maceioenses subsistiu por algum tempo acirrada rivalidade não de todo extincta, sendo os primeiros alcunhados pelos segundos de candoleiros, do nome de um peixe.

Em Jaraguá existe bella praia de banhos, onde se agglomeram muitos banhistas da localidade de Maceió e outras procedencias.

A 2ª delegacia da capital tem sua séde nesta zona.

Pajussára. O nome deste elegante suburbio maceioense é tupy, e, segundo Theodoro Sampaio, quer dizer — o soprador, o folle. Talvez que essa denominação dada pelos nossos indigenas a uma das mais risonhas paragens metropolitanas seja proveniente da constancia com que o vento sopra no mesmo sector do municipio.

Antigamente foi Pajussára o melhor ancoradouro de Maceió, sendo procurado de preferencia a Jaraguá.

Mais tarde, porém, a angra que se recurva á similhaça de um alfange, á orla da casaria pajussareense, foi-se tornando inadequada ao ingresso dos navios e entregue ao abandono.

Outr'ora tambem ali se praticou largamente a industria das construcções navaes, a que devemos bellissimas embarcações. Essa industria, porém, se acha quasi de todo morta.

Pajussára, com seus incontáveis coqueiros erigidos sobre comoros alvacentos de areia, reivindica o título de ponto aristocrático da cidade. Nelle se levantam bellos edificios particulares, uma igreja e uma fabrica de sabões e sabonetes.

Na época propria é Pajussára muitissimo procurada pelos que desejam se tonificar com a hydrotherapia maritima. Constitue mesmo a melhor praia de banhos do Estado, sendo diminuta a arrebenção das ondas do Atlantico nessa parte de nossa capital, onde o Oceano se mostra constantemente manso.

Não obstante essas vantagens, a deliciosa praia ainda não conta um hotel balneario, nem recursos adequados a evitar accidentes, entre os aquáticos.

As encantadoras marinhas pajussarenses têm fornecido aos poetas alagoanos temas esplendidos para excellentes poemas, que decantam os coqueiros rugitantes, com os flabellos constantemente agitados pelas lufadas do vento, o estendal niveo das areias e as scenas da partida e do regresso das jangadas que se aventuram entre o tumulto das ondas, nas fainas da pesca.

Dia a dia se torna mais densa a população da Pajussára, que, já estando ligada a Jaraguá, não poderá em breve ser distinguida da Ponta Verde, sitio vizinho e maravilhosamente bello.

Poço e Mangabeiras. O arrabalde do Poço parece um scenario de lendas biblicas, um recanto aonde viessem, descuidosas e ingenuas, lindas moças com os cántaros ás cabeças, ou um ponto em que se assentassem quietos, em longos momentos de meditação, velhos patriarchas e nas fontes crystallinas procurassem matar a sede, aspirando previamente a frescura tonificante da ambiencia, os tardos camellos fatigados da travessia dos desertos. E, como a lembrar as scenas contadas no Velho Testamento, este arrabalde não deixa de apresentar um *facies* moderno de lugarejo construido arbitrariamente, sem um plano preconcebido.

Neste ponto da metropole alagoana reina um contraste impressionante: ao lado de ruas notaveis pelo alinhamento recto em que se desdobram, a mais completa asymetria das outras ruas, betesgas e viellas; junto de casas modernas, de aprimorada construcção, casebres em perenne disequilibrio, lembrando éras pristinas, em que, fugindo ao tagante hollandez, por aquelle segmento de Maceió, passaram multidões espavoridas de entre as quaes se destacaram alguns frades, que ficaram ali sob o abrigo tosco de uma choupana, enquanto os companheiros proseguiram a jornada no rumo do Sul.

No Poço exuberam muitos primores naturaes, devidos ao connubio da humidade e do calor. Uma e outro reinam com vehemencia naquelle suburbio paralelo ao mar e ao outeiro do Jacutinga, de cujo flanco pende de uma vegetação hirsuta, com brilhos metallicos, a reverberação do sol.

Nesta parte da capital de Alagôas póde se avaliar melhor a fertilidade e o vigor da terra sobre cujo regaço se levantam arvores de admiravel diametro nos troncos.

Ahi tambem se contemplam dilatadas alamedas de coqueiros, medrando sobre capinzaes nascidos ao pé dos numerosos pantanos existentes naquelle recanto da cidade, no qual a agua se encontra quasi á flor do solo.

Prolongamento do Poço é o Reginaldo, assim denominado por ter sido outr'ora sitio de Reginaldo Correia de Mello, que tambem deu seu nome a modesto riacho. O valle por onde deflue este riozinho insignificante, serpeando turvo e barrento, formando curvas, zig-zagueando, é obscurecido por verdejantes outeiros, donde se insurge crespaa vegetação, que parece ir cahindo das alturas das ladeiras sobre o terreno avermelhado. Depois das ravinas acclives e circumjacentes é que a lhanura do solo fendido pelo rio, filete escassissimo dagua, se desdobra. Apresenta elle nesse trecho um panorama faustoso em que pompeiam triumphalmente, na penunbra con-

tinua, as folhas villosas e aggressivas e as flores agrestes, bizarras, oíorantes e polychromas. Reinam dentro das lindes dessa nesga singular de terra contrastes frisantes: aqui mostra longos renques de palmeiras alterosas; acolá exhibe a purpura das bromelias sangrentas; mais além patenteia o estendal vellutino dos capinzaes ou entrançado de arvores donde pendem festões de lianas e cipós. Ao nascente, ao norte, ao sul, ao occaso, mares de verdura oscillam aos sopros dos ventos, que vergam frondes, agitam palmas e fazem oscillar cladodios espinescentes. Ao fremito voluptuoso desses ventos se enruga, tremulando, a caudal mesquinha do rio, a cujas margens lavadeiras tagarellam ruidosamente.

A quando e quando, facto poucas vezes contemplado em Maceió, passam por aquellas paragens, bandos de passaros ou baixam das alturas remotas para virem pousar nas copas das arvores.

Dali tambem a cigarra bohemia manda aos ares o seu estridulo agudo e percuciente.

Dispersos entre manchas de verdura existem vinhedos incipientes, tentando a difficultosa expansão, hortas, que blazonam os pingos iriantes da ultima orvalhada, cajueiros titanicamente retorsos, versudas mangueiras, jaqueiras, etc.

Toda a paizagem é salpicada de olarias, estabulos e casas, circundada de musaceas, orgulhosas dos cachos pesados dos fructos, revelações de fecundidade unirifica.

Trepadeiras se enlaçam, em constrictões violentas, nas cercas, velando-as quasi de todo, esmaltando-as de flores.

E no suburbio tranquillo vagos murmurios, gorgeios, vozes brandas e confusas, zumbidos morrem dentro do circulo esmeraldino de colles, que projectam silhuetas desconformes no taboleiro do terreno. Neste reina a sombra, aquietando, miraculosa, a vibratilidade dos nervos.

O Reginaldo é o dominio da penumbra em retesia com a luz, que tenta revestir o seu arvoredado aggressivo, insinuar-se nas lapas traiçoeiras, dando relevo a corpos apagados e indistinctos e aclarando os outros verde-negros, onde se acoitam lezardos somnolentos.

Dahi o patentear um aspecto immutavel de serenidade e um feitiço que ainda poderia fazer vibrar a musa virgiliana enlevada com os ancenubios do firmamento, que se recurva sobre o valle sinuoso, ou com as fórmulas revestidas por este em manhãs de verão, em meios-dias nostalgicos, em horas melancholicas de tardes saudosas. Tudo naquelles sitios obedece a um rythmo que lentamente hypnotiza. Entre deslumbramentos passa o visitante fascinado, que nessa galeria caprichosa penetra, ou pelos porticos em declive que flanqueiam voragens ou pelos caminhos que se tapizam de areias pedregosas. Mas, ao chegar á nave dessa construcção cyclopica e em ruinas, onde a natureza nos apresenta em combinações fortuitas todos os encantos de suas opulentas decorações estampadas aos recortes da folhagem, nas curvas mulherís do solo, parece que nos vemos transportados a um segmento ebusino da Arcadia, com os seus velhos cultos e com a sua vida pastoril, que a musica das lendas torna encantadora.

Além dessa parte do Poço, fica a Bomba, minucioso quadro pagão exhibido aos olhos estupefactos de quem passa por aquelle sector ignorado de nossa metropole. Apesar do prosaismo de seu nome, a Bomba fornece temas soberbos capazes de despertar intelligencias de pintores e poetas. Nesse ponto de Maceió se vêem uns renques de casas asymetricamente dispostas, algumas dellas colmadas de palha brancacenta, quasi todas de paredes escuras e sem reboco; coqueiros que formam uma curva desde o poente até o sul; uma lagôa esverdinhada, miniaturesca, onde pascem diversas rezes; e á margem, deste occidente, um terciopello crespo de grama.

Depois desse facultoso sector do municipio vem Mangabeiras, onde fica o Orphanato S. Domingos. E' notavel pela serenidade que suggera aos moradores e aos visitantes. Entretanto, por esse bairro, onde se estira larga e saibrosa a estrada de rodagem do norte, passam frequentemente vehiculos e animaes de carga, além de numerosos peões. Mas rapidos, como automoveis e auto-caminhões; outros mais tardonhos como carroças e carros de bois, vindos das granjas proximas e annunciando o seu transito pelo rechino agudo. A este som demorado e um tanto plangente se consorcia a estridulação da cigarra e o fretinir dos grillos, e, apesar de ser Maceió uma cidade donde desertam espavoridos os passaros, tambem estes, pousados em legiões ruidosas nas arvores de folhagem basta, concertam com os demais rumores da natureza.

A parte as mangueiras diosas medrando opulentas, os coqueiros e algumas outras especies de arvores, a vegetação de Mangabeiras, é escassa e de porte rachitico e meimengro. Em certos pontos onde se nota a falta de cercas, construcções ou arvores fructiferas, essa flora mesquinha parece dilatar-se até o Oceano Atlantico avistado em sua amplidão, de certos pontos do aprazivel suburbio. As visões maritimas descobertas dali são refertas de estranhas maravilhas, sublimando-se os quilates de seu peregrino sortilegio quando um navio desenrola no ar o pennacho espirilado de fumo, ou branqueja no horizonte a vela fugitiva de uma embarcação. Mangabeira, cose-se á collina do Jacutinga do mesmo modo que o Poço. Mas, como a encosta, pela sua posição é completamente soalheira, a morraria humilde se caracteriza por uma aridez penosa. Apesar disso, poucos lugares são mais do que esse ponto eminentemente pittoresco da metropole de Alagôas adequados a uma villegiatura. No natal enche-se, portanto, o lindo suburbio de moradores que andam em procura do repouso e que o abandonam apenas o dever rebôa o *tocsin*, no appello aos labios costumeiros.

Bebedouro. Comprimido entre o morro do Jacutinga e a lagôa Mundahú, Bebedouro vive como perpetuamente narcotizado, entregue ao torpor de longa somnolencia de que só desperta quando os ultimos dias do anno se mostram na pompa de nossos verões intensos. Nos outros tempos elle se apresenta sempre taciturno e quieto, como a face de sua lagôa, sem ondas nem macaréos.

Mas esse bairro humilde tem quadros fascinantes, perspectivas enchromas e dignas de acurada attenção. Não é que as suas arvores, muitas dellas seivosas e robustas, se agrupem sempre em determinados pontos formando bosques espessos, viridentes e hirsutos, onde toda belleza selvagem dos paineis brasileiros se patenteia aos olhos enfeitiçados do espectador. Não obstante, apesar de quasi constantemente esparsas como se acham, ellas têm notas de magia suprema, formando uma paizagem rustica de que ha trechos apreciaveis ou ás margens do lago immovel ou nos pendores abruptos do colle a cujo socairo nemoroso se levantou o silente arrabalde ou na matta sobranceira ao Frechal, dilatação do Bebedouro. Nas primeiras viça espontaneo espesso manguezal displicente, orlando o vasto reservatorio de aguas escuras da lagôa Mundahú, onde largas sombras de singulares conformações bizarramente se ostentam. Junto, entre barrancos, dominam jaqueiras frondosas, mangueiras altissimas de largos troncos nodosos, e outros exemplares vegetaes que a solitudine do homem ou a generosidade da natureza ali deixou medrar em solo feraz. No segundo reina a vegetação mesquinha, descambando acrobaticamente pelas rampas do colle evermelhado, como si fosse cahir no valle. São pobres arbustos ufanos da eterna floração em que se mantêm, augmentando a polychromia notada no suburbio claustral, onde aqui o verde reluzente contrasta com a mancha vermelha das barreiras, e, acolá, a côr metallica da lagôa se attenúa ao reflectir os ancenubios celestes.

A quando e quando, ou sob um tapete rasteiro de folhagem se occulta um brejo ou irrompe crystalina dos anseios tenebrosos da terra uma fonte que vae, no jorro tranquillo, espalhar a humidade nas adjacencias. Em grande copia aves, insectos poetizam ainda mais o scenario georgico. Umas desferem trinos, cavatinam gorgeios, seduzem pelo brilho da plumagem multicôr. Os outros zumbem, adejam em myriades, revelando uma inquietação aguda, deslumbrantes como pedras raras, que, por meio de inconcepível feitiço, se tornassem aladas e cruzassem o ar calmo todo inundado de luz. Ao fundo do scenario corre, com aspecto luctulento, o riacho que secciona o bairro em duas partes, uma em que predomina a linha horizontal, outra que se eleva gradualmente até ás cimas do outeiro. Ao pé desse outeiro, constricto pelos accidentes geographicos postos em redor do soturno povoado, o terreno ás vezes se expande num areial de tonalidade acinzentada e inadequado ao surto da vegetação forte de paragens contiguas. Por todos esses recantos se estira asyetricamente alinhado o casario constante de humildes cabanas, *chalets* graciosos, velhas construcções em ruinas, vivendas modestas, palacetes sumptuosos, moradias desprotegidas collocadas ao nascente nas accidentações rudes do solo, ou erigidas ao lado do occaso, mesmo á orla da fita ondulada e pregueada do caminho.

Protegem cercas rusticas, cobertas de trepadeiras em flor, alguns sitios; blazonam outros gradis ostentosos.

Numa praça larga a igreja emblema a quietude suburbana e, á sombra crepuscular do morro, o cemiterio ironiza a morte, pontilhando de goivos, bôas-noites e saudades os tumulos pobres encerrados dentro de seu recinto.

Mas todas as manifestações da vida são, naquelle sector de Maceió, muito macias, parecendo espelhar a serenidade ambiente, que, na phase rememorativa do advento de Christo, se transmuda, por um milagre de extranha alchimia, em ruidos alacres, cantos sonoros, dansas animadas, feiras, reproducções infindaveis de tudo quanto o nosso *folk-lore* de nação nova pôde criar. Com todas essas diversões se delatam os aspectos psicologicos de nosso povo, os seus sentimentos, as torturas que lhe alanceiam o coração, as aspirações que o empolgam, as reminiscencias que o melancolizam. E nessa quadra Bebedouro, fremindo de jubilo, concentra a vida de Maceió.

Fernão Velho. E' uma villa operaria erigida entre a falda ruvinhosa de um morro e a lagôa Mundahú. Mau grado sustentar velho e prospero cotonificio, o seu aspecto de selvaticidade natural perdura, distinguindo-a entre os paineis circumjacentes. As singularidades de suas perspectivas fixam impressivamente Fernão Velho na memoria de quem o contempla na sua morraria onde a chuva escavou os terrenos, dando-lhes as formas de cariatides e objectos phantasticos. Ou nos seus bananaes seivosos e productivos, ou nas canôas que velejam perto nas lides piscatorias, ou nos mil aspectos mutaveis da lagôa, ou na matta proxima, ou numa ermida que se ergue na cimalha de um morro, este povoado maceioense é muito interessante, ligando-se a Bebedouro por muitos traços communs.

Levada. E' o bairro proletario. Ahi domina o impaludismo e se forma contra a prepotencia o clamor abnegado e corajoso do protesto. Foi neste trecho arenoso de Maceió que a utopia maximalista encontrou solo propicio a um surto em breve tolhido pela intervenção presentanea da policia.

De um lado, a Levada, onde se preterleu outr'ora abrir o porto de Maceió, com o alargamento da barra da lagôa se vincula á cidade por uma praça de vastas dimensões e muito irregular e por uma ponte que já não tem mais finalidade. Do outro, defronta o municipio de Alagôas pelos canaes e pelo famoso accidente geographico que tem a figura singular de um estomago gigantesco debruado de morros cinzentos.

Ficam na Levada muitos estabelecimentos publicos principalmente aquelles que evidenciam a fragilidade do homem e a transitoriedade de sua existencia.

Ao porto da Levada, orlado de um cáes, diariamente confluem numerosas canôas que, vindas das adjacencias de Maceió, trazem lenha, carvão, cereaes, legumes, fructas, aves domesticas, pescados, etc.

Apesar do mau cheiro exhalado pela lagôa Mundahú, a Levada é um local muito risonho donde se avistam quadros bizarros e agradaveis, sendo um dos mais gratos diversorios para os que por ali passeiam ver o desfile das canôas em varios rumos.

Outro spectaculo digno de attenção fornece a pesca do sururú.

Neste bairro existem muitos pontos apaúlados, de transito difficil nas épocas invernosas. Mas o Parque Rio Branco formado exclusivamente de eucalyptos virá afastar uma parte dessa inconveniencia.

Trapiche da Barra e Pontal da Barra. E' no primeiro destes suburbios que fica o ponto de embarque e desembarque dos passageiros das lanchas, que, através de mil difficuldades, sulcam as lagôas hoje excessivamente rasas. A denominação desse pobre segmento de Maceió provém de um trapiche onde ainda agora se accumulam as cargas destinadas ao Pilar e Alagôas. São poucas as casas do Trapiche da Barra, onde as condições de salubridade deixam muito a desejar.

Esta dependencia da metropole liga-se a Maceió pelos bondes da Companhia Alagoana de Trilhos Urbanos.

E' prodigiosa a uberdade das terras dessa parte da capital, onde, á pouca profundidade do solo, se encontra agua em abundancia.

São bairros confinantes do Trapiche da Barra, por onde se pensa ter começado o povoamento de nossa metropole, o da Levada, notavel pela area respectiva e pelo numero elevadissimo de ruas labyrinthicas e cheias de casas humildes, muitas dellas cobertas de palha, e o Pontal da Barra, onde fenece, pelo lado sudoeste, a séde do governo alagoano.

Quem divisa as vastissimas gandaras brancacentas do Pontal da Barra julga logo que aquella peninsula, flanqueada simultaneamente pela lagôa Mundahú e pelo Oceano Atlantico, é impropria para qualquer genero de cultura. Pensará que ella tem, por isso, de apresentar constantemente um aspecto desertico. E' um engano. Viçam ali multiplos especimens de uma flora, que não póde ser perfeitamente conhecida como peculiar a esta ou áquella região, porque de todas participa.

Palmaceas de caule vertical formam, naquella zona de Maceió, verdadeiro antagonismo com os touceiros verdes de musaceas ou com as latadas por onde se enroscam, no desespero da ascensão, as ampelideas que medram quasi sem tracto. Moitas verdejantes espontam em flores sylvestres de delicado feitio e suavissimo perfume. Sombras desconformes lambem a extremidade inferior dos troncos retorsos dos cajueiros enfezados, que espontaneamente medraram. Bromelias e caetaceas, como desventuradas criaturas contra as quaes o mundo se insurgiu, mostram nos espinhos as defesas em que se amparam. E, varando manchas esparsas de verdura, o casario ondula compactamente disposto em linhas sinuosas que traçam verdadeiro dédalo.

Para os lados do nascente e do norte, á similhança da Costa de Ferro da Dinamarca, as areias accumuladas formam medãos por onde se desenrolam as sarças. Coqueiros sem numero projectam sobre a superficie do solo ou sobre as aguas palustres da lagôa as silhuetas desmesuradas. Canôas passam co mas velas escuras enfumadas de vento. Vão no rumo dos lugares propinquos, onde se alteiam morros sombrios ou se alargam as jazidas de greða.

Ao scenario morto só o vasto reservatorio linnegraphico empresta um pouco de animação. E' nelle que o habitante do Pontal da Barra exercita as suas fainas ronceiras e soporíferas, entregando-se a uma halientica rudimentar, que, mesmo assim, é grandemente fructuosa. Por isso a vida daquella risonha península se encontra no occidente geographico, a cujo flanco se levantou e vae se expandindo.

O proprio mar não tem quasi influença alguma sobre a gente simples residente no bairro. A praia interposta ás casas modestissimas do Pontal da Barra e ao Oceano parece determinar esse notorio afastamento. Entretanto, dadivoso, manda o Atlantico brisas purissimas, que vêm de longe amenizar a canicula, sussurrando palavras mysteriosas nos espathos do coqueiral agoniado por não poder seguir, no remigio poderoso, as gaivotas erradias. Em bandos copiosos essas aves marinhas pontilham, com as asas espalmadas o firmamento escampo, docil, muito azulado daquelle pobre suburbio esquecido e de feição enigmatica, posto á ourela de uma lagôa que serve de traslado e copia á psychologia de nossa *urbe*. Nas suas voltas, nos seus meandros, nos canaes por onde barafusta, nas curvas que patenteia, nas ilhas que modela, na variedade de seus coloridos, na multiplicidade de seus aspectos na mobilidade de sua physionomia, vê-se perfeitamente traçada a indole do maceioense. A influencia mesologica accentua-se, portanto, de modo incontestavel, nessa paragem de nossa metropole, na qual os gaudaieiros vão celebrar, entre beberronias e comezainas, a festa tradicional do *dia da hora*.

E' justamente por uma questão de meio que o morador do Pontal da Barra tem a face inexpressiva do lago circumjacente, quasi sempre calmo e sem rugas, o temperamento irritavel de quem vive nas regiões palustres e a hospitalidade franca de quem acha perto um manancial inesgotavel de riquezas.

Si o bairro de Jaraguá trabalha rudemente; si Pajussára toma attitudes aristocraticas de castellã medieval; si o Pharol se mostra pertinaz no esforço diuturno do proprio desenvolvimento; si Bebedouro dormita sempre, ou, ás vezes, acorda estremunhado para as allucinações do samba; si o Poço e o Reginaldo se afanam nas lides agricolas, o Pontal da Barra entrega-se a pescarias que lhe dão o sustento farto, ou medita gerando sonhos, que os ventos salitrosos vão levando como os grandes rolos de fumo das queimadas accesas nas roças fronteiras.

E é porque anda ali a rainha Mab, prodiga em phantasiosas concepções que o Pontal da Barra encerra a poesia evanescente de Maceió, quando a iconoclasia do progresso começou a destruir-lhe as feições tradicionaes.

Pharol ou Jacutinga. Este planalto foi assim duplamente chrismado em virtude do bello e majestoso pharol que ahi se erige e pela natureza do solo em que se assentam suas edificações. Sendo a mais elevada parte da cidade, é tambem a mais salubre, estando, até certo ponto, isenta dos maleficios do impaludismo. Mais arejado do que a cidade propriamente dita e de que todas as cercanias de Maceió, o Pharol está ficando superpovoado. Encerra poucos encantos naturaes, porém do outeiro que o constitúe se avistam largas extensões maritimas, trechos do Reginaldo e da lagôa Mundahú e diversos povoados pertencentes ao municipio de Santa Luzia do Norte. Tem alguns estabelecimentos dignos de nota e edificios de gosto aprimorado, embora algumas de suas ruas hajam sido feitas de accôrdo com a phantasia de funcionarios da Prefeitura, ou dos proprietarios e mestres de obras.

O seu terreno aravel não permite a expansão da floricultura, da horticultura e da pomicultura, porque nelle se encontram milhares de formigueiros. E', além disso, muito arido, não possuindo mananciaes abundantes. Por muito tempo os jacutinguecenses suppriram a escassez d'água escavando

no solo tanques e cisternas, que ainda continúam a ser praticados, mesmo quando a Companhia das Aguas de Maceió estendeu seus ramaes por todas as arterias do bairro. Pharol se communica, de modo muito deficiente, com o centro da capital por intermedio dos bondes da C. A. T. U. e por diversas ladeiras das quaes algumas recém-melhoradas.

Cruz das Almas. Onde fenecem os terrenos de Mangabeiras começam os de Cruz das Almas, em cuja entrada existem, á guisa de portico, dois coqueiros que, declinando para o solo em direcções oppostas, se cruzaram. Tem o primeiro desses arrabaldes um cunho mais citadino do que o segundo, graças á sua proximidade da metropole. Cruz das Almas apresenta outros predicados disgeneres com o seu aspecto aldeião.

Aqui a natureza é a mesma, identica a vegetação rasteira, aspera, hirta, enfezada e com ella se mostram em antithese os coqueiros hieraticos e abietinos existentes numa quantidade notavel.

O casario de Cruz das Almas é diminuto em numero. A prosperidade da taciturna povoação é nulla, pois os moradores de paragens tão ferteis, onde as condições da lavoura seriam das mais propicias, attenta a uberdade do solo e á facilidade de communicações com o mercado a qual lhe suppedita a estrada de rodagem, são inteiramente avessos aos rudes combates com a

Em dias santos ou feriados grupos numerosos de maceioenses evadem-se do *fervet opus* metropolitano e, principalmente na época da fructificação dos cajueiros, ahí vão se deliciar com os banhos tomados nesse rio que tem na superficie, de inegualavel serenidade, o azul mais lindo.

Sob os outros aspectos não diverge o mesquinho villarejo dos circumjacentes. E' enorme a sua displicencia, pois a respectiva população, muito inclinada ao ocio, vive quasi sempre entregue á mais enervante das apathias.

Jacarecica poderia ser como os outros pontos septentrionaes do municipio um *celleiro* de Maceió, onde a vida tem sido sempre grandemente dispendiosa. Recusando-se a um trabalho systematico, atraza-se de maneira lamentavel, mau grado encerrar os elementos mais proficuos de prosperidade. Em Jacarecica tudo se espera da acção da natureza reçumante de seiva e perante a qual o homem voluntariamente se amesquinha e de bom grado se annulla.

M'eirim. Pela resolução nº. 869, de 22 de Junho de 1882, este districto passou a fazer parte da freguezia e municipio de Maceió. E', não obstante tão accentuada a sua insignificancia que póde ser definido como sendo apenas uma ponte.

Jacarecica. O nome deste povoado é uma corruptela de Jacaré + hig = rio dos jacarés. Opinam, comtudo, alguns autores significar esta palavra *jacaré morto* (secco). E' uma aldeia lindissima, cujo principal attractivo consiste no rio que a banha.

Graça Torta. Tem cerca de quarenta casas e uma população de duzentos habitantes. E' uma praia deliciosa que, depois da abertura da rodo-via do norte, está sendo muito procurada por pessôas de distincção para estabelecerem neste remoto suburbio a sua residencia.

Riacho Doce. Este ponto da metropole de Alagôas está fadado a notavel incremento, por circmstancias que facilmente se podem conhecer. Entre essas aponta-se a de estar sendo muito alvejado por individuos do escol social de Maceió não só como ponto de villegiatura, como tambem na qualidade de moradia fixa. Do mesmo modo poderosamente inflúe para o surto que, em praso breve, terá esse prolongamento da cidade — séde da vida administrativa do Estado, — o facto de ahí se achar o centro de exploração das minas petroliferas existentes em vastissimos tractos das regiões paralias. Comtudo, apesar desses prodromos significativos e auspiciosos, Riacho Doce ainda não começou a evidenciar seu florescimento. E'.

como os lugares propinquos, pobre aldeia somnolenta, quasi privada de movimentação, entregue a profundo torpor, apenas interrompida quando a estrada de rodagem que a entrecorta se vê accumulada de caminhões e automoveis.

Dotado de terreno feraz, Riacho Doce não tem agricultura desenvolvida, sendo os seus habitantes negligentes no aproveitamento de valores que, inexplorados, os circundam, antolhando-se-lhes cheios de promessas. O scenario riacho-docense reproduz com fidelidade quasi photographica o dos villarejos proximos e os seus esplendores panoramicos, augustos e magnificentes, não divergem dos apresentados pela natureza dentro do ambito em que se desenvolveu, com persistente energia, o municipio da Capital. Riacho Doce é um dos poucos lugarejos de Maceió em que se encontram pedras, todas amontoadas á beira-mar.

Ipioca. Erigida á borda do Atlantico, do mesmo modo que as terras vizinhas, Ipioca, depois de attingir certo grau de florescimento, decahiu muito passando de villa progressiva á povoação em ruinas. E' um nucleo demographico de que o casario, após se dilatar por extensa planicie, onde não são raros os brejos, galga um colle pouco elevado na enfesta do qual pompeia, no encantamento de sua vetustez, uma ermida singela.

Perto de Ipioca funcionam diversos engenhos em um dos quaes (Pedra Grande) nasceu o Marechal Floriano Peixoto. A existencia deste lugarejo é muito contingente, permanecendo elle sempre adstricto á influencias de Maceió, por lhe faltarem iniciativas relevantes ou modestas. Ipioca significa, consoante Theodoro Sampaio, a raiz dagua, ou casa do chão, caverna, furna. A esta povoação tambem se chama Pioca. Os ipioquenses vivem principalmente da agricultura, mas, entre as industrias locais, se encontra, como fonte abundante de receita, o preparo da cal. Apesar de ser parallela ao mar, quasi não existem pescadores na terra que se orgulha do seu esplendor passado e se remira tristonha nos aspectos do presente. Entretanto, a abertura da estrada de rodagem do norte auspicia-lhe magnas possibilidades de expansão economica, que já se entrevê na fundação de um cotonificio, no sitio denominado Saúde, vizinho á povoação. O scenario de Ipioca, tão cheio de manguezaes floridos, de alvercas onde a vida pullula no fausto luxuriante da flora tropical, nas extensas campinas exuberantes de pastagem humilde, participam, ao mesmo tempo, dos encantos enchromos da terra e da delicia incomparavel das marinhas, onde a vista se espraia entre deslumbramentos e fascinações.

VIDA MENTAL.

Instrucção publica. Sendo o mais populoso e o mais activo dos centros urbanos do Estado, é logico seja Maceió o mais culto entre os mesmos. E, effectivamente, tem elle, comparado com as outras localidades alagoanas, primazias que lhe dão um lugar de relevo no meio desses outros pontos da região em que, do lado do sul, fenecem as terras nos destinos.

Não obstante, um cotejo entre Maceió e outras capitaes menos populosas de certos Estados brasileiros evidenciaria uma inferioridade passmosa de nossa parte, porquanto ficamos em um nivel mental muito baixo relativamente ás mesmas.

O ensino em Maceió póde ser dividido em superior, secundario, primario e profissional.

O superior é ministrado na Escola de Sciencias Commerciaes, criada a 23 de Abril de 1916 e installada a 1º de Julho do mesmo anno. Esta escola funciona no predio da Sociedade de Perseverança e Auxilios dos Empregados no Commercio de Maceió.

A 2 de Abril de 1924 fundou-se uma Escola Superior de Agronomia, que teve existencia muito ephemera.

O ensino secundario é officialmente proporcionado no Lyceu Alagoano, inaugurado a 5 de Maio de 1849, suppresso a 4 de Julho de 1861, e, posteriormente, restaurado. Tem todas as cadeiras indispensaveis ao curso gymnasial, funciona em predio espaçoso e elegante e bem dotado de gabinetes de physica, chimica e historia natural.

Maceió conta mais uma Escola Normal, fundada a 9 de Junho de 1869, a qual funcionou durante muito tempo no edificio do Lyceu Alagoano de que se desvinculou em 1913. Hoje está alojada em um casarão anti-hygienico e improprio que se resente de muitas lacunas. E' frequentada por cerca de 80 discentes.

Para a formação de sacerdotes existe em Maceió um seminario archiepiscopal estabelecido por D. Antonio Brandão no convento de S. Francisco, na cidade de Alagôas, a 15 de Fevereiro de 1902 e trasladado mais tarde para o bairro maceioense do Jacutinga, onde tem um predio de grandes proporções.

Vivem um tanto precariamente na capital diversos collegios destinados ao sexo masculino o que tambem ocorre a respeito dos destinados ao sexo feminino.

O ensino primario é distribuido nas seguintes instituições custeadas pelo governo estadual: Grupo Escolar D. Pedro II, Grupo Escolar Fernandes Lima, Grupo Escolar Diégenes Junior, Grupo Escolar Cincinato Pinto, Grupo Escolar Thomaz Espindola. Além desses grupos escolares Maceió tem 64 escolas isoladas, sendo 22 subvencionadas.

A população escolar do municipio metropolitano attinge a 4.694 meninos em idade escolar, sendo 3.833 alphabetizados e 861 analphabetos. Desta população 2.097 pertencem ao sexo masculino e 2.597 ao feminino.

O ensino profissional não corresponde ás necessidades locais. E' proporcionado pelos estabelecimentos abaixo:

Asylo dos Orphãos de Nossa Senhora do Bom Conselho. Foi criado em virtude dos benemeritos esforços do presidente da Provincia Dr. Passos de Miranda, a 8 de Dezembro de 1877. E' dirigido por freiras, que ensinam prendas domesticas e algumas disciplinas dos cursos primario e secundario. Este orphanato abriga mais de 100 meninas das quaes algumas são pensionistas.

Escola de Aprendizes Artifices. Foi installada a 21 de Janeiro de 1910. Tem as seguintes officinas: sapataria, funilaria, alfaiataria, marcenaria e serralheria. Dispõe de uma aula de desenho e de excellente curso primario distribuido em aulas nocturnas e diurnas. A matricula deste instituto profissional sobe a 264 alumnos.

Escola de Aprendizes Marinheiros. Foi fundada a 2 de Janeiro de 1875. Prepara os discentes para os arduos labores da Marinha Nacional.

Orphanato S. Domingos. Installado a 8 de Junho de 1924. Abriga 90 orphãos, aos quaes, além de educação literaria, suppedita o conhecimento das seguintes artes: sapataria, typographia, alfaiataria e musica.

::

Durante muitos annos houve em Maceió um Lyceu de Artes e Officios, custeado, a principio, pela Sociedade Protectora da Instrucção Popular e criado a 3 de Fevereiro de 1884. A 23 de Junho de 1893 dissolveu-se essa aggremação, ficando extincto o Lyceu. Governando o Estado o coronel Santos Pacheco, foi reaberto o popular estabelecimento, a 10 de Junho de 1899. Posteriormente foi de novo fechado.

Em Maceió já existiram também os seguintes institutos profissionaes: Collegio de Educandos Artifices, installado no bairro de Jaraguá, na presidencia do Conselheiro J. A. Saraiva, a 17 de Setembro de 1854; Escola Central. Destinada á educação dos filhos de ex-escravos, funcionou de 22 de Abril de 1887 até 1892.

— :: —

Instituições literarias e scientificas. Existem em Maceió as seguintes: Instituto Archeologico e Geographico Alagoano. Foi criado a 2 de Dezembro de 1869. Tem excellente bibliotheca, precioso museu e publica uma revista trimensal.

Academia Alagoana de Letras. Foi fundada a 1º de Novembro de 1919 e installada solememente a 14 de Julho de 1920. Tem 40 cadeiras postas sob a égide de literatos mortos e de politicos de valor mediocre e de transitoria fama aos quaes não se deve nem uma pagina literaria.

Sociedade de Medicina e Cirurgia. Tendo sido installada a 17 de Setembro de 1922, soffreu, logo após, um grande eclipse. Reorganizada posteriormente, não logrou dias de gloria, nem contribuiu para o desenvolvimento das sciencias medicas. Hoje mostra certo grau de louvavel operosidade.

Sociedade de Cultura Artistica. Ha duas: O Orpheon Club, que tem posto em evidencia grandes talentos musicaes. Foi fundado aos 19 de Março de 1923, e está paralizado em sua actividade; o Instituto de Bellas Artes Rosalvo Ribeiro em que muitas aptidões estão se revelando magnificamente.

Museus. Existem apenas dois, mantidos pelo Instituto Archeologico e Geographico Alagoano e pela Sociedade Perseverença e Auxilio dos Empregados no Commercio de Maceió.

O primeiro encerra preciosos documentos ethnographicos, faunisticos, vegetaes e mineraes, collecções numismaticas e sigillogicas, retratos e objectos historicos, sendo, por consequencia, muito rico. O segundo, embora sem o valor do primeiro e apenas se destinando a agrupar elementos de avaliação de nosso florescimento commercial, tem secções opulentas e objectos do maior apreço.

Bibliothecas. São poucas as bibliothecas maceioenses, merecendo ligeira menção as abaixo enumeradas:

Bibliotheca Publica. Foi criada a 26 de Junho de 1865. Extincta alguns annos depois, effectuou-se a sua restauração a 31 de Março de 1898. Encerrava algumas preciosidades bibliographicas, todas muito mal conservadas, e era completamente desprovida de obras modernas. Estava localizada num sobrado sito na rua mais bulhenta da cidade, e, por ser de accesso difficil, tinha escassos frequentadores. Está fechada provisoriamente.

Bibliotheca do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano. E' um repositorio facultoso de excellentes obras sobre geographia, historia, ethnographia, anthropologia e sciencias naturaes.

Bibliotheca da Sociedade Perseverança e Auxilio dos Empregados no Commercio de Maceió. Embora conste quasi exclusivamente de livros de literatura amena, é, em Maceió, a mais util e a mais frequentada. O seu acervo de obras augmenta quotidianamente pelas constantes dádivas que recebe.

No Lyceu Alagoano, na Escola Normal e no Superior Tribunal de Justiça ha bibliothecas, onde se acham muitos dos livros que pertenciam á Bibliotheca Publica.

Imprensa. Alagôas foi das primeiras Provincias do Brasil que tiveram jornaes, pois o *Iris Alagoense*, surgido na então villa de Maceió, a 17 de

Agosto de 1831, occupa o decimo lugar na ordem chronologica da publicação dos periodicos nacionaes. Este organo desapareceu a 18 de Fevereiro de 1832. Foi substituido, em dias ulteriores, pelo *Federalista Alagoense*. Durando o *Federalista* breve lapso de tempo, muitos outros organs surgiram, sem a possibilidade de existencia secular. Dos que realizaram o milagre de atravessar longas decadas nenhum superou em vida longeva o *Diario de Alagoas*, extremo propugnador da causa conservadora, apparecido a 1º de Março de 1858 e desaparecido alguns annos depois de iniciado o regimen republicano.

A este se seguia naturalmente o *Gutenberg*, valoroso paladino das campanhas abolicionista e republicana, empastellado quando, em 1911, o movimento subversivo denominado soberania fez o paiz retrogradar até os extremos de completa barbarização. O *Gutenberg* foi fundado a 9 de Fevereiro de 1881.

Hoje ha na capital de Alagoas: o *Jornal de Alagoas*, cujo numero inicial data de 31 de Maio de 1908; o *Diario Official*, cujo apparecimento se verificou em Janeiro de 1912; o *Semeador*, unico diario catholico existente no Brasil, o qual tem 15 annos de existencia; a *Luz*, que appareceu a 10 de Julho de 1919; a *Gazeta de Noticias*, surgida em 1924; a *Republica*, fundada em 1928; *Bacúráo*, publicação humoristica.

Das publicações periodicas tem tido maior tirocinio existencial a *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Alagoano*, cuja publicação foi iniciada a 2 de Dezembro de 1872.

Apesar de haver Maceió acompanhado sempre o progresso das artes graphicas, é escassissima a sua producção de livros, pois os proprietarios de officinas typographicas se occupam de preferencia na lucrativa impressão de trabalhos commerciaes avulsos.

Theatro. Nesta localidade, quando a industria cinematographica ainda não havia se expandido tanto como agora, houve grande gosto pelas cousas theatraes. Para tratar de taes assumptos floresceram diversas sociedades e iuncionaram differentes casas de espectaculos, como: Luso-brasileiro, Thalia, Thalma Jaraguaense, Pantheon Alagoano, etc.

Foi nesses theatros que se exercitaram as admiraveis e glorificadas vocações de Francisca Britto, Quintina Silva e Amelia Chevalier.

Hoje Maceió possui o Theatro Deodoro, que foi inaugurado em 1910 e é um dos melhores do Brasil. Possui tambem o *Theatro Maceioense*. Em Bebedouro existe o *Theatro S. Antonio*, e, no Bom Porto, o *Theatro Alexandria*.

Maceió conta quatro cinemas: Floriano, Odeon, Capitolio e Delicia.

Agricultura e pecuaria. O municipio metropolitano é muito pouco agricola, não obstante possuir terras excellentes caracterizadas por significantes padões vegetaes, como gitirana, rabo de bugio, sensitiva, etc. Mas a demonstração cabal de desamor pela grangearia está no facto de ser a producção agraria metropolitana insufficiente para o consumo local, sendo mistér que o municipio se abasteça em outras unidades alagoanas e em certos Estados, como S. Paulo e Rio Grande do Sul.

Apesar, porém, de ser tamanho o descaso pela lavoura que perto do centro urbano existem largos tractos de terreno em completo pousio, Maceió produz feijão, milho, arroz (este cereal em diminutissima quantidade, muito embora estancias vastissimas aqui se prestem á mais lucrativa das culturas dessa graminea), fava, canna doce, mandioca, aipim, inhame, batata, varias qualidades de fructas, côcos, mangas, bananas, abacates, goiabas, ananazes, abacaxis, melancias, jambos, jacas, melões, cajús, mamões, ouricurys, caques, etc.

A producção espontanea da mangabeira já foi tamanha nesta circumscripção territorial, que originou o nome de um dos seus suburbios.

A criação do gado é muito diminuta, existindo, não obstante, na capital diversas vaccarias e estabulos para o abastecimento da cidade.

Maceió tem uma aggremação geoponica denominada Sociedade de Agricultura Alagoana, fundada a 8 de Maio de 1901. A esta se acha annexo um Syndicato Agricola.

Na capital opera desde 11 de Janeiro de 1911 a Inspectoria Agricola do 9º districto. Aqui tambem funciona o Departamento Estadual do Serviço do Algodão, estabelecido em virtude do decreto nº. 1.001, de 2 de Abril de 1923.

Maceió é igualmente a séde da Delegacia Regional da Industria Pastoral.

Em 1920 Maceió tinha 121 propriedades ruraes, occupando 36.688 hectares. Dessas propriedades muitas eram engenhos, havendo amplas extensões de terra cobertas por 40.000 coqueiros.

Industria. Além de praticar a agricultura e artes correlativas, Maceió tem procurado ser um municipio industrial, contando os seguintes estabelecimentos:

Fabrica Alexandria. Funciona no lugar denominado Bom Parto. E' importante cotonificio.

Fabrica S. Margarida. Estabelecida em Jaraguá, destinando-se á fiação e tecidos.

Fabrica de meias da Cambona.

Fabrica da Saúde. Junto á povoação de Ipioca. Este cotonificio iniciou recentemente suas operações com 200 teares.

Fabrica União Mercantil de Fernão Velho. E' a mais antiga do Estado.

Fabrica Estrella do Norte. Fundada em fins do seculo passado. Emprega 50 operarios e destina-se ao preparo de cigarros.

Fabrica de sabões e sabonetes. Tem sua séde em Pajussára.

Fabrica a vapor S. José. Prepara massas alimenticias.

Fabrica de perfumes.

Projecta-se a criação de tres novas fabricas, destinadas ao preparo de doces, perfumes e pregos.

Na capital ha importantes sapatarias.

Para os trabalhos de serraria, marcenaria e carpintaria teve o municipio, além de varias excellentes officinas, a Serraria Modelo, fundada em 1915 e na qual trabalhavam de 40 a 50 operarios. Está hoje fechada. Ha em Maceió diversas industrias que podem ser consideradas domesticas. Taes são: as do preparo de objectos de pyrotechnia, ceramica, vinhos de fructa, licores, vinagres, velas, bordados, *filets*, tamancos, etc. De todas ellas é a mais desenvolvida a do preparo de artefactos de tartaruga: pentes, piteiras, canetas, bolsas para cigarros, anneis, espatulas, etc.

Ha grande copia de individuos que se occupam de pesca, os quaes se acham reunidos em colonias.

A captação do sururú é verdadeiramente typica e se realiza nas lagôas, onde se mettem os pescadores, exercitando suas fainas com relativa facilidade e insigne pachorra.

A industria do vidro para a qual existe excellente fabrica, está paralyzada.

Commercio. A expansão do commercio de Maceió data de poucos annos, de um tempo em que negociantes intelligentes e perspicazes agiram perante o governo do Estado no sentido de lhes serem concedidas certas vantagens de que proveiu o florescimento mercantil contemporaneo.

Si ha muito, por causa de ferozes luctas politicas, Atalaia perdera os fóros de emporio commercial da ex-Provincia, a criação da Alfandega de Penêdo fez dessa terra um centro muito activo de importação e exportação

o qual absorveu, como ainda absorve, toda vitalidade da região do S. Francisco.

Ao passo que a cidade penedense prosperava desse modo, Pilar, por seu turno, adquiria importancia derivada de valiosas propriedades agricolas, que alimentavam altas transacções dentro e fóra dos limites do municipio, enquanto este enriquecia a olhos vistos.

A situação de insulamento em que vivia Maceió tendia, porém, a se modificar desde o momento em que os trilhos de uma estrada de ferro irradiaram da metropole, foram parar em União e, posteriormente, em Viçosa e Victoria, lugares donde mais facilmente toda producção agricola convergiu para a capital, cujo ante-posto, Jaraguá, se tornou largamente movimentado. Pouco tempo depois as vantagens trazidas por essa ferrovia (Alagôas Railway, hoje Great Western) e pela navegação directa da Europa á séde do governo alagoano se juntou o descenso de Penêdo, cuja Alfandega foi suppressa. Maceió importa do interior e de outros Estados cereaes e legumes, banha, café, cebolas, matte, fumo, etc., recebendo tambem varios artefactos, objectos typographicos, mobílias, louças, vidros, drogas, etc.

As transacções inter-estadaes dia a dia augmentam. Diminúe, todavia, o trafico outr'ora mantido com o estrangeiro, assignalando-se este facto depois da conflagração européa. Registra-se pequena reacção com a importação de farinha de trigo dos Estados Unidos da America do Norte e dos outros generos.

O pequeno commercio de Maceió está disseminado em numerosas lojas e mercearias e em dois mercados: o publico, na *urbe*, e o de Jaraguá, que recebeu a denominação de S. José.

O mercado publico de Maceió começou a ser construido a 1º de Novembro de 1848, sendo presidente da Provincia o Dr. João Capistrano Bandeira de Mello. A sua construcção determinou um gasto de cerca de 30 contos.

Maceió tambem possúe importante Matadouro Modelo, que começou a funcionar em 1916.

Como estabelecimentos auxiliares do commercio operam em Maceió os seguintes:

Caixa Commercial, fundada a 1º de Junho de 1858. Tem o capital de mil contos.

Banco de Alagôas. Criado a 30 de Julho de 1909. O seu capital se eleva a 1.200:000\$000. Este banco soffreu, em virtude de injustificavel corrida consequente á fallencia do Banco do Recife, tremenda crise, que o levou a uma concordata honesta e brilhantemente cumprida.

Banco Norte do Brasil, cuja installação se verificou a 7 de Dezembro de 1925. O seu capital attinge a 1.500:000\$000.

Banco Central de Credito Agricola, cujas operações se iniciaram a 17 de Janeiro de 1928, tendo sido fundado a 25 de Julho de 1927. O seu capital é de 200 contos.

Banco dos Retalhistas. Criado a 22 de Novembro de 1927, iniciou as operações respectivas a 15 de Maio de 1928. Capital 32:220\$000.

Possúe tambem o municipio agencias do Banco do Brasil e Bank of London & South America, Ld.

Maceió tem uma Junta Commercial e uma Associação Commercial organizada a 8 de Setembro de 1866. Esta ultima associação publicou durante algum tempo um boletim, cujo primeiro numero sahiu a 10 de Junho de 1922. Está installada num dos mais bellos predios da capital.

Economia e finanças. As nossas rendas municipaes sempre foram tão exiguas que, em 1849, era a nossa edilidade autorizada a despender annual-

mente a somma de 3:540\$000 e, 27 annos depois, as mesmas rendas ainda não attingiam a somma de 10:000\$000.

Cresceram, não obstante essas rendas, conforme a seguinte demonstração: 1921 — 444:507\$881; 1922 — 573:218\$104; 1923 — 662:576\$705; 1924 — 812:468\$003; 1925 — 1.108:238\$454. O orçamento de 1929 computa essas rendas em 1.200:000\$000.

Estradas de rodagem. Pontes. Maceió é ligada a S. Luiz do Quitunde e Camaragibe pela estrada de rodagem do norte, inaugurada a 19 de Novembro de 1922; ao de S. Luzia do Norte por uma rodovia aberta pelo municipio, sendo ligado ao Pilar por outra rodovia, que se prolonga no rumo sul, passando em S. Miguel dos Campos e Penêdo. Esta ultima foi inaugurada em 1927.

No tempo do imperio, entre as boas estradas que visavam o fim de vincular Maceió a outros pontos adjacentes, abriu-se o caminho vicinal da Matta do Rolo, cuja inauguração data de 9 de Abril de 1853.

Ha no municipio as seguintes pontes: desembarque, Fonsecas, Poço, Mangabeiras, Cruz das Almas, Jacarecica, Gauxuma, Barrocão, Garça Torta, Caranguejo, Gurgury, Riacho Doce, Pratagy, Bocca do Rio, Cabocó, Pescaria, Ipioca, Aguas Negras, Levada, Trapiche da Barra e Bebedouro.

Viação ferrea. Em Maceió existe apenas a *Great Western of Brazil Railway*, que, além da estação central, localizada em valioso predio, conta mais as estações de Jaraguá, Bebedouro e Fernão Velho. Por meio dessa via accelerada estão estabelecidas frequentes relações entre a metropole e os municipios de S. Luzia do Norte, Muricy, União, S. José da Lage, e os Estados de Pernambuco, Parahyba do Norte e Rio Grande do Norte. Um ramal dessa estrada alcança Capella, Atalaia, Viçosa e Quebrangulo, devendo em breve estender-se até Palmeira dos Indios.

Outr'ora foi Maceió ligada a Jaraguá por uma estrada de ferro, cujo trafego se inaugurou a 25 de Março de 1868.

Bondes e outros vehiculos. Circulam em Maceió, além de mais de 300 automoveis (officiaes, particulares e de aluguel), bem como diversos autocaminhões, os bondes da Companhia Alagoana de Trilhos Urbanos que põem o centro da capital em comunicação com Pajussára, Jaraguá, Pharol, Poço, Mangabeiras, Trapiche da Barra, Levada e Bebedouro. Até 1912 esses bondes foram accionados por muares, porém, naquelle anno, passaram a ser accionados por electricidade.

Navegação. Frequentam o porto de Jaraguá, além de navios de procedencia allemã, os do Lloyd Real Belga, Lloyd Brasileiro, Lloyd Nacional, Companhia Commercio e Navegação.

A lagôa que banha o municipio é sulcada por lanchas de uma empresa, que já foi subvencionada pelo Estado, por lanchas particulares, numerosas canôas e algumas barcaças.

Correios. Maceió é sede de uma administração geral de 2ª classe, tendo agencias no Pharol, estação central da *Great Western*, Levada, Poço, Jaraguá, Bebedouro, Riacho Doce, Ipioca, Fernão Velho. Tal administração foi transferida da primitiva capital de Alagôas a 13 de Dezembro de 1839.

A agencia de Jaraguá foi criada em 1859; as de Bebedouro e Riacho Doce em 1892; a da *Great Western* a 9 de Maio de 1911; as do Pharol e da Levada a 15 de Dezembro de 1915.

Telegrapho. Era justo que o telegrapho se estabelecesse primeiro em Alagôas na sua capital. E assim aconteceu no anno de 1873, quando foi criada a estação de Maceió, tendo os estudos indispensaveis á adopção desse melhoramento começado a 8 de Fevereiro de 1872.

Naquelle mesmo anno foi iniciado o serviço de comunicação telegraphica entre Alagôas e Pernambuco, havendo, a 27 de Janeiro, chegado

á metropole alagoana os postes e fios de que fôra portador o vapor inglez *Cardiff*.

O telegrapho submarino foi installado a 21 de Abril de 1922, contando apenas uma estação localizada em Jaraguá.

Telephones. Datam de 1881 os estudos para o estabelecimento da rêde telephonica existente hoje na séde do governo estadual de Alagôas, sendo as primeiras experiencias anteriores á inauguração desse serviço feitas a 25 de Janeiro do mesmo anno com a assistencia do Barão de Capanema. Comtudo, só em 1900 dispoz Maceió de uma rêde telephonica da qual partem communições para toda capital e para as cidades de Alagôas e Pilar. A empresa telephonica dissolvida após um litigio de character judicial, mais tarde se recompoz devidamente, sendo remodelada de accôrdo com os melhores aperfeiçoamentos admittidos neste meio de communição. Hoje temos excellentes telephones automaticos de propriedade da empresa *Força e Luz de Maceió*.

Abastecimento dagua. Depois de varias tentativas frustraneas, este serviço foi iniciado pelo governo provincial, passando ulteriormente a ser realizado pela empresa das aguas de Maceió. Actualmente a mesma empresa, que faz a captação do liquido potavel nos riachos Cardoso e Luiz Silva, tem dois açudes, perto de 4.000 pennas e de 20 chafarizes.

No numero das pennas dagua não são computadas as que funcçionam em estabelecimentos publicos.

Iluminação publica. Em seguida a Campos, primeira cidade sul-americana illuminada á luz electrica (24 de Junho de 1883), cabe a Maceió a prioridade entre os nucleos que adoptaram este systema de iluminação. Antes já se tinha aqui inaugurado a iluminação a kerozene (1857), havendo tambem a cidade sido parcialmente illuminada, durante 3 noites, a alcool, graças a engenhoso e complicado machinismo inventado pelo Coronel Cyrillo de Castro, que, no posto de commando da policia alagoana, morreu heroicamente em Humaytá, e aqui foi dono de uma fabrica de distillação de aguardente e commandante da policia.

Hospitaes e asylos. Acham-se estabelecidos nesta capital os seguintes hospitaes e asylos:

Hospital de S. Vicente, cuja pedra fundamental foi lançada a 7 de Setembro de 1851, sendo inaugurado em 1859. Sua criação foi de iniciativa do vigario João Barbosa Cordeiro. Annexos a este hospital, mantido pela Confraria de S. Vicente de Paulo e subvencionado pelos governos federal e estadual, se acham a capella de S. Vicente de Paulo, a Maternidade Sampaio Marques, iniciada a 10 de Julho de 1914 e inaugurada a 29 de Outubro de 1916; o Pavilhão de Cirurgia Domingos Leite, cuja construcção foi principiada a 10 de Janeiro de 1920, verificando-se a respectiva inauguração a 23 de Julho de 1922.

Asylo de Mendicidade. Inaugurado a 29 de Maio de 1887. Destinava-se ao internamento de mendigos, mas hoje está servindo de dependencia do Hospital de S. Vicente.

Asylo de S. Leopoldina. Pavoroso abrigo preparado para os loucos, dos quaes ali se acham, num recinto destinado a 25 dementes, internados 100 desses infelizes. As obras desse manicomio foram encetadas a 10 de Fevereiro de 1887.

Hospital de Isolamento. Inaugurado em 19H.

Enfermaria-hospital militar. Funcçiona no antigo forte de S. João. Destina-se aos soldados do exercito. Tem uma capella em que se cultúa Nossa Senhora da Conceição.

Cemiterios publicos. Ha no municipio diversos cemiterios, sendo mais dignos de menção os abaixo enumerados:

O de Maceió, cuja pedra fundamental foi lançada em Junho de 1854. Está mal localizado, achando-se hoje cercado de habitações. Compreende uma área de 597 palmos, tendo custado sua construção mais de 40 contos. Neste cemiterio ha elegante capella consagrada a S. José, cuja erecção data de 20 de Janeiro de 1856.

O de S. José, construido ás pressas na vigencia da pandemia grippal de 1918. O solo sobre que foi edificado é inconsistente, encerrando copioso lençol dagua a poucos palmos de profundidade. Em seu portão de entrada vê-se a inscripção: *Mortuis mortures*.

Os de Bebedouro, Jaraguá, Riacho Doce, Ipioca e Pontal da Barra. O ante-penultimo é revestido de grande poesia por se achar posto na enfesta de uma collina.

Pharol. O pharol de Maceió, construido no outeiro do Jacutinga, em terreno doado ao governo imperial por Bento Ferreira e sua mulher, é dos mais bellos e vistosos da costa brasileira. O seu levantamento foi começado no anno de 1851 (2 de Dezembro), occupando a presidencia da Provincia o Dr. José Bento da Cunha Figueiredo. Foi ulteriormente remodelado, dando-se a sua reinauguração a 12 de Outubro de 1916. O seu aparelho de luz é dos fabricantes Barbier, Bernard & Turenne, de Paris. A sua rotação é de 10 segundos. Possúe 2 manometros que giram sobre 150 kilos de mercurio. Os lampejos alcançam 36 milhas e são de luz branca e encarnada. O novo aparelho foi montado pelo mecanico Geraldino da Silva Aguiar. Este pharol tem 63 metros acima do nivel do mar e dista 1 milha do ancoradouro dos navios.

Maceió monumental. I. Palacios. São mais notaveis os seguintes:

Do Governo. A construcção deste proprio estadual foi atacada a 14 de Setembro de 1893, sob o governo do hoje Marechal Gabino Besouro. Depois de uma interrupção das obras respectivas, foram as mesmas reencetadas em 1902, sendo o palacio inaugurado no mesmo anno, a 16 de Setembro. Foi construido pelo architecto italiano Luiz Lucariny, tendo sido começado pelo engenheiro militar Dr. Carlos Jorge Calheiros de Lima, marechal reformado. E' muito majestoso e commodo, ficando situado na Praça Floriano. A sua sala de despachos é faustosa e artistica.

— Do Congresso. A 14 de Março de 1850 deu-se principio á construcção deste paço, onde hoje funciona, além da camara dos deputados, o Thesouro Estadual. A planta deste predio em cuja construcção foram gastos, incluindo as despesas do jardim que o circundava, 120 contos, é devida ao teuto-brasileiro Dr. José Pedro de Azevedo Schramback. A estrutura deste palacio obedece ás mais severas regras da arte classica.

Leão. Fica em Bebedouro e tem a forma singular de imponente castello. Perde muito em ter sido erecto numa depressão de terreno, mas apesar disso é sumptuoso e elegante.

— Da Sociedade Perseverança e Auxilio dos Empregados no Comercio de Maceió. Deve-se a planta deste edificio ao architecto muricyense José Diniz da Silva, precocemente fallecido. E' de estylo moderno e apresenta um aspecto sobremodo attrahente. Fica á rua 15 de Novembro (Rua do Sol).

Seraphim Costa. E' um dos mais bellos edificios de Maceió, muito embora não tenha grandes proporções. A planta desta residencia, erecta na Avenida Espindola (Pharol), é devida ao engenheiro civil Dr. Luiz Oiticica.

Francisco Vasconcellos. Foi construido por uma planta do architecto José Diniz da Silva. E' muito elegante e fica na Praça Floriano Peixoto.

Levino Madeira. Fica na Avenida da Paz. E' muito vasto e de grande sumptuosidade.

Arthur Machado. Fica na mesma Avenida e é bellissimo.

Associação Commercial. E' um dos melhores edificios de Maceió, tendo sido elaborada a sua planta pelos architectos Fulgencio de Paiva e Fulgencio de Paiva Filho. A construcção deste edificio verdadeiramente faustoso teve começo a 27 de Maio de 1923.

Hotel Bella Vista. Feito sob a direcção do architecto Guilherme Jaggerfeldt. A sua construcção importou em 600 contos. E' bellissimo. Contém 40 quartos.

Paço Archi-episcopal. Sua construcção terminou em 1928. E' modesto, porém de largas proporções.

II. Estatuas e outros monumentos. Em Maceió existem as seguintes estatuas e bustos, afóra obeliscos commemorativos:

Do Visconde de Sinimbú. Na praça homonyma.

De Floriano Peixoto. Inaugurada a 11 de Junho de 1908. O nome da praça onde está erigida, em frente ao palacio do governo, é o mesmo do heróe, cuja glorificação se quiz fazer;

De Deodoro da Fonseca. Esta estatua equestre é a mais imponente de Maceió, levantando-se num largo que tem o nome deste Marechal. Foi inaugurada a 3 de Maio de 1910.

— Bente de Braulio Cavalcanti. Fica na Praça do Montepio dos Artistas;

— Busto de D. Rosa da Fonseca. Fica na pracinha homonyma, vulgarmente conhecida pelo nome da heroína glorificada;

— Busto de D. Pedro II. E' lindissimo, sendo o primeiro monumento erigido no Brasil em homenagem ao grande Imperador. Foi levantado em commemoração á sua primeira e unica viagem a Alagoas.

Fortalezas e quartéis. Desappareceram as fortalezas de S. Pedro e S. João, outr'ora existentes aqui, não tendo passado dos alicerces a que o Marechal Floriano Peixoto quiz levantar, quando se achava na presidencia da Republica.

Enumeram-se os seguintes quartéis:

Da policia. Erigido no governo de Mello Povoas. Tem recebido varios accrescimos e retoques.

Do 20º Batalhão de Caçadores. Sua construcção foi começada a 11 de Outubro de 1891, sob a direcção do hoje Marechal reformado Jorge Calheiros de Lima;

Do Tiro Alagoano. Foi a principio deposito de artigos bellicos. A sua pedra basica foi lançada a 4 de Fevereiro de 1874. Coube elaborar-lhe a planta e dirigir-lhe a construcção ao, naquelle tempo, Brigadeiro Floriano Peixoto.

Do Recrutamento. De casa particular foi este predio adaptado para servir de paço do Conselho Municipal. Mais tarde ali se installou o Senado e posteriormente um hospital militar.

— Da Guarda Civil. De predio particular, adquirido pelo governador Dr. Baptista Accioly Junior, foi feito, depois de adaptações previas, quartel da Guarda Civil.

Associações de beneficencia. Notam-se:

Previdencia Alagoana, cuja data inaugural é 12 de Outubro de 1900. Paga peculios de 5:500\$000 á familia dos socios fallecidos, havendo até hoje distribuido avultosas sommas. Tem séde propria.

Montepio dos Artistas Alagoanos. Funciona em modesto edificio de sua propriedade. Ministra instrucção elementar aos filhos menores dos socios, contribúe para o tratamento destes e distribúe pensões pelas familias dos mesmos, quando ellas ficam privadas dos chefes.

Sociedade Burocratica Beneficente Cincinato Pinto. Esta sociedade, cuja data inicial foi 14 de Julho de 1900, completa o montepio e concorre para os funeraes dos funcionarios do Estado nella aggremiados.

Sociedade Beneficente do Asylo de S. Leopoldina. Tem por missão melhorar as condições de existencia dos loucos internados em nosso manicomio. Começou a existir no dia 7 de Setembro de 1923.

Sociedade Perseverança e Auxilio dos Empregados no Commercio de Maceió. E' uma das nossas mais antigas associações de classe (30 de Março de 1879). Funciona em predio sumptuoso, onde tambem se acha installada a Academia de Sciencias Commerciaes, opulenta bibliotheca e valioso museu. Tem vasto salão de conferencias, ornado com a *maquette* do monumento ao Marechal Floriano, feito pelo esculptor Eduardo de Sá, e muitos quadros de valor. Dispõe de amplas accomodações decentemente trastejadas.

Instituto de Protecção e Assistencia á Infancia. Destina-se a proporcionar o destino das crianças pobres. Constrúe actualmente o segundo de seus dispensarios e os seus beneficios têm sido relevantissimos e nunca devidamente decantados.

Sociedade Caritativa Mortuaria Auxiliadora dos Christãos. Funciona em predio proprio obtido por doação do Estado. Tem por finalidade promover a inhumação dos que morrem na indigencia.

Bloco Alagoano. Sociedade de Auxilios Mutuos, cujo patrimonio dia a dia se torna mais avultoso.

Cysne Protectora.

Sociedade Gladiantes.

Lojas maçonicas. Os pedreiros livres existentes em Maceió grupam nas seguintes lojas:

Perfeita Amizade Alagoana, fundada a 21 de Julho de 1868; Virtude e Bondade, primitivamente Ordem e Progresso, fundada a 20 de Outubro de 1890.

Maceioenses illustres. Na galeria de maceioenses illustres figuram brilhantemente os seguintes vultos, já desaparecidos do scenario da vida: militares — Marechal Floriano Vieira Peixoto, Almirante Francisco Caltheiros da Graça; historiadores — Dr. João Francisco Dias Cabral, que tambem escreveu sobre varios assumptos sempre com grande superioridade e mostras de assombrosa erudição, Dr. Thomaz do Bomfim Espindola; engenheiro — Dr. Adolpho André Aschoff; musico — Benedicto Silva; poetas — Drs. Rodolpho Alves de Farias, Aristheu de Andrade e tambem Sebastião de Abreu e Heitor Alves de Amorim; pintor — Joaquim Brigido de Sá Brasil, financista — Dr. Francisco de Paula Leite e Oiticica, que tambem se distinguiu nas letras e no parlamento.

Sociedade Beneficente de Asy de S. Leopoldina Tem por missão
 facilitar as condições de existência dos filhos de famílias em situação
 como também a criação de escolas no campo de
 Sociedade Beneficente de Asy de S. Leopoldina e outras associações de classe
 mais. E uma das nossas mais antigas associações de classe
 desde de 1852. Funcionando em prédio próprio, onde também se acha
 instalada a Associação de Ciências Commercias, e outra de
 estudos, e mais uma sala de conferencias, e ainda uma
 do movimento do Material Fluminense, tendo pelo seu lado de S.
 e outros que se vêem, e mais de outras associações de
 trabalhos.

Instituto de Promocão e Assistência Social. Tem por missão
 promover a assistência social, e mais de outras associações de
 e os seus trabalhos e os seus trabalhos e os seus trabalhos
 desenvolvendo trabalhos.

Sociedade Beneficente de Asy de S. Leopoldina. Tem por missão
 facilitar as condições de existência dos filhos de famílias em situação
 como também a criação de escolas no campo de
 Sociedade Beneficente de Asy de S. Leopoldina e outras associações de classe
 mais. E uma das nossas mais antigas associações de classe
 desde de 1852. Funcionando em prédio próprio, onde também se acha
 instalada a Associação de Ciências Commercias, e outra de
 estudos, e mais uma sala de conferencias, e ainda uma
 do movimento do Material Fluminense, tendo pelo seu lado de S.
 e outros que se vêem, e mais de outras associações de
 trabalhos.

Sociedade Beneficente de Asy de S. Leopoldina. Tem por missão
 facilitar as condições de existência dos filhos de famílias em situação
 como também a criação de escolas no campo de
 Sociedade Beneficente de Asy de S. Leopoldina e outras associações de classe
 mais. E uma das nossas mais antigas associações de classe
 desde de 1852. Funcionando em prédio próprio, onde também se acha
 instalada a Associação de Ciências Commercias, e outra de
 estudos, e mais uma sala de conferencias, e ainda uma
 do movimento do Material Fluminense, tendo pelo seu lado de S.
 e outros que se vêem, e mais de outras associações de
 trabalhos.

Sociedade Beneficente de Asy de S. Leopoldina. Tem por missão
 facilitar as condições de existência dos filhos de famílias em situação
 como também a criação de escolas no campo de
 Sociedade Beneficente de Asy de S. Leopoldina e outras associações de classe
 mais. E uma das nossas mais antigas associações de classe
 desde de 1852. Funcionando em prédio próprio, onde também se acha
 instalada a Associação de Ciências Commercias, e outra de
 estudos, e mais uma sala de conferencias, e ainda uma
 do movimento do Material Fluminense, tendo pelo seu lado de S.
 e outros que se vêem, e mais de outras associações de
 trabalhos.

O IDEAL DE NOSSOS DIAS

(Conceitos de Geographia humana)

JOSE' MAGARINOS

X A educação constitue o ponto mais difficil e de maior controversia na vida dos povos.

E de outra fórma não poderemos conceber tal verdade: o ambiente não é o mesmo; os caracteres, as paixões, as sensibilidades, as intelligencias, as vontades se modificam — o que vem estabelecer a lucta humana dentro de qualquer ramo de actividade. X

O erro, em grande maioria, toma fóros de fixidade.

Além disso, o erro ainda vae mais longe: é contagioso, é hereditario e progride acceleradamente. Comtudo, não devemos deixar de construir, ainda que paulatinamente, a nossa rêde de alicerce, para nós o ponto optimo — o ideal.

X O ideal, todavia, nem sempre vae em linha recta, nessa recta geometrica que todos nós conhecemos: modifica-se, curva-se, parte-se, pontilha-se.

Não só: recúa, volta ao ponto de partida.

X Temos o costume. O costume é o elemento mais invulneravel ás transformações.

O costume é um bem de raiz; adquirimol-o e o não podemos mover, como fazemos a outros bens, que o direito nos delega. Mas, ponderemos: acima do habito, além dos costumes, embora fixados, está a intelligencia, com esta flôr magnifica, que a perfuma: o ideal!

O ideal, no emtanto, não é accionado por uma só funcção: tem a sua psychologia e, materializado nas paixões, a sua physiologia: cresce e decresce proporcionalmente ao meio.

X Ainda mais: póde vencer e ser vencido. Dahi as difficuldades que a educação encontra, sempre e por toda a parte, dependentes da natureza do homem, do tempo, do meio e dos costumes.

Mesmo assim, e por qualquer fórma, não deve a educação ficar restringida a um certo grau de progressão.

X Não devemos, comtudo, confundir educação com civilização, coisas de affinidades proximas, mas que não são synonymas — nem na fórma nem nos effeitos.

A experiencia dos especialistas muito tem concorrido para que possamos proporcionar a differença entre os dois elementos; e escriptores,

como Vessiot, por exemplo, têm notado que a educação é mais difficil no movimento das grandes nacionalidades, nas luctas politicas, do que na calma e na innocencia dos campos.

O contrario é o que se deprehende da civilização, que sempre se estabelece nos meios mais accelerados, meios em que a evolução não cesse: os centros mais populosos, as grandes capitaes, onde a politica, a sciencia, as artes e as religiões se movimentam com intensidade.

Mas, voltemos ao ideal — o nosso ponto de eleição.

Sabemos que nos achamos num periodo de transição, se é que não estamos usando de um euphemismo, occultando a verdade, que nos custa dizer, e que, clara e positiva, seria: estamos atravessando um momento de syncretismos. Comtudo, carecemos de ideal e do brilho resultante de suas luzes.

Necessitamos os seus valores. Precisamos sahir do meio em que nos achamos, extremados por falsa aristocracia e não menos falsa democracia.

E' mistér fugirmos da desordem, da semi-escravatura que ainda nos cerceia a vontade, e da liberdade actual, anarchizada, que não póde e não sabe conduzir condignamente os caracteres.

† Empreheamos uma *liberdade-vontade*, esforço, realização, trabalho! Escolas, escolas!...

Dêem-nos escolas modeladas pelos melhores systemas de ensino.

Queremos os centros profissionaes, com os seus campos de experimentação e as varias especializações de trabalho, sem o esquecimento de que o homem não é unicamente uma unidade do litoral.

× Apontemos-lhe os campos, os trabalhos agricolas, a exploração que o solo permite e as varias profissões que lhe estão reservadas longe dos mares.

Não é possivel que estejamos agglomerados nos centros populosos, morrendo á mingua e sem iniciativa, transformados em doutores, funcionarios publicos e profissionaes do commercio.

Não é possivel, principalmente para o nosso Brasil: fertil, uberrimo, abundante...

Olhem os governos para esta nossa natureza e lhe contemplem a grande feracidade: as arvores brotam das rochas, os campos são esmeraldinos e as minas desafiam a argucia e o emprehendimento dos homens.

Comprehendam, portanto, os governos a necessidade de educar o homem, abrir-lhe ensanchas ao trabalho, ligar a fonte de seus productos aos meios consumidores. Tirem-lhe do analphabetismo, eduquem-lhe a energia, preparem-lhe a raça, purifiquem-lhe o typo, dêem-lhe a precisa hygiene, folguedos para o espirito, trabalho para os braços, luzes para a intelligencia — que esse homem deixará de ser um elemento de juxtaposição, relativamente ao seu semelhante, enfraquecido, para ser uma unidade sadia, alegre, trabalhadora, em uma palavra — educada.

× Queremos o typo que não seja humilhado, soffredor por desanimo, docil por ignorancia, indolente por falta de iniciativa, pobre, porque não saiba trabalhar.

Queremos o typo que não seja sensualizado, corrompido, afeito a vicios; que não seja impatriota; que não seja covarde; que não seja doente; verminado, anemico, contaminado de molestias dyscrasicas.

× Queremos um povo que comprehenda que o trabalho é o estimulo da energia e que o homem nasceu para luctar e vencer.

No regimen republicano, em que nos achamos, eduquemos os nossos filhos nos circulos da liberdade; não, todavia, nessa liberdade que escraviza; que offende os codigos e desmoralisa os preceitos da lei; que atrophia o proprio conceito do eu, porque é uma liberdade mal comprehendida e mal educada. Olhem para as fabricas, para as industrias, para os campos.

Cogitem as autoridades do nosso paiz da educação da criança sob todo o aspecto: moral, social, hygienico.

Cuidem da formação de centros educadores e de protecção dos orphans, dos velhos desamparados; e não se esqueçam de evitar que perambule, pelas ruas, a mendicidade.

Façam da observação o ponto mais vulneravel, da justiça a condição mais absoluta e, do cumprimento do dever, a honra mas arraigada nos seus corações de homens que governam.

Assim teremos a nossa "Terra da Promissão" e o nosso ideal formado, que outro não poderá ser senão aspirar a liberdade, o trabalho, a egualdade, a fraternidade, a moral, o bello, o amor, a familia, a patria¹e, enfim, o progresso dentro do melhor conceito de educação e de qualidades.

E, dando ponto final ao nosso artigo, vamos concluil-o com as palavras judiciosas de Gabriel Compayré:

✓ "A educação do homem não é pois a operação com que se endireita um sêr inerte e passivo; é o desenvolvimento de um sêr livre e activo, donde se excita a espontaneidade".

The first part of the paper discusses the general theory of the firm, which is based on the assumption that the firm is a profit-maximizing entity. The second part of the paper discusses the empirical evidence on the behavior of firms, which shows that firms do not always behave in a profit-maximizing manner. The third part of the paper discusses the implications of the theory and the evidence for public policy.

The theory of the firm is based on the assumption that the firm is a profit-maximizing entity. This assumption is derived from the theory of rational choice, which states that individuals will act in a way that maximizes their utility. In the case of a firm, utility is defined as profit. Therefore, a firm will act in a way that maximizes its profit.

The empirical evidence on the behavior of firms shows that firms do not always behave in a profit-maximizing manner. This is because firms are often influenced by other factors, such as social norms, industry conventions, and government regulations. These factors can lead firms to engage in behavior that is not profit-maximizing.

The implications of the theory and the evidence for public policy are that the government should not assume that firms are profit-maximizing entities. Instead, the government should take into account the other factors that influence firm behavior.

O B R A S I L

Carta da escriptora norte-americana Francis Parkinson Keys, publicada no numero de Dezembro de 1929 da revista GOOD HOUSE KEEPING, de New York, traducção do Dr. Antonio Amelio para esta Revista

A autora goza de uma notavel reputação nos meios jornalisticos americanos, pela agudeza das suas observações através das viagens que tem realizado por varios paizes.

O Brasil é um paiz de tão tremendas proporções e productividade, que se apresenta logo aos superlativos nos seus dados estatisticos.

Um grande esforço para assimilar tudo quanto nelle existe num curto espaço de tempo é capaz de produzir uma indigestão bem aguda.

Porém, peneirando-se os factos de relativa insignificancia — nenhum delles é realmente de pouca monta — dos que nunca devem ser desprezados por qualquer observador ou viajante consciencioso, alguns se salientam, e sobresaem de uma importancia sorprendedora.

O resto da America Latina é hespanhol, tanto na tradição como nos costumes e lingua. Os Estados Unidos do Brasil são portuguezes e herdaram de sua mãe-patria aquelle senso vigoroso da individualidade e da solidariedade nacional, que tão accentuadamente se patenteia em Portugal.

A sua independencia foi proclamada em 1822 e a republica em 1889.

Cobre quasi metade do territorio e contém quasi metade da população da America do Sul. E' maior do que os Estados Unidos da America do Norte excluido o Alaska e maior ainda do que todos os paizes da Europa reunidos, excluida a Russia.

Tem o maior systema fluvial do mundo e a mais extensa costa maritima ininterrupta. E' o maior productor de café no mundo, como tambem o é do assucar, cacáu, borracha, carnes, pedras preciosas e semi-preciosas, e varias outras cousas que são produzidas em alta escala, embora os seus processos sejam ainda rudimentares e mal orientados.

E' o unico paiz na America do Sul que exporta para o nosso mais do que delle importa, e a sua balança commercial, fóra do commum é digna de especial attenção. Por isso que si nós commettessemos a imprudencia de crear tarifas prohibitivas para os productos brasileiros, ficaríamos muito mais prejudicados do que o Brasil.

Não quero com isto dizer que haja disso a menor intenção nas relações commerciaes entre os dois paizes; pelo contrario, a bôa vontade mutua tão apregoada, não é, sómente tradicional, é tambem pratica. Comtudo a significação da proporção que avancei não escapa aos homens de negocio.

Talvez que os leitores já estejam familiarizados com esses assumptos, porém torno a lembral-as aqui, porque uma das mais distinctas e agradaveis senhoras americanas, que se encontra presentemente aqui no Rio, confessou-me a sua completa ignorancia desses assumptos, que pelo menos deviam ser "lidos, annotados, apreendidos e interiormente digeridos", antes de se emprehender a mais ligeira visita ao Brasil, ou antes mesmo de se fazer acaso qualquer observação de seu character e de suas condições.

Com effeito estava contente de vêr que o meu navio penetrava no ancoradouro do Rio de Janeiro, que tem fama mundial, porque devido a minha longa e tranquilla viagem, aprendera um pouco mais do que isso; por elle tornou-se evidente, que a contemplação da belleza iria provavelmente occupar mais do meu tempo de então para diante, do que o meu profundo e continuado estudo.

R I O D E J A N E I R O

A primeira vista da bahia e da cidade, certo me havia de desapontar um tanto em parte porque fomos acordados ás 5 horas para fazermos o nosso desembarque, que não se effectuou senão ás 11 horas — a magnificencia de scenas mais maravilhosas do mundo pôde perder seu brilho em tal emergencia, — em parte porque tanto o porto como as collinas que o cercam foram obscurecidos pelas nuvens e neblina que perduram pelas manhãs durante o meio inverno, — que é o nosso meio verão — pois as estações aqui entre as outras cousas, são o inverno d'ahi. Porém, ao meio dia, como de costume, as nuvens e a neblina desapareceram, e um porto soberbo e fechado pelas terras, surgia em toda sua gloria; as ilhas salpicando suas aguas, as praias colleando ao seu redor, montanhas erguendo-se em torno delle.

Pela noite o meu olhar estava preso na sequencia das luzes scintillantes que esboçam a superficie d'agua, luzindo como se fossem todos os topasios brilhantes deste paiz opulento, enfiados numa corrente esplendida afim de formar um collar real para uso desta rainha das cidades. Certamente, viajante algum por mais exaustado que esteja não pôde deixar de sentir profundamente, com emoção agradável, o immenso esplendor deste logar. E a emoção uão é momentanea, pois a variedade infinita da belleza do Rio de Janeiro representa talvez seu character mais proeminente. Vi-o de todos os angulos possiveis e d'alguns destes, repetidas vezes; dos altos dos edificios, da agua, das montanhas, do ar, da praia, de longa e de curta distancia, e cada vez, descobrindo novos aspectos de belleza, cada aspecto parecendo ser mais deslumbrante ainda do que o anterior.

Quando subi ao Pão de Assucar — um enorme cône de granito, que domina o porto á feição duma sentinella perpetua — depois de ser arremessada atravez do espaço num carro de estrada de ferro aerea suspenso por um cabo que liga o pico á terra principal, pensei que devia ter visto a cidade na sua belleza mais transcendental. Era bem tarde, e como o sol de repente mergulhou no mar, a luz suave e côr de ambar do dia, tornou-se rapidamente duma côr de fogo, e as estrellas começavam a penetrar nesta côr viva e translucida. Por baixo de mim, a superficie liza como um vasto lençol, jazia o porto — quinze milhas de comprimento, e no seu ponto mais largo sete milhas de largura; a cidade sessenta milhas quadradas, seus brancos edificios como mansões imaginarias do Paraiso, e além algumas montanhas de riqueza luxuriante de verde tropical, outras desnudas de côr bem acinzentada com seus picos agudos como se fossem punhaes erguidos fóra do velludo. O Corcovado, sobrepujado pela estatua de Christo que se acha com os braços estendidos para formar uma cruz humana, tão inescapavel na sua significação como na sua eminencia; a Serra dos Orgãos, onde os cinco "Dedos de Deus", não importa quão amiudo escurecido pelas nuvens que passam, apontam sem errar e indefinidamente para o céu...

Nada no mundo, pensava eu enquanto me achava no cume do Pão de Assucar, lançando os meus olhos neste panorama soberbo de grandeza e belleza, podia exceder ou mesmo igualar na sua belleza natural. Porém, quando o contemplei dos topos de outras montanhas — da Tijuca, do ponto onde a "Vista Chinezta" se estende num estranho esplendor espectacular; do proprio Corcovado, ficando ao lado daquella figura magestosa do Crucificado, porém, vivo Redemptor, o mais frisante monumento religioso deste hemispherio, — cheguei á conclusão de que o Pão de Assucar me déra apenas o gosto antecipado das bellezas ainda incompletamente vistas; e como os dias da minha visita aqui se transformaram em semanas, achei que cada dia revelava maravilhas até então não descobertas. Um orgulho e um regosijo transbordantes, tingidos com algum parentesco de reverencia e exaltação, que os brasileiros sentem da sua Capital, é uma sensação inevitavelmente sentida por todo estrangeiro dentro das suas portas.

A A V E N I D A

Não era de surprehender si a cidade no seu aspecto mais intimo e quotidiano nos desapontasse um pouco, em comparação das características soberbas que a circumdam. Felizmente nada disso. Sem duvida é outro especial prazer que ex-

perimentamos andando pela Avenida Rio Branco, muito differente d'aquelle que sentimos do alto do Pão de Assucar e Corcovado; mas o prazer, encarado como tal, não fica diluido de fórma alguma.

Sómente as ruas mais velhas são estreitas e escuras, dotadas de muitas curvas a despeito de sua idade, a despeito do antigo viaducto que corta um quartel moderno e movimentado e a antiga capella esculpida e doirada de São Bento, collocada numa alta collina; a despeito do occasional resplendor das telhas antigas, velhos quintaes e outros restos relembradores da antiguidade, o Rio se apresenta na sua essencia uma cidade moderna. Esta esplendida Avenida, a arteria principal correndo atravez do coração da cidade, é larga e recta; ao seu longo as muitas arvores offerecem sombra agradável, suas calçadas são desenhos elaborados em mosaico preto e branco.

Os bancos e os escriptorios das Companhias de navegação estão ahi, alguns dos principaes hotéis e lojas, o Theatro Municipal, a Bibliotheca Nacional e outros importantes edificios publicos.

A propria Paris não offerece nada mais importante na maneira de ser duma cidade civilisada. Atraz della, numa extremidade, ficam as docas e na outra as avenidas das residencias particulares ao longo da costa do mar e das praias.

Ha poucas casas de apartamentos no Rio, em sua maior parte, as casas, um tanto ornadas mas muito agradaveis pelos seus desenhos, estão collocadas a uma boa distancia umas das outras, e cercadas de jardins. Além destes jardins particulares que se encontram por toda parte ha grandes jardins publicos. O Jardim Botanico com as suas vistas de palmeiras de cem pés de altura e suas seis mil variedades de plantas tropicaes; a Quinta da Boa Vista, outrora residencia imperial e seu parque de deleite particular. Em toda parte ha um senso de amplitude, limpeza, verdor, do ar estimulante e do rebrilhante esplendor do Sol; em toda parte a divisa "Ordem e Progresso", com que a bandeira nacional, salpicada de estrellas, é atravessada, parece não só pregada, mas tambem praticada.

(A proposito, esta bandeira reproduzindo as constellações celestes na noite em que foi proclamada a Independencia Brasileira é a mais simbolicamente imaginativa, que já tenho visto, a não ser a nossa propria bandeira).

E assim, como já deixei dito antes, ha um prazer infinito em ficar conhecendo o Rio atravez das suas ruas e parques e não ha desfallecimento deste prazer quando tomamos o proximo passo logico em conhecê-lo melhor, penetrando os edificios, os quaes do lado de fóra nos impressionaram favoravelmente. Entre estas construcções se encontram naturalmente as que reúnem seus corpos legislativos. O Senado Brasileiro se define por si mesmo, pelo seu nome "Palacio Monroe"; foi erigido na exposição de S. Luiz e que typifica os lindos ornados do estylo de que acabo de falar; enquanto a Camara dos Deputados, separada do Senado, por quasi todo o comprimento da cidade, é posta com mais magnificencia e conforto que já tenho visto, de qualquer outro corpo legislativo. Com tanta riqueza de madeiras raras, esculpidas e embutidas, e de couro escuro e talhado, de marmores de côres variadas e tapetes macios e de pesados brocados pendentes nos salões de recepções, de commissões e de conselho, que em seus detalhes não se pôdem colher numa só visita. O Ministerio das Relações Exteriores — é um vasto palacio particular dos tempos do Imperio — é rico com thesouros identicos, e em algumas casas particulares que tivemos a oportunidade de visitar, encontramos uma soberba collecção de mobílias antigas de jacarandá e prata talhada, arranjadas com o maior gosto e discriminação.

Entre estas está a casa de Madame Mesquita — Dona Jeronyma, como ella é geralmente e com affeição chamada — a famosa feminista de quem terei que dizer logo mais, a casa do Dr. José Marianno, antigo director da Escola de Bellas Artes, que, tendo gasto dezoito annos em colleccionar as antiguidades brasileiras, já pôde orgulhar-se e ostentar seus resultados insuperaveis, gastando ainda quatro annos para construir o engaste adequado para elles.

A sua casa "Solar de Manjope", a copia fiel da mansão colonial do seculo XVII dá para o mar de um lado e do outro para o Corcovado; é collocada no centro de um jardim cercado pelas muralhas em que elle proprio plantou todas as arvores que lá existem. O gosto, o conhecimento technico, a affeição e a riqueza que tem posto na criação deste sitio, deram em resultado um mixto de paisagem-jardim; a decoração interior é de architectura raramente encontrada — e a manhã que gastamos com elle e sua amavel esposa italiana, é uma manhã que sempre lembraremos com o maximo prazer.

O S O C C E R S U L A M E R I C A N O

Ao contrario da opinião popular, os brasileiros estão muito apaixonados pelo sport, sendo o *soccer* o mais favorito; e os jogos que assistimos entre os teams brasileiros e os visitantes, os húngaros, começaram ás dez horas da noite, disputados entre as filas de palmeiras no Fluminense Foot-Ball Club deante do estímulo de cerca de treze mil pessoas desfechando-se na mesma occasião uma tal descarga de foguetes e foguetões que o excitamento médio dos nossos jogos collegiaes de foot-ball empallidece deante desses.

As corridas, que se realizam uma vez por semana no immenso e espectacular Jockey-Club, perto do Jardim Botânico, offerecem outro passatempo popular, e muito da vida social do Rio se focalisa em torno deste e do outro Jockey-Club — como é chamado um tanto confusamente — na Avenida Rio Branco e os outros dois lindamente collocados *country clubs* da Gavea e de Ipanema.

Muitos entretenimentos communs se realisam nestes e outros clubs; porém, se ficamos entretidos cerimoniosamente ou não, numa residencia particular ou num club qualquer, sentimo-nos muito felizes quando um alimento typicamente brasileiro se nos offerece.

Nenhuma descripção da minha visita ao Rio de Janeiro seria completa se não mencionasse ao menos ligeiramente alguns de seus maravilhosos pratos.

O primeiro destes — o primeiro em qualquer sentido da palavra — é a *canja*, sopa que é realmente alimento em si espesso composto de arroz e fatias de gallinha, bem quente e fumegante, saboroso e nutritivo, como tambem irresistivelmente tentador.

O seguinte pelo cardapio, geralmente vem camarão, feito em pasteis que parecem com uma especie de bolos — *empadinhas de camarão* — ou servido com *chú-chú*, um delicado vegetal verde, do qual nós não temos equivalente, cortado em fatias como maçã e cosinhado na manteiga.

A *sadia feijoada* de arroz e feijão, misturado com carne de vacca num abundante e espesso caldo, parece não tomar lugar nas refeições de cerimonia, embora seja digna de figurar em qualquer mesa.

A convencional "entrêço" assado com salsa, geralmente, preenchem seu lugar; porém, o côco é servido duma ou doutra maneira como sobremesa e o *manjar de côco* servido por uma dona de casa, com uma rica e deliciosa calda feita de goiaba fresca, que achei tão delicioso que me atrevi a pedir a receita.

Sei que precisarei fazel-o passar por um processo de adaptação antes de fazel-o servir na mesa mediocre dos americanos — a noz de côco secca deve, por exemplo, substituir o côco fresco, porém, com a sua ingenuidade estou segura de que não poderá conseguir tal adaptação sem grandes difficuldades, mas não obstante lhe envio as instrucções tal como me foram fornecidas.

Passa-se pelo ralo uma noz de côco do tamanho natural, põe-se numa vasilha com quatro copos dagua fervente e cobre-se, quando já estiver frio espreme-se num pedaço de panno ou guardanapo. Leva-se esse liquido ao fogo e dulcifica-se a gosto. Misturam-se duas colheres das de sopa de amido de trigo com um pouco de leite, ajunta-se a isto agua da noz do côco e ferve-se até que se condense num manjar branco.

Passa-se para uma fôrma e deixa-se esfriar antes de servir, compreende-se sem muita difficuldade, que a gente não estará disposta a se levantar da mesa sentindo fome, depois de tomar lunch ou jantar no Rio, e de facto ha pouca probabilidade de passar a gente sem se revigorar a qualquer hora do dia.

Os brasileiros que são muito abstemios no que diz respeito ao uso de bebidas alcoolicas tomam o seu café pela manhã, ao meio dia e á noite, e mesmo a visita mais breve é motivo que appareça um bule de café com o necessario numero de pequenas chcaras que pela metade cheias de assucar poroso do proprio paiz, recebem o evaporante e negro liquido que nellas se derrama.

Se a visita fôr mais demorada e tem lugar á tarde, então vem o café em primeiro lugar, depois os sorvetes e então o chá, que vem sempre acompanhado de tortas de geleia de goiaba, bolo de ameixas e de noz de côco e uma bôa e succulenta fructa cristalisada.

Não se póde deixar de admirar de como as senhoras brasileiras que são todas tão intelligentes quanto as parisienses — conservam suas silhuetas tão lindas nesta dieta. Porém, o facto é que ellas as têm.

A V I L L A M O D E L O

De todos os copiosos e deliciosos chás que nós gosamos, nenhum nos deu tanto prazer, como o que tomamos na companhia do Conde e da Condessa Pereira Carneiro, na sua vivenda em Nictheroy, através da Bahia de Guanabara. A viagem a este

lindo recanto foi feita numa soberba lancha particular, e tendo desembarcado no lugar destinado, subimos numa série de elevadores electricos as escadas sobre as quaes a villa fica situada, e tomamos chá numa varanda de onde se descortinam os grandes armazens de sal e doca-secca pertencentes ao nosso hospedeiro e immediatamente por baixo de nós o sempre glorioso e sempre novo panorama da bahia, cidade e montanhas além. O Conde Pereira Carneiro, o proprietario d'um dos maiores jornaes do Brasil é tambem um dos maiores industriaes; sabendo que elle e sua esposa haviam cooperado na construcção e desenvolvimento da Villa para seus operarios, atrevi-me a pedir-lhes licença para visital-a antes de voltarmos á cidade. O meu pedido resultou em nada mais do que uma revelação. A villa modelo a qual fomos promptamente conduzidos era um lugar de tanta tranquillidade e belleza que me fez sustar a respiração. Foi, que a concepção original de "cidade sem mancha" realizou-se. O Conde allega que foi a Condessa a responsavel pela sua existencia e a Condessa dá todo o credito ao Conde; porém, de qualquer modo, lá elle está! Entrando por um portão de arcos, de ambos os lados do qual se alinham pequenas e assejadas lojas, contendo tudo que fôr necessario para a vida, onde as mercadorias se vendem pelo custo, penetramos numa pequena praça onde foram levantados uma igrejinha linda e um bonito predio escolar, em frente um ao outro.

Além, de ambos os lados da rua enfeitada de arvores destacaram-se cabanas attractivas cobertas de estuque, cada uma possuindo luz e agua, e cada uma tendo seus proprios e pequenos terraços e jardins.

Fizemos voltas bem devagar admirando tudo, e pensando, com muita dôr, do contraste com as ruas sujas e sem conforto onde vivem muitos operarios americanos.

Entretanto foi o predio escolar para o qual nossa attenção foi irresistivelmente attrahida. Acompanhados pela directora da escola, uma senhora de aspecto nobre, que ensina não só aos meninos e meninas, mas tambem aos homens e mulheres da Villa, pois ha tambem aulas nocturnas para os adultos que desejam instruir-se. Inspeccionavamos tudo com entusiasmo crescente. Immaculada, attrahente e completamente equipada, a escola offerece educação gratuita para toda creança entre 5 a 15 annos, cujo pae esteja ao serviço do Conde Pereira Carneiro, em Nictheroy, e, os rapazes e moças que a este tempo tenham alcançado a idade ultima e que tenham accusado uma inclinação ou talento especial, recebem oportunidade para desenvolver-as.

O casal Pereira Carneiro não tem filhos, tem alegrado innumerados filhos de outrem, com tanto carinho e dedicação que teriam para com os seus proprios filhos e filhas. Não é pouco o que elles têm feito em contribuir para a "Ordem e Progresso" do Brasil.

O esplendido trabalho philantropico que a Condessa Pereira Carneiro está realisando em Nictheroy, embora seja o unico no seu genero, não é de fórma alguma só aquelle modo da educação constructiva que offerece a mulher brasileira. A Dona Amanda Alvaro, a quem tive prazer de conhecer na casa de Miss Mary Jane Corbett, a secretaria da Associação Christã Feminina no Brasil (y. u. c. A) criou uma escola modelo para creanças num districto muito pobre entre Rio e Petropolis — "A Capital do Verão" — um districto que antigamente tanto soffreu da malária e que antes de chegar o auxilio medico ou medidas curativas tivessem começado, todos alumnos que estavam sob protecção de Dona Amanda Alvaro já tinham passado por esse mal. Tambem noutras direcções as mulheres brasileiras são muito activas, tendo encontrado varias mulheres engenheiras, advogadas, medicas, cuja posição professional se acha bem elevada; a encantadora autora Dona Anna Amelia Carneiro de Mendonça — uma outra brasileira a quem cheguei a conhecer por intermedio de bons officios de Miss Corbett, tem escripto excellentes versos e foi recentemente escolhida rainha dos estudantes; emquanto Dona Bertha Lutz, que deixou tão indelevel impressão sobre a Liga das Mulheres Suffragistas em Baltimore, ha alguns annos passados, e com que deleitei-me renovando as relações aqui no Rio, tem consagrado a sua vida á causa do suffragio. Ella é presidente da Federação Brasileira do Progresso Feminino, e em grande parte devido a sua brilhante e infatigavel liderança que as mulheres agora votam em oito dos vinte Estados do Brasil, e um destes Estados — Rio Grande do Norte — tem como prefeito uma mulher joven, viuva, mãe de dois filhos e tambem cinco intendentes municipaes que são mulheres.

Nos seus esforços a Dona Bertha Lutz tem recebido um valoroso auxilio da vice-presidente da Federação Brasileira Dona Jeronyma Mesquita, que já falei antes. Esta notavel senhora, membro duma das mais velhas e tradicionaes familias do Brasil, tem patenteado grande coragem em medidas progressivas de toda especie; pois além do seu trabalho em pról do suffragio ella tem achado tempo ainda para outros ramos na actividade publica. Ella é uma das fundadoras dos escoteiros no Brasil e Commandante official das escoteiras brasileiras; tambem ella é vice-presidente da União Pro-temperança Christã das Senhoras, como tambem thesoureira do Hos-

pital da Maternidade e membro da Commissão Executiva da Extinção da Febre Amarella.

E' talvez nesta junta que ella está fazendo o seu trabalho mais importante. Pois o Rio que na sua belleza ultrapassa toda descripção e no seu encanto toda comprehensão, é, geralmente falando, um dos logares mais salubres dos tropicos, está se libertando para todo o sempre dessa terrivel doença, que como um vil inimigo de quando em quando procurou manchar sua belleza e destruir seu encanto, fazendo-a insalubre. A febre amarella não esteve tão alastrada como muitas pessoas são induzidas a crêr. No auge da recente, assim chamada "epidemia" houve só duzentos casos na cidade; e ao tempo da minha chegada não se registrou um unico sequer caso por varias semanas. Porém, a possibilidade e o medo della foi geral, especialmente entre os estrangeiros. A Republica Argentina puzéra embargo sobre todos os navios procedentes d'aqui e mesmo antes de deixar E. U. A. fui advertida de não vir para cá. Felizmente os rumores de epidemias como tambem os rumores de revoluções não me alarmam. As noticias de ambas são geralmente exaggeradas. E se eu tivesse me deixado levar pelo medo não só teria perdido este prazer puro da minha visita, que tanto me proporcionou e do qual procurarei dar-lhe alguma idéa; porém, a oportunidade de descrever-lhe, como testemunha visual a campanha intensiva que o Departamento de Saúde Publica, sob a magnifica direcção do Dr. Clementino Fraga, que se empenha para exterminar para todos os tempos o *stegomya fasciata* — o mosquito que transmite a febre amarella. A cidade inteira divide-se em quinze districtos e todas as manhãs ás 9 horas recrutas e trabalhadores — em numero de seis mil — guarnecidos de lampadas electricas, baldes, picaretas, machadinhas, desinfectantes e outros equipamentos, partem de cada posto central do districto para começarem seu dia de trabalho. Todas as casas são visitadas, pelo menos, uma vez por semana, e mais amiude se forem suspeitas, então são minuciosamente examinadas. Todas as calhas e bicas se livram de qualquer empecilho, todos os tanques de agua ficam cobertos, todos os riachos e correntes limpam-se para possibilitar o livre curso das aguas. Todas as plantas cujas folhas possam guardar agua, são destruidas, todos os buracos que se encontram nas arvores velhas, que podessem conter agua, são entupidos com cimento. de todas as cercas feitas de bambú são removidas as varas rachadas e então erguidas outra vez; de todos os quintaes e fundos de casas são retiradas as velhas latas que possam conter agua e depois enterradas. Todos os esgotos são salpicados com desinfectantes. Mesmo os cemiterios e as igrejas obedecem a regra geral. Os vasos contendo agua, que si põe nos tumulos, enchem-se de areia; as pias baptismaes e de agua benta, ficam esvasiadas. A grandeza duma campanha deste typo, emprehendida em relação ao isolamento completo não sómente beneficia as victimas da febre amarella mas tambem previne os casos suspeitos; a fumação completa não só depois de todos casos confirmados como tambem em todos os casos suspeitos; e a propaganda, educadora em fórma de cartazes enormes collocados nas escolas e nos bondes, nas esquinas das ruas de qualquer parte visiveis — emprehendida numa cidade de quasi 2.000.000 de habitantes, é tão sorprehendente quanto se possa imaginar. Sómente sahindo bem cedo, pela manhã, como eu fazia é que se póde avaliar o trabalho destes mata-mosquitos, que procedem duma actividade para outra. E fazendo assim, muito mais que nas multiformes diversões que o Rio offerece (embora que essas são agradaveis, vou contar á respeito dellas em proxima carta) que o verdadeiro espirito do Brasil me foi revelado.

— O espirito de "Ordem e Progresso" não só illuminado pela belleza, mas pe-

nhorado para o adiantamento da sciencia e consagrado ao serviço da humanidade.

Communicações Geographicas

AS NASCENTES PRINCIPAES DOS RIOS

ALEXANDRE EMILIO SOMMIER

E' muito difficil, senão impossivel, estabelecer de um modo geral um criterio uniforme para determinar qual dos ramos formadores de um rio deva ser adoptado como seu curso inicial, desde sua nascente.

Ha rios, cujos braços, em suas cabeceiras, se abrem em leque, convergindo para pontos de confluencia, não muito distantes, de fórma a dar-se esta em terrenos, por vezes, de constituição geologica semelhante, e, mesmo que se busquem outros caracteristicos que permittam assignalar um dentre elles, como principal, subisistem duvidas e incertezas para dar que fazer ao geographo.

De todos os accidentes geographicos são certamente os rios os mais instaveis, os de moldes mais transitorios e incertos.

O volume de suas aguas e o seu curso dependem de tantas, varias e complexas causas que, no transcorrer de periodos não muito longos, os rios vão se modificando no seu aspecto, no seu volume de aguas e até mesmo no seu leito.

Rios outróra caudalosos reduzem-se hoje a simples riachos; lembrando a theoria do cyclo vital dos rios, vemos os que ha tempos despejavam suas aguas em rumorejantes borbotões, cascadeando em degrãos de rochas deslizarem agora, mansamente, em correnteza quasi imperceptivel, no caminho tranquillo de sua placida velhice.

Outros, a exemplo do Pilcomayo, nas lindes argentino-paraguayas, vão trasladando o seu leito, mudando de lugar, ainda mais complicando a questão da fronteira entre os dois paizes.

Os rios estão na dependencia directa de phenomenos varios: a mudança do regimen de chuvas de uma região, a acção do homem abatendo florestas, transformando por completo o aspecto natural de uma localidade de onde procedem os mananciaes; as mutações geographicas consequentes á acção natural de agentes mecanicos ou chimicos, modificando a estructura e o *facies* do terreno, os abalos sismicos, tudo isso são causas frequentes da modificação do volume das aguas e cursos dos rios.

Nos primeiros tempos da fundação de nossa cidade, para não irmos buscar exemplos mais longe, quando grande parte da área urbana, hoje toda edificada, ainda era coberta pela matta que se avisinhava das lagunas e dos pantanos, alcançados pelo mar, as tradições e as chronicas referem-se aos rios dos Caboclos, da Carioca, Comprido, Trapicheiros, etc.

Devastou-se a matta, aterraram-se os pantanos, o homem foi fazendo recuar em direcções oppostas a floresta e o mar; e os rios? Estes desappareceram quasi, escondidos por abobadas de canaes, ou reduzidos a valla de plantar agrião, correndo pelos fundos de chacaras ou de quintaes, só tendo alguns momentos como que a lembrar sua extincta importancia, quando um aguaceiro torrencial augmenta, por pouco tempo, o seu volume de aguas.

E' a paisagem geographica *natural ou cultural*, variando sempre no tempo e no espaço.

Subordinados ás condições geologicas do sólo, ás influencias climatericas e soffrendo indirectamente as consequencias do trabalho humano, vão os rios, através dos tempos, mudando de aspectos por sobre a superficie do globo terrestre.

Como fixar principios, como estabelecer normas duradouras sobre elementos tão instaveis?

Em nossa Patria, que digam os geographos as surpresas que lhes vão causando a instabilidade e a mutação perenne dos sulcos de agua que formam a rêde fluvial da Amazonia. Já alguém usou de uma bella e imaginosa comparação, escrevendo que nessa terra melhor fôra estabelecer os marcos que assignalam os limites das terras nas estrellas do firmamento que craval-os nas margens oscillantes dos rios.

E' este, pois, um dos mais difficeis problemas de geographia, e, por isso, mesmo, vemos que, em afamados tratados, este assumpto ou não é abordado, ou é habilmente contornado de uma maneira imprecisa.

A discussão sobre as nascentes dos rios é abundante em toda parte; pode-se dizer que raro é o rio importante que não tem suas nascentes discutidas. As origens do Sena, do Danubio e do Rheno, na Europa, do Amazonas, do Paraná, do Mississipi, na America, do Congo, na Africa, todas ellas são objecto de controversia theorica.

As fronteiras, em grande numero de casos, seguem o curso de rios, como limites naturaes; assim não pôde deixar de suscitar duvidas a determinação do ramo principal da nascente do rio lindeiro, disputando cada parte interessada o galho que lhe deixa maior porção de terras; entre nós, paiz extenso, de grandes áreas administrativas e politicas, ainda por demarcar com precisão, este problema não podia deixar de merecer a attenção dos nossos geographos.

A controversia sobre este assumpto manifesta-se desde logo ante as interrogações que nos podem surgir á mente: qual deve ser considerado como galho principal — aquelle cujas nascentes vertem de mais elevada altitude? aquelle cujo *thalweg* se apresenta como o prolongamento natural do leito do tronco principal? o de maior extensão? o de maior caudal? E, deixando de perto condições physiographicas, a tradição, o criterio historico, as condições *anthropogeographicas*, emfim, tambem não são elementos muito ponderaveis?

E' neste cipoal de controversias que o geographo tem de escolher uma directriz para determinar sua orientação.

Os nomes dos rios individualizam sómente a corrente principal, o *canal collector* de todas as aguas de uma bacia fluvial; á proporção que remontamos sua corrente, á medida que o rio se vai esgalhando em confluentes começam as incertezas, muitas vezes impossiveis de se elucidar com precisão.

Wagner apresenta como mais simples solução ao problema considerar-se como rio principal de um systema a linha fluvial continua mais longa e, como nascente principal, aquella que se achar mais longe de sua foz.

“Il modo in apparenza *più semplice* de rezolvere il problema si é de considerare come *fiume principale la linea fluviale continua più longa* del systema, e como *sorgente principale* quella che trovassi *più lontana* della face”. (H. Wagner — *Tratatto di Geografia Generale*, vol. II, pag. 237, tomo 1911).

O eminente geographo considera este procedimento mecanico em contradicção com o principio de que todos os phenomenos devem ser apreciados em relação aos factos naturaes que acompanham o seu desenvolvimento; assim, um systema em que a origem do rio principal é bem *distincta*, pode-se considerar como tal, unicamente, “quell'arteria che, data la conformazione general del bacino, si presenta in basso come il caudale collectore del bacino *iteno*”.

Para adoptar esse criterio devemos nos basear na carta geographica e abranger com o olhar o conjuncto da bacia sem nos distrahirnos com os factos locaes que se possam apresentar na confluncia dos dois canaes; este criterio, porém, frequentemente, acaba por ter um valor puramente theorico, podendo, de subito, sem produzir grande confusão, alterar, de algum modo, a denominação historica dos rios; serve, entretanto, para mostrar os casos em que essa denominação esteja ou não exactamente applicada.

Existe uma grande quantidade de systemas fluviaes de estrutura simples nos quaes resulta facil a applicação desse movimento; taes systemas, em substancia, atravessam apenas uma unica fórma de valle, e, assim, a classificação pôde se basear sobre a do respectivo valle.

Wagner menciona os casos de nos — *fiume de piovente* — cujas nascentes *promanam* de vertentes em encostas accentuadamente inclinadas, em amphitheatro, com paredes concavas como o fundo de uma concha, correndo em direcções radiadas e paralelas a se encontrarem na planicie em um *collector commum*, geralmente formados de grandes bacias, ha, ainda, os que correm na parte inferior e ao longo das vertentes — *fiume d'orlo*, — e outros de aspecto e formação complexos, além dos que constituem as bacias denominadas simples que correm pelo meio dos valles regulares, dos quaes occupam o centro, como *collector natural* das vertentes lateraes.

Orville Derby, em uma memoria intitulada — “Contribuição para o estudo da geographia physica do valle do Rio Grande” (“Revista” da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, 1885), tratado das nascentes do rio Paraná, assim se exprimiu:

“Por mais curso e mais volume de agua, o Rio Grande é considerado por muitos geographos como a corrente principal do Paraná, recebendo o Paranahyba, aliás Alto-Paraná, como tributario. Em qualquer systema hydrographico, porém, a estrutura geral da bacia tem mais importancia do que a extensão do curso e volume das aguas dos seus diversos canaes para se determinar qual a corrente dominante, ou qual deverá ser considerado como o rio principal. Assim, o Paraguay e o Mississipi são tomados como os rios principaes dos respectivos systemas, posto que inferiores em extensão e volume, antes da junção, aos tributarios Paraná e Missouri; isso porque occupam o eixo de uma depressão entre dois systemas orographicos, feição esta característica das grandes bacias hydrographicas. Sendo a bacia do Paraná uma área deprimida entre a região montanhosa da costa e a de Goyaz, isto é, um planalto entre montanhas, deve ser considerado como rio principal o que melhor corresponde á linha média, ou eixo deste planalto.

“O Paranahyba, pelo menos até á foz do Corumbá, preenche esta condição muito melhor do que o Rio Grande. Acima deste ponto, a escolha do rio que deve ser considerado como a verdadeira cabeceira do Paraná, deve estar entre o Corumbá, São Marcos e o Alto Paranahyba. Sem noticias mais exactas sobre a geographia physica e estrutura geologica da parte superior da bacia, é difficil dizer a qual deverá ser dada preferencia. Dos tres, o que corresponde melhor ao rumo geral da bacia que, da confluencia do Paranahyba e Rio Grande vai até a grande volta abaixo das cachoeiras de “Sete Quedas” e ao sudoeste é o Corumbá; o que se afasta mais deste rumo é o Paranahyba, sendo para notar que nascendo muito mais para o sul do que vem representado nas cartas do Brasil, este rio se assemelha mais ao Rio Grande, Tieté e outros tributarios do lado oriental do que geralmente se suppõe. O caracteristico commum de todos os tributarios deste lado, desde o Alto-Paranahyba até o Iguassú é que nascem na alta cadeia de montanhas que formam a margem oriental da bacia e correm no rumo geral de oeste, cortando, transversalmente, uma zona mais ou menos larga que apresenta as mesmas feições geologicas e topographicas que a vertente, e, em seguida, uma zona que pertence ás planicies elevadas que caracterizam a parte central da bacia”.

Assim, na opinião de Orville Derby, a estrutura geral da bacia tem mais importancia, na determinação das nascentes dos rios, do que a extensão do curso ou o volume das aguas.

A opinião do eminente cientista, a quem tanto devemos, sobre as nascentes do Paraná, mereceu uma apreciação por parte do major Henrique Silva, em um trabalho — “Qual a principal cabeceira do rio Paraná?” (“Revista” da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, 1912, pag. 46).

“O estado actual dos nossos conhecimentos geographicos já permite, depois da exploração do planalto central do Brasil pela commissão scientifica chefiada pelo eminente e saudoso dr. Luiz Cruls, dizer com precisão qual a corrente principal do rio Paraná, ou melhor, qual a sua cabeceira principal.

“E, parece-nos, vem a ser o rio São Bartholomeu, que erroneamente passa por affluente do Corumbá, que corresponde melhor ao ramo geral da bacia do Paraná. “A esta conclusão não é difficil chegar tendo-se em vista os estudos geologicos de competente dr. Francisco de Paula Oliveira, no seu relatorio sob o titulo — “Vista geral e aspecto physico da região do novo Districto Federal e dos valles dos rios Corumbá e São Bartholomeu em Goyaz”. Escreveu este profissional o que segue:

“O São Bartholomeu é formado pelo Paraná e Peperipáo. Aquelle corre rumo N. 10° a 30 L, tem sua origem em formação de *schistos argilosos* e grés e é o resultado de diversos affluentes do ribeirão do Sobradinho, este junção dos ribeirões Torto, Bananal, Riacho Fundo e Gama, com direcção approximada de W para L; corre tambem em terras das mesmas rochas.

“Parece ser o Peperipáio o que determina o rumo de São Bartholomeu e este por sua vez o que vai marcar o eixo do Baixo Corumbá. Apesar de mais volumosos em aguas, não é o Corumbá o rio mais antigo. Numerosos afluentes *nelle* de uma e outra margem lhe agumentam a descarga, mas seu leito é mais elevado que o de São Bartholomeu.

“Nasce o Corumbá ao Norte da serra dos Pirineus, corre, a principio, ora Léste em grés itacolumito e *schistos*, para tomar depois para o Sul, perto da cidade do mesmo nome, onde a sua altitude é de 93 metros; logo abaixo segue de novo para Léste e procura depois o rumo Sul 30° para juntar-se ao São Bartholomeu. Até á barra, com este rio, tem, approximadamente, o curso de 150 km. e sua altitude, na confluencia, é de 700 m.

“O São Bartholomeu depois que toma este nome, isto é, na junção do Paraná e Peperipáio, tem a altitude de 830 m. e nesse percurso de 190 km. desce apenas 130 m.

“Comparando-se os dois rios, vê-se que o São Bartholomeu corre em leito mais profundo antes de sua união com o Corumbá”.

Continuando nas suas considerações apoiadas em trabalhos como o relatorio da exploração do Rio Grande, dos snrs. Guilherme Wendell e Arthur Horta O' Leary; da Commissão Geographica e Geologica de São Paulo e do dr. Felix Azara, *Descripción del Paraguay*, conclue o major Henrique Silva da seguinte fórmula: — “Si, pois, o Paranahyba corresponde ao eixo do rio Paraná, tem maior volume de agua e mais longo curso, além de outras razões apontadas pelo snr. Orville Derby, é elle a cabeceira principal do Paraná, e não o Rio Grande, como querem os novos geographos de gabinete”.

.....

“Resulta, pois, dos estudos a que nos reportamos e da nossa observação pessoal, esta verdade que parece demonstrada: o rio Paranahyba, até á confluencia do Corumbá, este até á do São Bartholomeu, e, finalmente, este ultimo, em toda a sua extensão, formam o eixo do rio Paraná, constituindo a sua bacia a principal corrente da cabeceira”.

O autor desposa e confirma a doutrina de Orville Derby.

Em nossa bibliographia geographica occupa lugar de destaque, neste assumpto, a excellente monographia do chefe da Commissão Demarcadora de Limites entre o Brasil e o Perú, almirante Antonio Alves Ferreira da Silva — “Rios, seus afluentes, contribuição para o estudo da determinação da nascente principal” é um trabalho succinto, feito com grande concisão, cujo autor, a par de apreciavel erudição, revela grande criterio, amparado pelo valor de sua competencia profissional.

Depois de uma clara exposição do assumpto, o snr. almirante Ferreira da Silva conclue apresentando as seguintes condições para a escolha da corrente principal de um rio:

1°) O que conservar a direcção geral do rio ou della mais se approximar, apresentando a menor deflexão em relação ao tronco;

2°) Quando se apresentarem dois confluentes, cujas deflexões sejam sensivelmente iguaes ao tronco, será escolhido o de maior extensão, e, se ambos tiverem a mesma extensão, a escolha recahirá no de maior volume de aguas;

3°) Quando os confluentes tiverem sensivelmente a mesma deflexão e iguaes sua extensão e volume de agua:

a) se os ramos considerados forem os ultimos a correr em terrenos de elevações pronunciadas, será escolhido aquelle cuja nascente tive maior altitude em relação ás nascentes dos outros;

b) sendo iguaes as altitudes das nascentes dos ultimos ramos e uma dellas apontada como principal pelos habitantes do lugar deverá ser observada esta condição *anthropogeographica*”.

Estas conclusões do almirante Ferreira da Silva, além do valor pessoal do seu autor, têm a amparal-as a abalizada opinião de eminente sabio patricio professor Henrique Morize, que, em carta ao autor do trabalho, assim se exprimiu:

“A formula pratica offerecida pelo snr. capitão de fragata Ferreira da Silva, se não pode ser considerada como formando de maneira absoluta uma solução appli-

cavel sem hesitação em qualquer caso concreto, é bastante simples de uso para poder ser recommendada, desde já, a todas as commissões que tiverem em seus deveres procurar pontos de fronteira designados como sendo cabeceiras principaes de determinados cursos de agua”.

Em se tratando deste assumpto, merece tambem referencia o parecer da Commissão de Limites dos Estados do Norte, sobre a questão de limites entre os Estados do Maranhão e do Piauí; nesse bem elaborado parecer, de autoria do snr. coronel Renato Rodrigues Barbosa Pereira, estuda-se de modo minucioso a questão controvertida da principal nascente do rio Parnahyba, cuja cabeceira se esgalha pelos sulcos de quatro correntes convergentes: a Agua Quente, o Corriola, ou Surubim, o Boi Pintado e o Orelha.

Desses, os dois formadores do Parnahyba, mais importantes, são o Agua Quente e o *Corriola*, e estabelecendo o confronto entre os dois, o parecer assim diz: “A comparação do Agua Quente com o *Corriola* mostra que o primeiro é que conserva a direcção geral do rio, é o unico volumoso, tendo uma descarga de 14m³.888 por segundo de tempo, contra a de 9m³.649 do outro, é o de cabeceira mais alta, 708 m. de altitude, contra 480 do *Corriola* e é o mais extenso, tendo 25.600 m. de curso contra 24.000 do seu rival.

“Comparando agora o Agua Quente com os seus dois principaes affluentes — O Boi Pintado e o Orelha, — a planta que organizamos mostra que estes se afastam mais da direcção geral do que aquelle; o Boi Pintado é muito menos volumoso que o Agua Quente, e o Orelha o é um pouco mais, conforme se conclúe dos trabalhos annexos; o Agua Quente tem as cabeceiras em maior altitude, 709 m. contra 550 m. do Boi Pintado e 443 m. do Orelha, e é mais extenso do que ambos.

Podemos, pois, concluir que o Agua Quente preenche todas as condições para que a sua nascente seja considerada como a principal do rio Parnahyba, cujo nome devia prolongar-se até lá”.

Vê-se, assim, que essa commissão, para a realização dos seus trabalhos, já se inspirou nas instrucções Ferreira da Silva.

O revmo. padre Geraldo José Pauwles, S. J., distincto membro do Conselho Director da “Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro”, em uma bem interessante monographia — “Contribuição para o estudo dos concertos de *limite e fronteira*” tambem se occupa com este problema e, depois de varias considerações sobre as conclusões do almirante Ferreira da Silva, propõe como solução uma formula de sua autoria:

“Por isso, seria talvez melhor estabelecer como nota distinctiva do galho principal a combinação da extensão e do volume ($E \times V$). Esta formula (extensão vezes volume) possui a grande vantagem de tomar em consideração de facto não só o volume e extensão, mas tambem (em V) a sua largura e profundidade, e até o seu declive, o qual entra sob a sua função, a velocidade, no *calculo* do volume.

“Pode, portanto, considerar-se o galho principal aquelle que offerece o maior valor de $E \times V$. Só no caso de serem iguaes estes valores para ambos os galhos, toma-se em conta a consideração do ramo geral do tronco.

“A altitude da nascente, que por varios autores é tambem considerada como uma nota distinctiva, realmente é de exiguo valor, porque tem pouca relação com a função primordial do rio, e depende antes de uma formação casual da bacia fluvial. De mais a mais, entra de certo modo na formula $E \times V$ como declive, respectivamente, como função delle, a velocidade.

Entre todos os elementos discutidos e analysados em todos estes trabalhos, aqui mencionados, rumo, extensão, volume de agua e historia, faltou um, a meu ver bastante importante, senão o principal, e que ousou lembrar: a idade, estabelecendo-se como galho principal o mais velho, o mais antigo, o que apresenta mais apparencia de formação coéva com o tronco principal.

Parece-me ponderavel criterio o da idade, porque a questão das nascentes dos rios é um problema de geographia physica e esta *repousa*, tem alicerces, principalmente na geologia, e a historia do passado da Terra é do dominio da geologia, como o seu presente é da geographia physica, logo, pela inspecção geologica do leito de um dos galhos, pelo estudo do trabalho de sua correnteza sobre um mesmo leito, pelo seu perfil longitudinal e pela evolução da parabola do seu curso em demanda do seu nivel de base, poder-se-ha estabelecer o criterio da idade.

Antes de tudo, esta questão é demais complexa para que se possam estabelecer, *à priori*, regras fixas de caracter geral; só no campo, *in loco*, poderá o geographo, estudando o aspecto geologico da bacia fluvial, determinar de um modo singular,

para cada rio, seu galho principal, vendo no terreno a possibilidade ou o cabimento, no caso, das regras e principios aqui referidos, ajustando-os ao scenario natural em sua presença.

Em uma notavel conferencia sobre o rio Jacuhy, realizada nesta associação a 5 de Dezembro de 1927, publicada no "Jornal do Commercio" de 6 de Dezembro e inserta na "Revista" da "Sociedade de Geographia" (tomo XXX, 1926-1927), o tenente-coronel Sousa Docca, mostrando as controversias que existem sobre a nascente principal do rio Jacuhy, diz: "Em quasi todos os livros didacticos, dictionarios e mappas geographicos, se menciona como sendo nascente principal do rio Jacuhy o galho que tem origem na encosta léste da cachoeira das Quinas, nos campos da Estancia das Tesouras, no municipio da Palmeira, ao norte da cidade de Cruz Alta, e que corre com o nome de Varejo, até sua confluencia com o Pinheiro Machado.

"Para muitos estudiosos e conhecedores da geographia sul-riograndense, especialmente os passafundenses, a principal nascente do Jacuhy é o galho que brota na cochilha do Povinho da Estrada, proximo ao Matto Castelhana, no municipio de Passo Fundo, e que é geralmente conhecido por Jacarésinho.

"Muitos o denominam Jacuhy Oriental e ao outro galho chamam Jacuhy Occidental.

"Ha, ainda, quem despose a opinião de que o Jacuhy é a continuação ininterrupta do Vaccacahy Grande, sendo este, pois, a sua nascente principal.

"Os que dão ao galho que desce da cachoeira das Quinas as honras de nascente principal do maior rio do Estado sulino allegam o criterio anthropogeographico; os que reservam aquelle direito ao ramo que tem origem no municipio de Passo-Fundo se apoiam na circumstancia de ser esse galho mais volumoso e de maior extensão; os que opinam, finalmente, pelo Vaccacahy, se fundam no facto de ser este, dos tres galhos principaes, o unico que é direcção do tronco inferior do caudaloso rio".

Ante essa controversia, o tenente-coronel Sousa Docca faz interessantes ponderações sobre cada uma das hypotheses occorrentes, ponderações estas que revelam de sua parte uma apreciavel erudição scientifica, que demonstra ser este distincto official do nosso Exercito perfeito conhecedor do assumpto que abordou.

Não obstante esse conhecimento e apesar da sua autoridade reconhecida por quantos sabem do seu valor como geographo e como historiador, depois de mencionar outros casos de nascentes de rios sujeitos a duvidas, como os do Mampituba, de que dependem os limites entre os Estados do Paraná e Santa Catharina, os do Ibicuhy, no Rio Grande do Sul, os do Parnahyba, no Piauhy, indicados em compendios escolares de chorographia como tendo sua origem em "dois olhos de agua no lugar denominado Páo Cheiroso", quando são outras suas nascentes, como é hoje sabido, o tenente-coronel Sousa Docca propõe a esta "Sociedade" a designação de uma commissão, afim de que, estudado o assumpto por esta douta corporação, se adopte um criterio para a determinação das nascentes dos rios.

Tomando em consideração a proposta do tenente coronel Sousa Docca, o snr. Presidente desta "Sociedade", exmo. snr. general Moreira Guimarães, nomeou uma commissão composta dos snrs. professor Everardo Backheuser, almirante José Manoel Monteiro e do infra assignado, deliberando os dois primeiros membros da commissão que me coubesse a tarefa de relatar o assumpto. Considerando-me o mais obscuro e o mais desvalioso obreiro desta casa acceitei-a como quem cumpre uma ordem, como quem se desincumbe de um dever; por isso, relevem-me, os que reconhecem a fraqueza deste trabalho que, certamente, teria sido tratado com muito mais proficiencia e saber si a outras mãos mais habeis o houvessem confiado.

Concluindo este relatorio, parece-me que, em vista do que ficou acima exposto, a "Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro", concordando com as conclusões do snr. almirante Ferreira da Silva, poderá recommendar, como doutrina a ser observada na determinação das nascentes dos rios, a adopção das citadas conclusões, isto é, que seja considerado como principal de um rio:

1º) — O que conserva a direcção geral do rio, ou della mais se approxima, apresentando a menor deflexão em relação ao tronco;

2º) — Quando se apresentarem dois confluentes, cujas deflexões sejam sensivelmente iguaes, será escolhido o de maior extensão, e, si ambos tiverem a mesma extensão, a escolha recahirá no de maior volume de agua;

3º) — Quando os confluentes tiverem sensivelmente a mesma deflexão e iguaes a sua extensão e volume de agua;

a) — Si os ramos secundarios forem os ultimos e correrem em terrenos de elevações pronunciadas, será escolhido aquelle cuja nascente tiver maior altitude em relação ás nascentes dos outros;

b) — sendo iguaes as altitudes das nascentes dos ultimos ramos, e uma dellas apontada como principal pelos habitantes do lugar, deverá ser observada esta condição anthropogeographica, adoptadas estas presumpções, porém, com as seguintes restricções:

1º) — Deve ser respeitada a tradição historica, quando já tenha consagrado em definitiva a denominação do sólo.

2º) — Devem ser respeitados os rios adoptados como limites em tratados publicos, nacionaes ou internacionaes.

3º) — Deve ser adoptado o volume de agua, de preferencia á extensão, na hypothese do item 2º das conclusões supracitadas.

El estudio de la familia en América Latina ha sido un campo de investigación que ha ganado importancia en los últimos años. Este artículo examina el papel de la familia en la sociedad latinoamericana, considerando los cambios que han ocurrido desde la independencia hasta el presente. Se analizan los factores que influyen en la estructura y función de la familia, así como el impacto de la modernización y la globalización en este ámbito. Se discuten las diferencias entre la familia tradicional y la familia moderna, así como los desafíos que enfrenta la familia latinoamericana en el siglo XXI. El artículo concluye que la familia sigue siendo una institución fundamental en la sociedad latinoamericana, pero que su papel y estructura están en constante evolución.

La familia es una institución social que ha existido en todas las culturas y épocas. En América Latina, la familia ha sido tradicionalmente una institución patriarcal y autoritaria, donde el hombre es el jefe de familia y toma las decisiones principales. Sin embargo, con el tiempo, ha habido un proceso de transformación hacia una familia más igualitaria y democrática. Este cambio se debe a factores como la educación, el acceso a los recursos económicos y la influencia de la cultura occidental.

En el contexto latinoamericano, la familia ha sido afectada por la migración, la urbanización y la modernización. La migración ha llevado a la separación de las familias, lo que ha generado problemas de adaptación y bienestar. La urbanización ha cambiado el entorno físico y social de las familias, lo que ha afectado sus patrones de interacción. La modernización ha introducido nuevos valores y normas que han desafiado la estructura tradicional de la familia.

En conclusión, la familia latinoamericana es una institución en constante evolución. Aunque ha experimentado cambios significativos, sigue siendo una institución fundamental en la sociedad. Es importante que se continúe estudiando y analizando los cambios que ocurren en la familia para comprender mejor su papel y función en el futuro.

Areas Geographicas do Dinheiro

ISAURA S. GASPARINI

Para estudarmos o assumpto, partiremos do Planalto do Iran, situado no coração da Asia, e de onde os acontecimentos da vida humana se desenrolaram para léste e oeste de modos tão diversos!

A Luz irradiou da Asia para todos os pontos do Globo!

Situada nos hemispherios norte e léste ella como que estende quatro azas para as outras partes do mundo. Suas montanhas são a chave do relevo terrestre e as terras altas foram as primeiras habitadas. As planicies pantanosas e desertás, no começo, form dessecadas e povoadas pelo emigrante descido da montanha.

Os habitantes do Elburz, do Caucaso e da Bactriana vivendo em clima frio, adoradores do fogo e do calor, consideraram as pelles como objecto util a todos desejado. Como sabemos, são estas as características do dinheiro.

O DINHEIRO PELLE

Foram as pelles portanto o dinheiro que circulou na zona comprehendida entre o Hindú — Kuch, o Elburz, o Gopho Persico e o Mar Caspio.

Depois do schisma de Zoroastro as tribus que do Iran partiram para léste foram se estabelecer no Pendjab, onde encontraram, mais tarde, os dravidas e kuchitas, que habitando nas proximidades do mar, cobijavam as flores do oceano, lindas e delicadas conchas que lhes serviam de padrão de troca, não só entre os habitantes da peninsula, como entre elles e os povos vizinhos com os quaes mantinham relações commerciaes, graças a regularidade das monções, que muito cedo lhes permittiu as viagens maritimas.

O DINHEIRO CONCHA

As regiões do Indico constituíram a area geographica do "*Dinheiro Concha*", que a conquista retirou da circulação, mas que predomina ainda em muitas communicações isoladas na immensidade do Pacifico.

Narra Frei Vicente do Salvador, que nosso Barsil Colonial enviava barris de conchas ás Indias e as nossas conchas eram para os habitantes da fertilissima região equivalentes ao ouro que enviavamos á Metropole.

Voltemos ao Occidente. A civilização seguindo a descida da montanha para a planicie originou novo dinheiro.

O DINHEIRO BOI

A facilidade de pastagem determinou a industria pastoril; o boi tornou-se objecto util a todos e por todos desejado.

A area geographica do "*Dinheiro Boi*" foi o triangulo, cujos vertices são: Egypto, Palestina e Grecia.

A começar do anno mil antes de Christo, o Boi serviu de padrão de troca e com elle os "Carneiros e Ovelhas". Era o Boi moeda principal e as outras divisionarias. Dez carneiros, porém, equivaliam a um Boi.

Ora, dinheiro tão dispendioso e tão difficil de ser guardado, tinha forçosamente de ser substituido por outro; foi assim que, depois de seculos foi substituido por potes de cobre.

Mas, os potes de cobre ainda eram difficeis de carregar, e o grego, tornando-se competidor do phenicio no commercio e na navegação, simplificou o dinheiro transformando-o em tiras de cobre, que receberam a denominação de "*Obulus*". Isto em periodo já avançado da civilização hellenica, pois na Grecia homerica nada se conhecia que exercesse as funcções de dinheiro.

Não se sabe precisamente o valor do "*Obulo*", sabemos apenas que uma mão cheia delles era uma "*Drachma*", valor corrente na Hellade.

Os gregos, portanto, nos legaram a expressão "*Obulo*" que significa pequena esmola em dinheiro.

Roma, ao sahir do barbarismo, adoptou o cobre como unidade de valor. Surgiu a libra romana, moeda de valor intrinseco, pois, pesava e valia doze onças.

Si bem que mais commoda a transportar que seus antecessores, era ainda muito pesada a libra romana e a civilização em suas conquistas não podia deixar de substituil-a por outra mais commoda e de mais facil conservação. Comtudo o "*Dinheiro Cobre*" durou centenas de annos e persiste até hoje, como moeda *divisionaria*.

Phenicios e romanos exploraram com afan todas as minas de cobre encontradas, sendo principaes as de Chypre, as de Huelva, na Hespanha, nas margens do Rio Tinto, ao qual podemos applicar a phrase do grande Alexandre Herculano, relativa ao Guadamelato, pois elle tambem é uma ribeira que, descendo das regiões mais agras da Serra Morena, vae desaguar no Guadalquivir".

No tempo de Honorius, Roma empregava vinte mil escravos na exploração das citadas minas. Seu trabalho cessou com o dominio dos godos e dos mouros.

A Italia possuia as minas de Monte Cattini, já exploradas pelos etruscos. Mas, é tendencia humana desvalorisar o que possui em abundancia. A grande producção de cobre veio diminuir o seu valor.

O D I N H E I R O P R A T A

Com a conquista da Hespanha pelos romanos, a prata entrou em circulação. Dois seculos antes de Cesar tornou-se padrão de troca.

A civilização continuava sua marcha de léste para oéste.

Carlos Magno, assumindo o Imperio dos francos, no seculo oitavo da nossa éra, standarisou a prata. Decretou formalmente que a libra de prata fosse a medida basica do valor. Dahi a expressão "*L'argent*" usada em França com a significação de dinheiro.

A historia do dinheiro passou a ser escripta em area geographica differente.

A circulação da prata abrangeu não só as regiões mediterraneas como as centraes da Europa e ainda as banhadas pelo Mar Tenebroso.

Entrando a Inglaterra nas transacções commerciaes adoptou a libra de Carlos Magno, que possuia, como a dos romanos, valor intrinseco. De uma libra se faziam 240 pences, mais tarde, a libra esterlina teve a mesma medida de valor mas não de peso.

A palavra shilling, usada pelos inglezes teve origem geographica differente. Durante a conquista normanda, os louros guerreiros do Norte usavam aneis symbolicos, alliança entre elles e a Patria. Após as batalhas os aneis dos mortos eram disputados pelos vivos como trophéos de gloria! Para satisfazer a cubiça de todos, dividiam os aneis em fragmentos chamados shillings.

O symbolo de união entre o guerreiro e a Patria constituiu o primeiro thesouro dos barbaros do Norte.

Forneceram prata á Humanidade, a Hespanha, cujas minas de Guadalajara haviam sido exploradas pelos phenicios; as Gallias, que possuiam as ricas minas dos Vosgos; a Noruega, dos montes Dofrinos e as nossas cordilheiras americanas que deram á Europa prata sufficiente para fundir uma esphera de 29 metros de diametro.

O D I N H E I R O O U R O

Os phenicios e romanos já exploravam minas de ouro na Hespanha, Plinio fala nas minas de Abulcara, mas a região nos é desconhecida. Salomão amphoras de ouro em pó trazido da Africa. Os gaulezes exploraram minas de ouro na França, visto como usavam armas douradas e collares de ouro.

As minas da Transsilvania, na Hungria, foram exploradas pelos romanos, na época de Trajano (106 E. C.)

A primeira moeda de ouro foi cunhada por Cresus, rei da Lybia. Foi feita de "*electron*" liga de prata e ouro, na razão de 30 para 70. A moeda de Cresus data do anno 700 A. C. Foi cunhada com fim historico não como padrão de troca.

Grandes imperios como Egypto e Assiria e Babylonia atravessaram milhares de annos, usando os metaes como padrão de troca, sem nem de leve ter a idéa de moeda.

O DINHEIRO COBRE

A area geographica do "*Dinheiro Cobre*" foram as regiões do Mediterraneo oriental e occidental, perlustradas pelos phenicios de Sidon e Tyro respectivamente.

Os potes de cobre foram o dinheiro corrente. Dahi a expressão *cobres* tão vulgarmente usada.

Como moedas mais antigas apresentaremos, além da de Cresus, duas moedas de prata, cunhadas em Tarento, 400 annos A. C.; as moedas de Marco Antonio e Cleopatra que circularam de 43 a 31 A. C.; a moeda de prata cunhada em Syracusa, 405 annos A. C.; as peças de oitão do Perú é a moeda chamada "*Jaachinsthaler*" cunhada na Boemia, em 1518 da nossa era, da qual se originou o dollar, soberano das moedas actuaes.

Dario da Persia tambem cunhou moedas de ouro.

Este metal, pelas suas propriedades, era indicado para moeda padrão, mas uma causa unica se oppunha: a pouca abundancia do mesmo.

Com a descoberta da America, novos horizontes se abriram á circulação do dinheiro. A areea geographica das moedas desdobrou-se através do Atlantico e alcançou as plagas americanas.

A descoberta das minas da California, em 1848, da Australia, em 1851, e da Africa do Sul, em 1865, abasteceram o mundo de ouro e deram ao precioso metal a predominancia sobre todos os outros.

O ouro é o padrão de moeda, si bem que milhares de pessoas vivem e morrem sem nunca ver uma moeda de ouro!

O dollar é o rei do dinheiro. Podemos apresentar um banqueiro americano ao lado de uma pilha de 50.000 moedas de 20 dollares!

O DINHEIRO EXOTICO

Nas ilhas do Pacifico usam-se moedas as mais extranhas!

Nas de Salomão usam dentes de porcos marinhos. Nas de Santa Cruz os nativos fabricam anneis com pennas de passaros, sendo um delles sufficiente para comprar uma mulher!

Mas a maior originalidade nota-se na ilha de Yape, onde a moeda é uma pedra circular de mais ou menos 4 metros de diametro, tendo um orificio no centro. Tal moeda não circula, jaz em frente á casa do seu dono, attestando permanentemente a riqueza do mesmo. Ella é feita de pedra trazida de uma ilha distante, e só quem tem muito recurso pode custear o transporte de uma dellas.

Os selvagens africanos usam varios objectos como padrão de troca, destacando-se a cruz de cobre que apresentamos, sufficiente para aquisição de uma mulher.

Apezar da successão das edades, continua a haver profunda diversidade entre o oriente e o occidente!

Os occidentaes trazem o ouro em circulação permanente, os orientaes teem-no como adorno ou enthesourado secretamente.

As projecções a seguir esclarecem perfeitamente este conceito. (*) Apresento uma noiva bulgara, usando corôa de flores e véo de moedas, que constitui o seu dote⁴

Em seguida podereis admirar uma "princeza dos dollares" da Palestina, tendo o rosto coberto de moedas, cuja somma representa grande fortuna. Apresento ainda dois soberanos do Turkestão, trazendo coroas de moedas que pesam 14 kilos mais ou menos e que rarissimas vezes são usados pela difficuldade em supportal-as.

Encerrarei meu estudo com a apresentação de um plutocrata das ilhas de Salomão e de um banqueiro do paiz dos dollares.

Saudação ao Snr. Almirante

G A G O C O U T I N H O

Em sessão de 5—6—29

PAULO JOSÉ PIRES BRANDÃO

Cabe-me a insigne honra de ser o escolhido por meus pares do Conselho Director da *Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro*, para saudal-o ou melhor, agradecer a presença de V. Excia. neste recinto, onde se estuda Geographia com dedicação e amor que só o verdadeiro patriotismo sabe inspirar.

Não tenho credenciaes para apresentar a minha personalidade a não ser a de ultimo dos membros do Conselho Director desta egregia corporação e socio correspondente da Sociedade de Geographia de Lisbôa, da qual é V. Excia. membro conspicuo.

Não foi por acaso que Pedro Alvares Cabral descobriu o Brasil em 1500, como toda a gente hoje o sabe; veio elle a mando de seu rei bemvisto e bemdito, ancho de triumphos que a distancia rebrilhava como as lendas antigas; navegando com rumo certo determinado e rota segura. V. Excia. repetiu quatro seculos decorridos o feito de Cabral não sulcando a espuma das vagas de "mares nunca dantes navegados", mas singrando o infinito azul do firmamento, com a mesma coragem, impellido pelos mesmos ventos e guiados pelas mesmas estrellas. As náus de Cabral vinham pejadas de muita copia de munições, numerosos homens d'armas de corpetes malhados, elmos d' aço reluzentes, clavinotes, espadas, lanças, canhões de bronze, para enfrentar o gentio brabo. V. Excia., trouxe sómente o poema épico de Camões e, em falta de velas, gravou em vossas azas a Cruz de Christo, symbolo da redempção, emblema da nossa fé.

Não foi sómente para repetir o feito de Cabral, nem arrastado pelo espirito de raça que escolheu V. Excia. a terra que vossos antepassados baptisaram de Vera Cruz. Não, procurou V. Excia., terminar gloriosamente o seu feito nas plagas em que nasceram Bartholomeu de Gusmão e Santos Dumont, verdadeiros pioneiros e descobridores da navegação aerea.

Leonardo da Vince, pensou demoradamente na Aviação:

"Tanta forza si fa colla cosa incontro all'
aria, quanto l'aria alla cosa".

mas estava reservado que do genio fecundo e inventivo dos brasileiros nasceria a "Aviação", tem-a segura com mãos herculeas e uma á uma as gerações transmittem em golpes de talento e raios de heroismo E' Bartholomeu de Gusmão que se eleva primeiro, é Santos Dumont que lhe dá a dirigibilidade e levanta o mais pesado do que o ar, é Augusto Severo que segue seus passos, é José do Patrocinio principe dos poetas da palavra alta, que tambem prescuta e algo descobre. Edú Chaves corre ao seu aparelho imperfeito e improprio e num vôo directo banhado de heroismo, coberto de glorias, liga as duas maiores nações da America do Sul, para que outro sul americano não o precedesse. Em Martins a ambição é ainda maior, liga America do Norte á do Sul, passando por cima das florestas inhospitaes e insondaveis da mysteriosa Amazonia, e finalmente Ribeiro de Barros lutando em Porto Praia, atravessa o atlantico repetindo o feito de Gago Coutinho e Saccadura Cabral A primeira das

aeronaves brasileiras chamou-se a "Passarola"; Santos Dumont numerou todos os seus dirigíveis e ao biplano baptisou de "Demoiselle" palavra internacional de origem franceza para designar a obra prima do Creador ainda em flor, a mulher. Patrocínio chamou ao seu de "Santa Cruz"; Ribeiro de Barros, deu o nome da sua cidade natal "Jahú" que foi cantada em prosa e verso cahindo até na satyra do humorismo popular.

Para nesta hora de alegria não correr uma lagrima sentida deixo de mencionar os nomes dos martyres da Aviação que dormem já em grande numero no Pantheon da Patria redimida. Snr. Almirante: Já não lhe era desconhecida esta terra bemfazeja que V. Excia. escolheu para pousar as azas: foi V. Excia. nella testemunha, no limiar da sua carreira, talvez na primeira grande viagem de aprendizagem, de uma das mais tristes paginas da nossa historia — a rubra discordia de 93.

Foi a "Mindello", da divisão naval portugueza, commandada por Augusto de Castilho, e de cuja guarnição V. Excia. fazia parte que asyloou, quando na bahia da Guanabara, um dos maiores vultos da Marinha de Guerra brasileira, aquelle que concretizava em si toda uma classe. Marinheiro, diplomata, gentilhomen, delle disse Eduardo Prado: — "foi o brasileiro mais illustre que veio no estrangeiro".

Não menos expressivas são as palavras de Affonso Celso, nos "Vultos e Factos", sobre quem se chamou Luiz Felipe de Saldanha da Gama.

A civilização ou melhor o renascimento pela invenção da bussula cresceu no mar, pela invenção da imprensa no espirito, pela apparição das artes classicas cresceu na historia, pelo telescopio, cresceu no céu, e pelo vosso sextante, abrindo todas as direcções e encurtando as grandes distancias com segurança, fez a aeronave singrar o firmamento, com o bater das azas de encontro o ar, sustenta a aguia no espaço livre.

Com o passar dos tempos o Brasil hade um dia se independer de Portugal, quando estas tribus de indios que vagueiam nos nossos latifundios distantes e desconhecidos se presmiscuïrem com as differentes raças que povoam a parte civilisada de nossa terra, fundirem em um tipo unico, etnico, um tipo genuinamente brasileiro inconfundivel, que falará a lingua brasileira e o Brasil surgirá como Sparta cujas muralhas serão os musculos, o talento, a sabedoria de seus filhos, a belleza e a virtude de suas mulheres. E ahi com mais valor ainda com as palavras da lingua Brasilica não esquecerão jámais de cantar o feito de Gago Coutinho e Saccadura Cabral com o mesmo ardor, entusiasmo e patriotismo como V. Excia. tem cantado e defendido desassombradamente o feito de Santos Dumont do mais pesado que o ar.

Em breve, vae ser erguido nos rochedos S. Pedro e S. Paulo um pharol que não só servirá para indicar o caminho aos navegantes do mar e do ar, mas, mais do que isso, marcará o ponto em que se deu a tremenda tragedia, em que a divina providencia salvou Gago Coutinho e Saccadura Cabral para atiral-os ainda gottejando agua do Atlantico nos braços delirantes de um povo inteiro numa consagração maxima sincera.

Agradecendo a V. Excia. a paciencia com que ouviu a minha saudação, posso affirmr, que não foi em vão nem inutilmente que trouxe nas azas de Icaro os Lusíadas, porque, assim, posso citar a estrophe:

"Calle-se de Alexandro e de Trajano,
A fama das victorias que tiveram:
Que eu canto o peito illustre Lusitano,
A quem Neptuno e Marte obedeceram:
Cesse tudo o que a musica antiga canta,
Que outro poder mais alto se alevanta."

RELATORIO

DO

Presidente General Doutor José Maria Moreira Guimarães

Relativo ao anno de 1928

“Illustres consocios da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro.

Pela confiança com que tanto me honrastes, reelegendo-me, ainda uma vez para dirigir os destinos na *Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro*, aqui venho, antes de tudo, agradecer-vos as manifestações dessa devéras alentadora confiança, formulando os melhores votos por que sejam fecundos de beneficios para a veneranda *Sociedade de Geographia* os dias de 1929.

Sem mais demora, vou relatar-vos o que de mais interessante ocorreu no anno transacto nesta douda associação, cujo passado é a segurança do seu esplendoroso futuro.

S E S S Õ E S

Em 1928 realizaram-se quatro assembléas geraes, dez sessões ordinarias e as duas sessões magnas determinadas pelos Estatutos.

A 1ª assembléa geral (ordinaria) se reuniu exclusivamente para julgar as contas de 1927 e conhecer o relatorio do Presidente, relativo ao mesmo anno; a 2ª (extraordinaria) foi convocada para votar a proposta da Directoria, tornando socio benemerito o Sr. João Ribeiro Mendes; a 3ª (extraordinaria) teve por fim a eleição do Snr. Charles A. Sylvester para socio benemerito e a 4ª (ordinaria) realizou-se para eleição da Directoria, Conselho Director e Comissões Permanentes que devem servir no biennio de 1929-1930.

As duas sessões magnas, como manda a nossa lei, foram as de 22 de Fevereiro e 16 de Setembro, commemorando a primeira o 45º anniversario da fundação e a outra igual ephemeride da installação da *Sociedade*.

As dez sessões ordinarias, igualmente determinadas pelos Estatutos, tiveram character administrativo, além das communicções geographicas havidas em todas ellas.

C O N F E R E N C I A S

A 1ª conferencia de 1928, a 27 de Julho, fel-a o socio correspondente Dr. José Custodio Alves de Lima. Tratou elle da aviação estudando o seu papel como instrumento mais poderoso, mais efficaz para a expansão da riqueza economica de qualquer paiz e consequente paz do mundo”; a 2ª e a 3ª, a 15 e a 29 de Setembro, foram proferidas pelo Snr. Ministro Albert Gertsh, socio correspondente, que, ainda uma vez, tratou do seu paiz — a Suissa — e illustrou o seu trabalho com interessantissimas projecções luminosas; a 4ª, a 20 de Dezembro, foi uma palestra sobre a “Bahia”. O socio correspondente, Dr. Bernardino José de Souza, que a realizou, descreveu em erudita synthese o Estado da Bahia nos seus multiplos aspectos.

P U B L I C A Ç Õ E S

Publicaram-se os tomos relativos a 1927 e a 1928 (1ª parte), estando em adeantada elaboração o concernente á segunda parte do anno proximo findo. Caminha, assim, em dia a nossa "Revista", que tem inserido producções dignas do maior encomio.

O serviço de permutas tem progredido de mez para mez e, para isso, tem corrido, por certo, a maior pontualidade na remessa do organ da *Sociedade*, o qual, graças a melhores recursos pecuniarios — embora ainda menos modestos, — a partir do anno passado está sendo editado semestralmente, nos termos do art. 32 dos Estatutos.

C O M M U N I C A Ç Õ E S G E O G R A P H I C A S

A feliz iniciativa do Conselho Director, de fazerem os seus membros, ou outros quaesquer socios, communicações nas sessões ordinarias, tem sido praticada com inteira pontualidade e muita vantagem para a explanação de assumptos geographicos, pois trouxeram a sua brilhante collaboraço os socios Dr. Roberto Moreira da Costa Lima, professor Lindolpho Xavier, Dr. Mario Rodrigues de Souza, Dr. Sylvio Fróes Abreu, professor Luiz Duarte Gama, Dr. Alcides Bezerra, professor Lupercio Hoppe, Dr. José Mattoso Maia Forte, doutora Isaura Sydney Gasparini, Dr. Paulo José Pires Brandão, Dr. Erasmo Braga, Dr. Octavio Vinelli e Dr. Everardo Backheuser.

S E C R E T A R I A , M A P P O T H E C A E B I B L I O T H E C A

Estas secções, cujo movimento se amplia continuamente, vêm preenchendo cabalmente os seus fins, attendendo a quantos as procuram. A Mappotheca e a Bibliotheca estão inteiramente catalogadas, o que tem facilitado a consulta dos livros, cartas e mappas que as constituem.

T H E S O U R A R I A

Continúa á frente da Thesouraria o socio benemerito Dr. Alberto Couto Fernandes, que nesse posto persiste prestando valiosos serviços á *Sociedade*.

Pelo balancete que acompanha este relatorio, terão os dignos consocios exacta noticia da applicação dos exiguos recursos pecuniarios da nossa agremiação.

C A D A S T R O S O C I A L

Em 1928, foram eleitos: Socios benemeritos: Snrs. João Ribeiro Mendes e Charles A. Sylvester. Socios effectivos: Drs. Alvarenga Fonseca, J. M. Silva Rosa Junior, João Pedro Carneiro da Cunha, Lupercio Hoppe, Arthur Vieira Peixoto, Mario Bulhão Ramos, Octavio Vinelli, general Dr. Mario Barreto, Drs. Lysannias de Cerqueira Leite, Roméro Zander, Savino Gasparini e capitão do Exercito Angelo Mendes de Moraes. Correspondentes: Drs. Paulo Francisco de Andrade Arantes, Manoel Aarão, João Pinto da Silva, Mario Guastini, Francisco Henrique Moreno Brandão e José Ricardo Lima (do Perú).

Falleceram no mesmo anno: os Drs. Manoel de Oliveira Lima, vice-presidente honorario, Susviela Guarch, socio honorario, Antonino da Silva Neves, Sebastião Galvão, Abdias Neves e Joaquim Goulart de Andrade, correspondentes, Antonio Carlos de Arruda Beltrão, do Conselho Director, Daniel Henninger, 2º vice-presidente e Ferdinando Labouriau Junior, socio effectivo.

D I R E C T O R I A E C O N S E L H O D I R E C T O R

Usando da attribuição que me confere o nº V do art. 12 dos Estatutos, nomeei os Snrs. professor La-Fayette Côrtes e Dr. João Pedro Carneiro da Cunha, para substituirem, respectivamente, os Drs. João Domingues de Oliveira e Randolpho Chagas, durante os seus impedimentos, e os Drs. José Mattoso Maia Forte e Sylvio Fróes Abreu para servirem interinamente no Conselho Director, onde, nesse character, teve assento o almirante J. M. Monteiro.

V I D A S O C I A L

Attendeu sempre a *Sociedade* aos convites que lhe dirigiram para sessões, conferencias e recepções de character official ou diplomatico, assim como realizou sessões commemorando o tragico desapparecimento de Roalddsen e dos illustres patricios viajantes do "Santos Dumont". Naquella solennidade falaram, além do Presidente, o professor La-Fayette Côrtes, orador official, e padre Dr. Geraldo José Pauwels; nesta, oraram o Presidente, o professor Lindolpho Xavier e o Dr. Roberto Moreira da Costa Lima. Compareceu, na pessoa do professor Dr. Everardo Backheuser, ás festi-

vidades commemorativas do centenario da Sociedade de Geographia de Berlim e teria participado dos trabalhos do Congresso Internacional de Geographia de Londres e Cambridge, si notorio motivo de força maior não houvesse antecipado o regresso ao Brasil daquelle eminente consocio.

Aqui estão, muito resumidamente, os factos capitaes, occorridos em 1928, e que interessam á vida da *Sociedade de Geographia*.

Claro está que nem tudo se fez nesse anno.

O problema do edificio destinado á séde da *Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro* ainda não foi resolvido. E urge uma solução para esse problema: de um lado a impropriedade do em que está installada a referida associação; do outro lado porque esse edificio nos não pertence, e a Mitra, na questão judiciaria, que promoveu, logrou mui legalmente a victoria dos seus direitos, cabendo-lhe, a ella, a posse legitima do mesmo edificio.

Precisa a *Sociedade de Geographia* de um edificio proprio, afim de que lhe sejam installadas as dependencias de que urgentemente carece, consoante as idéas por mim expendidas em relatorio anterior.

Quanto ao mais, trabalhemos com o mesmo ardor de sempre, honrando as nobres tradições da *Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro* que não quer ser util senão á Patria, cuja terra e cujo povo exigem todo o nosso esforço e inteira dedicação de que somos capazes, estudando cada vez mais a geographia do nosso paiz, para bem conhecermos não só a riqueza na superficie de nosso territorio, mas aquella outra riqueza que tanto se conserva distanciada de nossos olhos".

DIRECTORIA, CONSELHO DIRECTOR E COMMISSÕES PERMANENTES 1929 — 1930

Presidente — General Dr. José Maria Moreira Guimarães, 1º vice-presidente — Professor Lindolpho Xavier; 2º vice-presidente — Dr. Everardo Backheuser; 3º vice-presidente — Dr. Randolpho Chagas; secretario geral — Dr. Carlos Augusto Guimarães Domingues; 1º secretario — Dr. João Alcides Bezerra Cavalcanti; 2º secretario — Dr. João Ribeiro Mendes; thesoureiro — Dr. Alberto Couto Fernandes e orador — Professor Lafayette Côrtes.

Conselho Director — Dr. Alexandre Emilio Sommier, Dr. Carlos Miguel Delgado de Carvalho, Edmundo Felix Tribouillet, Dr. Erasmo Braga, padre Dr. Geraldo José Pauwles, doutora Isaura Sydney Gasparini, Dr. João Barbosa Rodrigues Junior, Dr. João Raymundo Duarte, Dr. José Mattoso Maia Forte, General Dr. Liberato Bittencourt, Dr. Mario Rodrigues de Souza, Dr. Paulo José Pires Brandão, Dr. Roberto Moreira da Costa Lima, Dr. Saul de Gusmão, General Dr. Samuel de Oliveira, Dr. Sylvio Fróes Abreu, Dr. Taciano Accioli Monteiro e Dr. Vicente Licinio Cardoso.

Director do Expediente: Dr. Carlos Guimarães Bittencourt.

Commissões Permanentes — Geographia Physica — Dr. José Mattoso Sampaio Correia, Commandante Eugenio Teixeira de Castro, Drs. Mario Moura Brasil do Amaral, Octavio Vinelli e Tenente José Augusto Barbosa, Geographia Politica — Drs. Everardo, Backheuser, Manoel Cicero Peregrino da Silva, Laudelino Freire, Arthur Vieira Peixoto e Arnaldo Gomes da Costa. Geographia Mathematica — Drs. Paulo de Frontin, Aarão Reis, Romero Zander, Mario Rodrigues de Souza e General Dr. Mario Barreto. Geographia Historica — Drs. Clodomiro de Vasconcellos, José Mattoso Maia Forte, Pandiá Henrmann Tautphoeus Castello Branco, Saul de — Drs. Miguel Calmon du Pin e Almeida Lindolpho Xavier, Victor Viana, João Lyra Tavares e Lupercio Hoppe. Geographia Medica e Biologica — Almirante Dr. Carlos Gusmão e padre Dr. Geraldo José Pauwles. Geographia Economica e Commercial de Barros Raja-Gabaglia, Drs. Theophilo de Almeida, Castorino de Oliveira Guimarães, Americo da Silva Pinto e João Barbosa Rodrigues Junior. Ensino de Geographia — Drs. Mario Rezende, Othelo de Souza Reis, Lafayette Côrtes, Alexandre Emilio Sommier e João Pedro Carneiro da Cunha. Estudos Americanistas — Drs. Antonio Carlos Simoens da Silva, Roberto Moreira da Costa Lima, Erasmo Braga, Jonathas Serrano e Francisco Pereira Lessa. Meteorologia e Magnetismo Terrestre — Drs. Henrique Morize, Mario Rodrigues de Souza, Commandantes Frederico Villar e Thiers Fleming e Dr. Luiz José Le Coq de Oliveira. Hydrographia — Drs. Manoel da Silva Couto, Hildebrando de Araujo Góes, Alfredo Lisboa, José Domingues Belfort Vieira e Almirante José Manoel Monteiro. Cartographia — General Dr. Luiz Sombra, Coronel Dr. Francisco Jossé Pinto, Major Francisco Jaguaribe Gomes de Mattos, Professores Olavo Freire e Auro Montagna. Redacção — Drs. Lindolpho Xavier, Carlos Delgado de Carvalho, Alcides Bezerra, Vicente Licinio Cardoso e General Dr. Liberato Bittencourt. Contas — Drs. Augusto Carlos Moreira Guimarães, Alberto Xavier, Taciano Accioli Monteiro, João Ribeiro Mendes e Luiz Duarte Gama.

